

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

***Angolanos em São Paulo: socialização,
rede familiar
e suas histórias de vida e de luta***

Antonia de Lourdes dos Santos

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

***Angolanos em São Paulo: socialização,
rede familiar
e suas histórias de vida e de luta***

Antonia de Lourdes dos Santos

**Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Sociologia como exigência parcial
para obtenção do título de Mestre
em Sociologia sob orientação do
Prof. Dr. Fernando Augusto
Albuquerque Mourão.**

**São Paulo
2005**

AGRADECIMENTOS

Ao Professores

Fernando Mourão, orientador e

Kabengele Munanga e *Carlos Serrano*, co-orientadores,

pela paciência, amizade e disposição em dividir comigo suas experiências e seus conhecimentos.

Ao Centro de Estudos Africanos, onde tudo começou.

E aos verdadeiros responsáveis:

meus pais, pelos ensinamentos,

minhas irmãs: *Penha* e *Maria Odete*, pela confiança,

e ao *Selito*, companheiro de todas as horas, por acreditar.

À minha família alargada, de Osasco, de São Paulo e da USP.

Aos angolanos e angolanas daqui de São Paulo e de Luanda,

Enfim, a todas as outras pessoas

que estiveram presentes e torceram por mim

Muito obrigado.

RESUMO

O presente trabalho tem como enfoque a vinda de angolanos para São Paulo, como estas pessoas vieram para o Brasil, porque vieram, o que vieram fazer e porque escolheram a cidade de São Paulo. Já moradores, como enfrentaram e superaram as dificuldades encontradas, como foram se organizando, conhecendo pessoas e estabelecendo laços de amizade.

Percebemos que enquanto alguns vêm, estudam, trabalham e querem voltar, muitos outros querem ficar, mas, porquê? Talvez a resposta esteja relacionada diretamente aos motivos que fizeram com que os angolanos viessem para cá, e em especial àquilo que aqui encontraram.

Acreditamos que esta vivência formou um novo contexto ao qual também denominamos familiar, ou seja, um novo contexto onde se misturam o aprendizado da família angolana e o que foi apreendido com amigos, colegas, professores, etc., que passaram a compor a rede de convívio e de amizades aqui em São Paulo. Estas experiências, tanto da família que ficou em Angola, mais esta rede familiar que se formou em São Paulo, são nosso principal objeto de estudo para entender a história de vida e de luta desses homens e mulheres.

Palavras-chave: Angola; Rede Familiar; Angolanos; Socialização; Histórias de Vida

ABSTRACT

The present work deals with the coming of Angolans for São Paulo. How and why they came and what were their expectance are our questions. So we tried to understand why they chose the city of São Paulo, and, already established here, how they had faced and, consequently, overcame the founded difficulties, how they organized their life, their friendship relations, their families, their survival, and so on.

We notice that while some come to make studies, and also work, and do it, and after this return to the country of origin, many others want to stay there. But, why? Maybe the answer is related directly to the reasons that make some Angolans came for São Paulo, and especially to the type of life they faced here.

We believed that this experience formed a new context to which we also denominated family, in other words, a new context where is mixed the learning of the Angolan family and what was apprehended with friends, colleagues, teachers, etc. in the location, that had influenced the compounding of a new family relationship and also new friendships nets here in São Paulo. These experiences, as those apprehended in the familiar circle they had had in Angola and the new ones acquired in in São Paulo are our main study object to understand the history life and efforts of these men and women.

Key-words: Angola; Family net; Angolan; Socialization; Histories of Life

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	7
I – O TRABALHO... OBJETO DA PESQUISA	10
1) O OBJETIVO	10
2) O CAMPO EM LUANDA	11
2.1) O CAMPO EM SÃO PAULO.....	12
II – REVISÃO DA LITERATURA	15
III – O PASSADO EM ANGOLA	34
1) REFERÊNCIAS HISTÓRICAS – A FAMÍLIA QUE AGREGA... ..	34
2) A VIDA EM TEMPOS DE GUERRA... CONSEQUÊNCIAS	48
3) OS MENINOS SOLDADOS	57
4) A GUERRA QUE EXILA.....	62
IV – ANGOLANOS EM SÃO PAULO	72
4.1) O INÍCIO DE UMA NOVA ETAPA – A VINDA PARA SÃO PAULO.....	72
4.2) RELAÇÕES DE CONVÍVIO E DE AMIZADE	77
4.3) RELAÇÕES FAMILIARES NO BRASIL.....	80
4.4) PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL.....	87
4.5) PASSOS CURTOS EM BUSCA DE UM OBJETIVO	91
4.6) O RETORNO PARA ANGOLA, A CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
BIBLIOGRAFIA	106
ANEXOS.....	111
MAPA DE ANGOLA - PROVÍNCIA DE ORIGEM DOS ENTREVISTADOS	
QUALIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	
QUALIFICAÇÃO DOS MENINOS SOLDADOS	
.....	

Introdução

O presente trabalho diz respeito às redes de socialização, familiares e de amizade estabelecidas entre moradores da cidade de São Paulo e angolanos que para cá vieram em busca de uma vida melhor, de estudo e de trabalho.

Neste sentido, nossa preocupação vai estar presente nos laços que se formaram por estes novos habitantes, que foram se acostumando e se misturando e que ainda mantêm forte união com a terra natal, em especial, por conta de todos os acontecimentos que afetaram o País, assim como as relações familiares mantidas antes e depois da chegada ao Brasil.

Acreditamos que os fatores necessários para se entender uma população, sua cultura e seus costumes, podem ser respondidos pelo estudo de uma célula desta sociedade: a família, elo que irá fortalecer e legitimar as relações entre as pessoas, a vida em grupo, a participação, a convivência, e a comunicação entre os seres.

Entendemos ser a família o meio primaz de nossas experiências com o outro, de nossas relações sociais, nossa primeira escola, nossa primeira sociedade, nosso primeiro contato com o mundo exterior, onde formalizamos nossa identidade, ou seja, meio onde nossa formação primeira será marcada e assimilada, de onde retransmitiremos e partilharemos nossas vivências, sejam elas satisfatórias ou não.

Burke (2002:81) define a família como “o exemplo mais óbvio de uma instituição composta de um conjunto de papéis mutuamente dependentes e complementares. (...) Não seria apenas uma unidade residencial, mas também uma unidade econômica e jurídica. Seria ainda um fator adicional mais importante: uma comunidade moral, no sentido de ser um grupo com o qual os membros se identificam e mantêm envolvimento emocional.”

O estudo das relações familiares diz respeito ao fato de ser a família fonte inesgotável de conhecimento, seja ele no campo social, educacional ou psicológico, uma vez que estamos falando de pessoas que interagem e procuram crescer e se desenvolver; de pessoas que se relacionam entre si e com a sociedade a qual pertencem, e que não estão limitadas a definições de dicionários.

Logo, as transformações internas e externas que vêm incessantemente alterando os antigos “modelos” familiares, passaram a ser um questionamento para muitos estudiosos. Chama a atenção, o número crescente de famílias chefiadas por mulheres, assim como para outras que, por morte ou outros eventos, tiveram, da noite para o dia, o número de membros reduzido ou alargado.

Para Gerstel e Gross¹ a família deixa de ser um lar para tornar-se uma rede local, uma vizinhança e Prado (1985) ainda enfatiza propondo ser a família uma instituição social que varia através da história.

Hoje presenciamos, em nossas sociedades, famílias formadas por adultos solteiros, responsáveis por menores com ou sem grau de consanguinidade. Há, ainda, a possibilidade de se considerar como família a convivência de um grupo de amigos. As redes familiares foram assim se alargando e ganhando ou agregando, novo *status*. Vemos então que a dinâmica familiar deve ser abordada através de vários significados: grupo de pessoas que vivem na mesma casa, rede local, unidade que permite sobrevivência, unidade que organiza o mundo das pessoas, enfim, famílias que se formam de acordo com as pressões e necessidades sócio-culturais de cada sociedade.

Por meio de relatos e vivências, chegamos às famílias com histórico de violência, neste caso, foco de nosso estudo, fatores desestabilizantes e desestruturantes causados pela exposição à guerra. Neste sentido, a pesquisa tem como propósito o acolhimento das histórias e experiências de

¹ GERSTEL, Naomi e GROSS, Harriet (orgs.) “Families and work”. Filadélfia: Temple University Press, 1987. In: *Dicionário do Pensamento Social do século XX*. OUTHWAITE, W. & BOTTOMORE, I. (eds.) Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed., 1996, p. 298.

vida, assim como dos valores culturais e materiais transmitidos e também absorvidos por angolanos, hoje residentes na cidade de São Paulo.

Acreditamos que ao transformar as vivências e os traços mnemônicos em escrita, contribuímos para a reinscrição da história pessoal destes angolanos. Logo, os relatos coletados são agora fonte de aprendizagem não apenas sobre a cultura e a história de Angola, mas de toda uma geração.

Nosso objetivo foi procurar entender a possível reestruturação psíquica e social do sujeito obrigado a se manter distante dos laços culturais e familiares e se essa ruptura cultural e social pôde ser amenizada por novos arranjos familiares e processos de socialização.

Os relatos dos entrevistados nos possibilitaram conhecer e traçar uma trajetória das relações familiares de angolanos que hoje, morando nesta cidade, têm uma dupla vivência e experiência familiar: uma como raiz da família africana angolana e outra originária dos laços familiares e de amizade constituídos após chegada a São Paulo. Possibilitaram também conhecer quais as conseqüências da guerra neste contexto familiar, sejam elas no campo da educação, do social ou do psíquico.

Os relatos nos levaram ainda a entender as diferentes trajetórias de angolanos que vieram para São Paulo, sendo que muitos vieram com a preocupação de estudar e voltar para ajudar na reconstrução social e educacional de Angola. Diferentemente destes, outros não têm a pretensão de voltar, uma vez que aqui encontraram melhores condições de vida, segurança e possibilidades de ascensão.

I – O trabalho... objeto da pesquisa

1) o objetivo

A presente pesquisa nasceu da convivência com estudantes africanos provenientes de diferentes países, e que freqüentavam o Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo, ora em busca de apoio acadêmico, ora financeiro ou ainda em busca de um local que fossem apenas acolhidos. A amizade e o companheirismo foram se solidificando e se estendendo a outros estudantes e pesquisadores brasileiros que se preocupavam com os estudos africanos tanto em África quanto com as relações históricas, comerciais e sociais entre esse Continente e o Brasil.

Neste compasso e, com o decorrer do tempo, surgiram os questionamentos sobre a vida no Brasil e em especial, sobre o convívio longe da família. Principalmente porque “estar em família” e a “força da família” era um fator de grande importância e um assunto sempre comentado nas nossas rodas de conversas. Parecia que a família brasileira nunca estaria aos pés da família africana, mesmo sendo uma família afro-descendente.

Mesmo que falasse sobre os ensinamentos passados através de histórias antigas, que foram contadas por nossos pais, que as aprenderam com seus pais, que também as aprenderam com seus pais... ou, da rígida educação que sempre valorizava o respeito e a obediência aos mais velhos, mesmo assim, não era o suficiente para que eu conseguisse perscrutar a essência de uma família africana.

A escolha do país deveu-se à proximidade da língua, fator de grande relevância no que diz respeito ao acesso e obtenção da bibliografia a ser pesquisada. Além disso, naquele momento, Angola chegava ao fim de uma longa e desastrosa guerra civil, o que possivelmente seria palco de vários estudos em diferentes níveis, além disso, poderíamos procurar entender o

processo de desmantelamento da família, traçando uma linha imaginária entre o conceito de família africana angolana, o que restou dela após tantos anos de guerra e tentar detectar qual é a família que existe hoje em Angola.

No início, a pesquisa seria desenvolvida necessariamente com estudantes angolanos que estivessem cursando a graduação ou pós-graduação, que escolheram a cidade de São Paulo para estudar, trabalhar, criar vínculos, constituir um lar, uma família, que tivessem vindo para o Brasil com ou sem ajuda do governo angolano e questionar quais seriam suas perspectivas quanto a permanecer ou não no país.

A escolha desta população diz respeito ao fato de que, por serem estudantes de curso superior, entendíamos que seriam pessoas mais politizadas, com maiores perspectivas e possibilidades para oferecer ajuda na reconstrução social do país (Angola), em especial no campo da educação. Além disso, tornou-se como ponto de referência o período respeitante à guerra civil (1975-2002), no qual o ponto de vista, a condição e os objetivos destes angolanos são totalmente diferenciados daqueles que vivenciaram o conflito da guerra colonial.

2) o campo em Luanda

Em viagem a Luanda em meados de setembro de 2003, conhecemos alguns organismos não governamentais que desempenham inúmeros trabalhos junto à população mais pobre moradora dos bairros mais afastados e carentes:

A *Organização de Apoio ao Desenvolvimento Comunitário* (OADEC), mantida por Kiala André Bela, advogado, especialista em Direitos Humanos, realiza trabalhos voltados para a integração dos refugiados no Palanca, Bairro com grande concentração de refugiados congolese.

Os *Centros de Saúde Reprodutiva* são mantidos e financiados pela entidade internacional Marie Stopes em Angola desde 1998. Estão localizados no Bairro Hoji Ya Henda em Cazenga e no Bairro Popular Kilamba Kiayi, mantendo seu escritório na região central de Luanda; os Centros oferecem ajuda aos portadores de HIV, tratamento e prevenção de

DSTs e auxílio ao planejamento familiar. Agradecemos a diretora, Doutora Paula Figueiredo e sua assistente, senhora Etelvina Guerreiro, pela assistência oferecida quando da visita a estes centros.

Tivemos ainda ocasião de conhecer a *Christian Children's Fund* (CCF-Angola), organização cristã que desenvolve trabalhos na área de atenção a problemas psico-sociais de crianças e adolescentes vitimados pela guerra, onde conseguimos adquirir bibliografia específica relacionada aos projetos desenvolvidos.

Mantivemos contato também junto à *Fundação Eduardo dos Santos* (FESA), órgão que discute e apóia ações relativas à família e à criança, tendo a oportunidade de conhecer algumas de suas dependências, entre elas, um complexo poliesportivo em fase final de construção.

Visitamos e realizamos pesquisa bibliográfica também no Arquivo Histórico Nacional e, em encontro com a diretora, professora Rosa Cruz e Silva, ela mostrou-se bastante confiante na recuperação do país, pois agora, com o final da guerra, as publicações poderiam voltar a circular mais rapidamente.

2.1) o campo em São Paulo

Tivemos uma certa dificuldade na construção do campo idealizado e na concretização das entrevistas. Em um primeiro momento, tínhamos como objeto de investigação, as relações de amizade e a socialização de estudantes angolanos em São Paulo. Neste processo, nosso interesse centrava-se no que motivava a vinda para esta cidade e quais as perspectivas destes com o final da guerra.

Com a dificuldade em se obter um maior número de entrevistados para melhor qualificar o campo, decidimos alargar o leque de entrevistados. Assim, nossa proposta ficou mais generalizada, abrindo-se a pesquisa para as relações familiares e de sociabilidade entre angolanos e a população local.

Ainda neste processo encontramos muitas dificuldades na realização das entrevistas com angolanos que, em geral, sentiam-se muito desconfiados e relutantes em participar de uma pesquisa. Este foi um problema delicado e trabalhado durante alguns meses, felizmente solucionado.

Nossa proposta inicial era a de coletar o relato dos entrevistados por meio de entrevistas fechadas, orientadas por um roteiro pré-estabelecido e por questionários a serem preenchidos e devolvidos por correio postal ou eletrônico.

Entretanto, o primeiro estudante a nos conceder entrevista, só o fez após longas conversas sobre nosso trabalho. Assim que pode ter certeza da seriedade e objetividade da pesquisa, concordou em marcar a data para a entrevista e ainda entrou em contato com outros angolanos para falar sobre a pesquisa e pedir que se dispusessem a nos ajudar. Além disso, propôs-se ainda a manter outras conversas nas quais passou a nos elucidar vários assuntos pertinentes ao seu país.

Assim, a maioria das entrevistas foi realizada de viva voz; alguns entrevistados vieram a nosso encontro para a realização de suas entrevistas. Noutros casos nós nos deslocamos para ir de encontro a eles, ou em algum ambiente acadêmico, salas de aulas, salas de estudos, ou na residência do entrevistado. Houve ainda alguns casos que os questionários foram enviados por correio eletrônico. É necessário registrar que, para a realização de todas as entrevistas foi necessário um “interventor”, alguém que fizesse uma apresentação prévia de nossa pessoa (no caso dos entrevistados que não conhecíamos).

A insegurança, o medo, a perseguição e as incertezas dos tempos de guerra não vão desaparecer da mente destes indivíduos, em especial porque fazem parte de uma população que, em sua maioria, se refugiou no Brasil, como em outros países, para terem a chance de uma vida melhor. Vieram assim, em busca de segurança e formação acadêmica e qualificação profissional; precisam acreditar ao menos momentaneamente, que podem viver em um país sem o temor de que a morte irá bater à sua porta, a qualquer hora do dia e da noite.

Neste ponto é preciso destacar as diferenças existentes entre as entrevistas que foram gravadas *in loco*, das entrevistas que foram enviadas por correio eletrônico.

É claro que a explanação pressupõe uma dinâmica. Respostas dadas diante de questionamentos tendo em vista a interação com o entrevistador, por mais que este se colocasse de forma a não interferir nos conceitos ali

explanados, sofrem interferências. Torna-se impossível no entanto, não levar em consideração, na análise das entrevistas, o *quantum* de emoção que foi dispensado em cada uma das respostas emitidas.

Porém vale lembrar ainda que, mesmo sem esta interação, foi possível notar uma maior sensibilidade em alguns dos questionários coletados, o que nos leva a acreditar que a emoção dos entrevistados em responder ao questionamento formulado, deve-se ao assunto e à forma que este está sendo abordado, e não à presença ou ausência do entrevistador.

Levamos ainda em consideração que, para entendermos a presença, e, em alguns casos, a permanência de angolanos em São Paulo, sua contribuição, troca de experiências, as relações de socialização e o contexto familiar, deveríamos ainda proceder a uma revisão da literatura que contemplasse os modelos de estrutura familiar existentes, a contextualização histórica e social do país de origem. Estes dados viriam assim a corroborar os relatos colhidos. Desta forma, poderíamos entender com maior amplitude, quem são estes angolanos, quais são suas histórias, seus desejos e suas perspectivas, e porque escolheram São Paulo para convivência.

Foi o que objetivamos e pensamos ter conseguido realizar, ainda que de forma a apenas contextualizar estes aspectos, que sem dúvida merecem trabalho mais aprofundado.

De acordo com Queiroz (1983:91):

... depoimentos pessoais, a partir do momento em que foram gerados passam a constituir documentos como quaisquer outros, isto é, se definem em função das informações, indicações, esclarecimentos, escritos ou registrados, que levam a elucidar questões de determinadas questões e funcionam também como provas.

Neste sentido, as entrevistas tiveram como objetivo conhecer um pouco mais sobre esta cultura, entender as relações de convívio, de amizade e a estrutura familiar angolana. Os depoimentos gravados foram transcritos integralmente para preservar a elaboração e a contribuição de cada entrevistado; tais documentos encontram-se anexados ao final deste trabalho.

II – Revisão da Literatura

Os malefícios causados pelos processos de colonização atingiram proporções desastrosas, mundialmente conhecidas e que levarão mais alguns séculos para se dissiparem, se for possível. Aos que foram submetidos a tal processo, restou, de acordo com Albert Memmi (1967) em *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, a dúvida de que não saberíamos de seu futuro sem a intervenção do colonizador, mas, a recíproca é verdadeira uma vez que, na dialética da colonização, a existência de um só foi possível pela existência do outro.

Diante de invasores que procuravam riqueza e mão-de-obra barata, mas que também possuíam os armamentos, as comunidades autóctones submetem-se ao poder do homem branco e acabam por permitir o aniquilamento de sua cultura. Com as sociedades devastadas, as culturas desprezadas, e os povos dominados, subjugados e assassinados, cedem à ideologia da colonização e aceitam a condição de inferioridade diante da superioridade do colonizador.

No decorrer das páginas Memmi vai moldando os retratos assumidos ora por colonizadores e ora por colonizados, as relações de poder entre colônia e metrópole e entre os protagonistas bem as ambigüidades do presente processo.

No livro: *Angola, cinco século de exploração portuguesa*, Américo Boavida (1967) faz uma denúncia e aponta meticulosamente as feridas abertas pelo colonizador em solo angolano. Aponta para o genocídio e para o extermínio cultural e material que a colonização portuguesa provocou.

Insurge-se contra o monopólio português e nos alerta para o parasitismo da dependência imposto em todas as colônias de Portugal, uma vez que, quanto mais ricas fossem, mais pobres se tornariam as colônias. Após uma discussão dos contextos político, histórico e econômico, propõe

uma mobilização dos movimentos nacionais e de todos os setores para que a independência possa deixar de ser um sonho e passe a se tornar realidade. Que a ferida enfim possa ser curada.

Impondo uma luta desumana e desigual, a colonização tem, como principal fundamento, oprimir e aniquilar o colonizado, portanto, para Américo Boavida, a guerra justifica-se: tem o propósito de acabar com a opressão e discriminação e os maus tratos sofridos por uma comunidade oprimida por uma minoria opressora. É uma luta de classes, entre os escravizados e os senhores, entre os colonizados e os colonizadores, entre a imposição de uma cultura sobre aqueles que se recusam a negar suas origens. Pelo direito de organizarem-se, viverem e administrarem seu estado, em conformidade com suas práticas e políticas locais, conforme seus próprios interesses e de comum acordo com seu povo.

Fernando Mourão (1988), em sua tese de livre-docência *Continuidades e descontinuidades de um processo colonial através de uma leitura de Luanda*, procura traçar um esboço da ocupação do território angolano pelos portugueses na época da colonização demarcando um desenho dessa ocupação através do crescimento e desenvolvimento das cidades, dos grupos somáticos, das relações comerciais que foram se estabelecendo, da expropriação da terra e da perda da hegemonia africana.

Faz ainda uma reflexão buscando entender as relações de poder que se estabelecem na ocupação do país; aprofunda a discussão sobre as questões relativas à classificação da população de acordo com grupos somáticos, assim como sobre o tipo de estratégias implementadas na ocupação do território, e qual o conhecimento que Portugal detinha sobre o interior do país.

O estudo comparativo da população conforme o tipo somático segue sendo de crucial importância para se compreender como se deu o processo de apropriação dos vários espaços do território, uma vez que os sujeitos eram considerados indígenas², portanto, não civilizados. Em consulta às *Instruções*

² **Estatuto de 1929** (Decreto nº 16.473, de 6 de fevereiro de 1929): Art. 2º: “Para efeitos do presente Estatuto, são considerados indígenas os indivíduos de raça negra, ou seus

no Censo Geral da População de Angola de 1950, podia-se ter acesso às formas de que procuravam diferenciação entre os civilizados e os não civilizados. Tais diretivas impunham parâmetros que estabeleciam critérios de adequação social e cultural, para que os não civilizados pudessem ascender à categoria de civilizados, necessitando assim, manter o mesmo modo de vida, costumes, hábitos e tradições comuns aos europeus.

Desta forma, os civilizados passavam à categoria de assimilado através de um processo administrativo burocrático, dirigido pelo chefe do posto ou autoridade administrativa. O processo consistia em exames da língua portuguesa, visitas às residências para verificação *in loco* a fim de detectar se já tinham adquirido hábitos europeus como utilização de pratos e talheres, além da coleta de informações via terceiros.

Ainda sobre o processo de assimilação, em entrevista realizada por Mourão, o pastor protestante Sebastião Paes Domingues afirmou que por diversas vezes emprestou sua mobília para moradores que, por ocasião das visitas da comissão encarregada, pudessem provar que *viviam à européia*, e assim confirmarem a condição de assimilados.

Assim, para serem considerados 'civilizados' aos olhos dos colonizadores, os africanos deveriam se adequar aos seus costumes, utilizando-se de vestimentas, da língua do colonizador, etc., ou seja, deixar para trás seus valores e tradições.

É importante frisar que o aparecimento de indústrias de capital estrangeiro, a expropriação da terra para os colonos brancos, sem direito ao cultivo da agricultura de subsistência, a obrigatoriedade do cultivo de um só produto, a imposição do trabalho forçado e muitas vezes a falta dele, foram os fatores que contribuíram para que os angolanos comesçassem o processo de insurreição após tantos anos de sofrimento.

descendentes que, pela sua ilustração e costumes, não se distinguam do comum daquela raça, ou que estejam em tais condições”.

Estatuto de 1954 (Decreto-Lei nº 39.666, de 20 de maio de 1954): Art. 2º: “São considerados indígenas, nas referidas províncias, os indivíduos de raça negra que nelas tendo nascido, ou vivendo habitualmente, ainda não possuam a cultura e os hábitos individuais e sociais exigidos pela integral aplicação do direito público e privado dos cidadãos portugueses”.

Parágrafo único: “Consideram-se igualmente indígenas os indivíduos nascidos de pai e mãe indígenas em diferente local destas províncias, para onde, provisoriamente, se tenham deslocado os pais”.

De acordo com Kabengele Munanga (2000) em seu artigo “Etnicidade, violência e direitos humanos em África”, existe uma pré-disposição do colonizador que procura todas as formas possíveis para dividir, discriminar e impor de forma violenta sua cultura. Nunca se ouviu dizer nem sequer pensar na possibilidade de uma forma de relacionamento entre os povos que não fosse pela violência, pelo sofrimento, pelo uso das armas, pela disseminação do medo.

O colonizador cria, assim, suas escolas para difundir a nova língua e os costumes de seu povo e esta “ação educativa”, vai atuar como mecanismo de aculturação e assimilação de uma sociedade em detrimento de outra. Neste processo, a escola tem papel fundamental, pois passa a ser veículo e ferramenta da sociedade dominante em detrimento da sociedade dominada, uma vez que conserva e mantém a relação de dominação e submissão.

Segundo Fernando Abreu (2001) em seu artigo “Angola, 1928-1962: a assimilação da população indígena das escolas das Missões Católicas”, com a postura de sempre dominar para impor sua cultura, o colonizador não mede esforços para desestabilizar e dissolver todo e qualquer tipo de organização existente nas sociedades autóctones. Os processos de colonização geram sempre uma situação de conflito, pois criam antagonismos, uma vez que o colonizador, por meio da força e da violência, vai desempenhar um papel de superioridade, e “civilidade”, o que faz com que passe a ser designado como dominante.

Na tentativa de melhor explicar a imposição do dominador, o autor faz menção a Álvaro Fontoura (1930) o qual esclarece que os governos que possuíam colônias demonstravam grande preocupação com a necessidade de educar e civilizar os indígenas nos territórios coloniais, pois acreditavam que estavam desempenhando um dever como civilizadores. além do fato de acreditarem que as nações coloniais dominam para civilizar, logo, civilizando e educando, de acordo com seus princípios, mais facilmente se conseguiria o domínio sobre tais raças incultas.

Manuel Fidalgo (1966), em seu texto “*O binômio educação-instrução em Angola segundo os textos legais, nos séculos XVI, XVII, XVIII e primeira metade do XIX*”, descreve que o fenômeno do ensino, em Angola, data da

descoberta do Reino do Sonho ou Soyo, por Diogo Cão. Neste texto, o autor discorre sobre a educação/instrução elaborada, em um primeiro momento, totalmente nos moldes portugueses e que, com o decorrer dos anos e com os processos de descolonização, vem sofrendo as necessárias modificações.

De acordo com o autor, diz-se educar não no sentido total de conceder e fazer penetrar nos indivíduos um conjunto de valores que elevaria seu conhecimento e sua atividade mental a um determinado patamar de conhecimento humano e social, mas sim num sentido ecumênico “(...) o qual cabe inteiramente na maneira portuguesa de vivência”. Enquanto que, instruir, diz respeito aos moldes peculiares de afirmação portuguesa, relativos a uma série de ideais estritamente nacionais e não encontrados em outros povos europeus. O autor acredita que foi este dualismo que permitiu ao povo português atingir uma superioridade entre os europeus, de uma feição atlântica e que lhes possibilitou chegar a outras culturas.

Para o autor, o modelo de instrução portuguesa visava o bem estar da população levando em conta os locais onde as leis seriam aplicadas. Além disso, contavam sempre com o aval e com o trabalho de membros das diversas congregações religiosas.

Arnaldo dos Santos (1981) em seu livro *Kinaxixe e outras prosas*, relata através de uma série de contos a passagem da cultura tradicional e dos costumes locais à assimilação imposta pelo colonizador. Especialmente no conto “A menina Vitória” (32-47), o autor é conciso ao descrever como o africano ao sentir-se totalmente assimilado à cultura do colonizador, passa a subjugar o outro que ainda não está completamente assimilado. No conto, a professorinha, apesar de também africana, mas, por ter “tirado curso na Metrópole”, tem a condição de transmitir os ensinamentos aos miúdos, e assim, por acreditar-se mais próxima à cultura europeia, não admitia os costumes africanos das crianças, considerando como insulto uma simples palavra proferida em língua local.

Logo, os dominados passam a acreditar que precisam ser civilizados pelo outro, mantendo-se assim o equilíbrio desejado pela cultura ocidental, logo, a escola colonial é instituída para formarem subalternos, assim como a igreja precisa formar padres para ser pregadores. Nesta dialética entre crença

e necessidade, a escola adota uma educação voltada para trabalhos manuais e agrícolas, tendo como justificativa que os africanos devem ser destinados apenas aos trabalhos concretos porque não são capazes de abstração. Temos aqui, mais uma vez, o uso de um preconceito racial encoberto por uma justificativa para um tratamento desumano e um ensino deficitário e sem perspectivas.

Conforme nos lembra Aurélio Azevedo (1964), a educação assume importância decisiva na problemática da cultura e nos assuntos sobre a estrutura básica de uma nação; tornando-se necessário que essa temática seja considerada como pedra angular no planejamento do futuro do país.

Segundo o mesmo autor, em seu artigo sobre “A educação e o desenvolvimento econômico”, o desenvolvimento torna-se possível se estiver sustentado pela transformação sócio-cultural e institucional do país que busca o progresso, simultaneamente interligado à tomada de consciência das elites e de seus dirigentes; além disso, uma educação progressiva e continuada fortalecerá a participação de todos os envolvidos, fator essencial na busca por conquistas e crescimento econômico.

O “descobrimento” das sociedades dita “primitivas”, não civilizadas e pagãs, vai ao encontro da necessidade dos dominantes: a busca de novos territórios, de poder e de riqueza. Assim, a posse das terras e a escravização de seus ocupantes também foram aceitas em nome da “necessidade que tais povos tinham de serem descobertos para serem civilizados e colonizados”. A igreja católica, com seus missionários, parte para catequizar, dominar e impor sua fé. Desta forma, várias justificativas foram utilizadas para manter a ideologia dominante e seu poder político.

Amílcar Cabral (1977), discute os processos de retorno à origem, em seu artigo “Identidade e dignidade no contexto da luta de libertação nacional”. Para ele este retorno só está colocado para as elites dominantes e as classes médias locais pelo fato de terem adotado para si os valores do colonizador, uma vez que “as massas nas áreas rurais tal como grande parte da população urbana, ou seja, ao todo mais de 99% da população indígena, são intocadas ou quase intocadas pela cultura do poder colonial”. As elites, por

conta dessa identificação, cumpriram uma função de gerenciamento das cidades e receberam para isto uma espécie de tributo.

Para o colonizador, fica claro que esse grupo é passível à civilização, pois cumpre com eficácia a função de gerência necessária à metrópole. Assim, com a intenção de manter essa condição de privilegiados, o processo da assimilação cultural é permanente. Entretanto, mesmo tendo adotado os valores do colonizador, jamais conseguiram ser tratados como iguais, sendo sempre designados à condição de inferior, e é o questionamento deste desconforto, causado pela percepção da impossibilidade de poder ser tratado como igual, que faz com que essas elites e essas classes médias passem pelo processo de retorno às origens, pois “(...) a identificação com as massas e reafirmação da identidade podem ser temporárias ou definitivas, aparentes ou reais, à luz dos esforços e sacrifícios diários exigidos pela própria luta. Uma luta que sendo a expressão política organizada de uma cultura, é também e necessariamente uma prova não só de identidade, mas também de dignidade”. (In: *Revista Raízes*, nº 4, out/dez, 1977 – mimeo).

De acordo com algumas discussões propostas por Hanna Arendt (1997) em sua obra *A condição humana*, passamos a inferir que a moderna concepção de sociedade começa com a diferenciação entre uma esfera de vida privada e uma esfera de vida pública que corresponderia às esferas da família e da política existentes como entidades independentes e separadas. A essa idéia vão se juntando as concepções da administração doméstica coletiva: a sociedade; formada por um conjunto de famílias política e economicamente organizadas. Assim as cidades-estado surgem às custas das esferas privada e da família.

A modernidade busca, assim, a construção de uma sociedade genuinamente humana, na qual os homens possam trabalhar, fabricar os bens para seu consumo, realizar ações, construir os meios necessários às suas necessidades, propor e realizar ações que visem o bem comum, participar ativamente da construção da sociedade em que está inserido, discutindo e propondo politicamente ações que proporcionarão a todos uma vida melhor.

O conceito de pluralidade humana, necessária para o bom entendimento entre os homens, é essencial para a sobrevivência da vida na pólis, indica que é por meio do discurso e da ação que os homens se reconhecem enquanto diferentes e apreendem as verdades objetivas e subjetivas que compreendem a teia das relações humanas.

A ação é apresentada como ilimitada, uma vez que toda ação leva a uma reação, e toda reação se converte em uma reação em cadeia, não havendo controle sobre os próximos resultados. Neste sentido, vemos a importância da ação e do discurso como manifestação da diferenciação entre os homens e legitimação da condição humana.

A partir do momento em que o homem se reconhece enquanto agente de labor e fabricação e que todas as ações são desencadeadas pela capacidade humana, o conceito de ação passa a ser reconhecido como processo a ser colocado em prática em todas as esferas da vida ativa.

Nesta obra a autora propõe e reconhece o trabalho como forma de participação nas mudanças sociais. Antes disso, coloca como tais mudanças foram acontecendo paulatinamente no decorrer do pensamento e do desenvolvimento político e social da humanidade.

Em *Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes*, Célia Toledo Lucena (1999) dedica-se a recompor a história de vida e de luta de um grupo de migrantes que deixa a cidade de Barbacena no Estado de Minas Gerais e partem para a periferia de São Paulo, região de Cotia, em busca da conquista de uma vida melhor, de melhores dias, enfim, da “cidade grande”, como se costumava dizer na década de 60 quando do êxodo rural que trouxe do campo para a cidade muitos aventureiros que tinham um sonho e vinham tentar a sorte na metrópole.

Também está presente neste estudo a construção de um novo espaço, a reprodução de valores e costumes, o que ocasiona a formação de um bairro que leva o mesmo nome da cidade natal.

De acordo com a autora, a mobilidade do grupo não provocou a destruição da identidade original, mas as experiências e vivências no novo

espaço possibilitaram a formação de uma nova identidade, forjada na luta diária, nos novos valores e na necessidade de sobrevivência.

O presente trabalho foi elaborado por relatos de duas gerações de migrantes, levando em consideração os vínculos de consangüinidade, afinidade, compadrio e vizinhança.

Utilizou-se das histórias de vida e das lembranças de novos e antigos moradores, para a reconstrução de uma história coletiva fortalecida em uma teia de solidariedade.

A solidariedade talvez tenha sido o mote que levou Analzira Pereira do Nascimento (2005) a escrever sobre sua experiência missionária durante a guerra de Angola. Em seu texto *Crise e esperança: práxis pastoral da Igreja Batista na guerra de Angola – 1985-2002*, disserta sobre a ajuda não apenas missionária mas também inovadora da igreja batista nas cidades de Huambo e Benguela.

Relata que a guerra que assolou o país e provocou conseqüências desastrosas, trouxe consigo a miséria e a vulnerabilidade, mas em meio a tanta destruição foi ainda possível descobrir um caminho para ações que desencadearam uma luta em prol da solidariedade comunitária, e da transformação da realidade.

A Igreja Batista assume então uma função primordial. Transcende seu caráter evangelizador, se revitaliza e sai em busca de parcerias para a implementação de projetos a serem concretizados juntamente com a comunidade na luta pela transformação social e pessoal.

Para a autora a Igreja deu um grande passo em sua dimensão funcional, ou seja, para atender ao apelo local era necessário sair do modelo “eclesiástico” e se dispor a uma participação mais presente e mais próxima, contribuindo na criação de melhores condições de vida, mas de uma vida plena no plano material e no plano espiritual. Para isso era necessário uma transformação tanto social quanto dogmática, uma transformação interna e externa e para com todos aqueles que formavam e se identificavam com a comunidade.

Em relação aos malefícios das guerras, Margarida Ventura (2003), entre outros pesquisadores, dedicou-se ao estudo das conseqüências e das seqüelas que as guerras deixam em crianças e adolescentes.

Para este fim, seguiu como critério de pesquisa o estudo do Distúrbio Pós-Traumático (PTSD)³, identificado como uma das desordens de ansiedade mais freqüentes nos casos em que pessoas vivenciaram um acontecimento traumático, como por exemplo, a guerra.

Em seu livro *Stress traumático e suas seqüelas nos adolescentes do sul de Angola*, relata que a vivência diária em um ambiente de violência, tensão e incerteza, causa insegurança e ansiedade, podendo ainda ocasionar distúrbios físicos e mentais.

Verifica ainda que a exposição a circunstâncias estressantes produz sintomas, nem sempre patológicos, que representam uma tentativa do organismo em se adaptar aos novos acontecimentos. No entanto, existem algumas situações extremas de stress que põem em risco a sobrevivência física e psíquica do indivíduo, como quando se sofre um ataque cardíaco, a morte de alguém querido, catástrofes, torturas, guerras, etc., que podem provocar outros sintomas que incluem manifestações de caráter cognitivo (diminuição da atenção e da memória), afetivo (tristeza, medo, falta de vontade de estar com os amigos) e comportamentais (uso excessivo de cafeína, álcool, tabaco, drogas, comportamentos anti-sociais).

As crianças e os adolescentes angolanos foram vítimas das adversidades causadas pela guerra pela própria vulnerabilidade que a situação impõe, em particular se os pais estiverem ausentes, ou mortos. De acordo a autora, estas experiências pessoais diretas, que tiveram o envolvimento de parentes ou amigos relacionadas à morte e/ou ferimentos sérios, os tornou passíveis de desencadear uma série de seqüelas clínicas e psico-sociais graves.

O trabalho de Ventura é um instrumento de reflexão e contribuição relevantes para a identificação dos distúrbios de ansiedade e depressão tanto

³ Post-Traumatic Stress Desordem, definida pela primeira vez pela Associação Americana de Psiquiatria no Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais (DSM-III), em 1980. (Cf. VENTURA, 2003:103).

pela comunidade quanto pelos familiares, o que gera a necessidade de desenvolvimento de programas educacionais e sociais que levem em conta o caráter comunitário e o envolvimento de escolas, igrejas, entre outras organizações da comunidade, no sentido não só de tratar estes distúrbios, mas também de prevenção do fenômeno em Angola.

Alcinda Honwana (1998), em seu relatório sobre *Conhecimentos Locais sobre o Processo de Cura e Reintegração de Crianças Afetadas pela Guerra em Angola*, propõe uma reflexão sobre a importância das terapias tradicionais e da participação familiar na recuperação e ajuda às crianças e adolescentes angolanos que foram expostos a toda sorte de problemas nos tempos de guerra, sejam eles físicos, psíquicos e sociais, bem como suas conseqüências, isto porque estas crianças não viveram outro tempo uma vez que a guerra se arrastou por mais de 20 anos.

Faz ainda uma crítica aos estudos efetuados com estas crianças àquela época, na modalidade de PTSD (Distúrbio do Stress Pós-Traumático), primeiro por acreditar que tais pesquisas estavam associadas aos paradigmas psicológicos ocidentais dominantes e as análises não levavam em consideração outros contextos sócio-culturais. Segundo, porque naquela altura, as crianças estavam vivenciando a guerra diariamente, portanto, os traumas não poderiam ser tratados como pós, tal como o foi no caso dos soldados americanos pós guerra no Vietnã.

Destaca ainda a preparação e o treinamento dados às crianças e adolescentes quando do recrutamento como menores soldados; dá ênfase à necessidade da realização de rituais tendo por conseqüência a participação no conflito militar com o objetivo de pedir perdão, apaziguar as almas dos mortos e impedir quaisquer perturbações futuras.

Eufrazina Maiato (1998) ao dissertar sobre *A representação psico-social da doença mental em conseqüência da guerra em Angola*, nos oferece uma série de dados sobre as conseqüências das guerras para a população.

Registra ainda que a violência impetrada durante tantos anos foi disseminada indiscriminadamente em todos os níveis, sendo este o principal fator desencadeante da deterioração nacional, subdesenvolvimento,

estagnação, retração do desenvolvimento, opressão, desmantelamento, desrespeito às culturas tradicionais, miséria, fome, ausência de aspirações, negação às crenças, desarticulação psíquica, além da grande desordem e desigualdade social.

A autora alerta para o fato de que a renúncia à língua materna, imposta pelos colonizadores, trouxe para o universo semântico do indivíduo inúmeros problemas e angústias, por ser a língua uma das referências centrais que permeia a vida de cada um, o que provoca ansiedade como reação ao perigo da perda.

Simone Weill em seu livro *A condição operária e outros estudos sobre opressão*, defende o fato de que o ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado, e certos pressentimentos do futuro.⁴ Chama a isto de enraizamento, acreditando ser talvez esta a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana, sendo uma das mais difíceis de definir.

O homem enraizado vive os valores morais, tradicionais e espirituais de forma a estar integrado em todas as esferas da vida social. Sua participação vem dos ensinamentos apreendidos em casa, na profissão, nas conversas com os mais velhos. O enraizamento leva o homem a participar dos grupos que conservam as heranças do passado com a finalidade de conhecer os costumes e a cultura de sua comunidade, em que “as lutas e construções dos antepassados, suas idéias e tradições, alicerçam realizações que poderão revesti-las com novos significados”.⁵

Os homens enraizados são capazes de produzir, construir e manter condições de igualdade, construindo relações sociais na base do respeito às normas e tradições do grupo. Estas pessoas não correspondem a um grupo isolado, mas a pessoas capazes de multiplicar e produzir o intercâmbio de idéias.

⁴ WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 317.

⁵ FROCHTENGARTEN, Fernando. *Memórias de vida, memórias de guerra: uma investigação psicológica sobre o desenraizamento social*. Dissertação (Mestrado), IP/USP, São Paulo, 2002, p. 32.

Phillippe Áries (1981), em *História social da criança e da família*, afirma fundamentado em textos do fim do século XVI e início do século XVII, que a principal preocupação da sociedade era a de fazer com que as crianças se tornassem “pessoas honradas e probas e homens racionais”. Neste sentido, retrata dois importantes momentos designados por ele como “sentimentos da infância”.

O primeiro trata da fase chamada de “paparicação” (sentimento superficial pela criança), na qual as crianças mais crescidas eram valorizadas em detrimento das pequeninas, pois, por ocorrerem muitas mortes, os pequenos não eram considerados até passarem a fase crítica. Caso um filho morresse, não tinha muito problema pois logo viria outro. Havia assim, uma ausência do sentido de infância, uma vez que as crianças “estavam simplesmente ali”.

Ainda nesta fase as famílias não possuíam função afetiva e tinham como missão apenas a conservação dos bens e a prática de um ofício. As trocas afetivas eram realizadas fora da família, num meio denso composto por vizinhos, amigos, amos e criados, crianças, velhos, homens e mulheres, no qual a família conjugal se diluía. Assim, era comum que as crianças aprendessem o que deveriam saber, ajudando e convivendo com os adultos.

O segundo momento é caracterizado pelas mudanças ocorridas após o século XVII e que vão alterar o estado das coisas por meio do qual a criança e a família assumem um novo lugar. A escola começa a substituir a aprendizagem como meio de educação, ou seja, a criança deixa de viver entre os adultos e aprender as coisas diretamente com eles; sendo separadas dos adultos, que as mantêm a distância, numa espécie de “quarentena” antes de ser “solta” no mundo. Essa quarentena é a escola formal, o colégio por muito tempo, e num passado não tão distante, interno.

Começa então, um processo de enclausuramento das crianças – assim como ocorreu com os loucos, pobres e prostitutas que foram afastados do convívio da sociedade, (nestes casos confinados em manicômios). Inicia-se assim a fase chamada de escolarização e o estabelecimento definitivo de regras e disciplinas que transformam a escola em uma instituição complexa

não apenas de ensino, mas de vigilância e de enquadramento das crianças e jovens.

Segundo o autor, a escola torna-se um meio de isolar cada vez mais as crianças durante o período de formação moral e intelectual, com o objetivo de adestrá-las por meio de uma disciplina autoritária; em consequência, ocorre a separação da sociedade dos adultos.

Tal separação do convívio familiar quotidiano ocorre em face de um movimento de moralização iniciado pela Igreja (reformadores católicos e protestantes), embasado em leis e com o respaldo do Estado. As ordens religiosas tornam-se dedicadas ao ensino essencialmente reservados às crianças e aos jovens.

De acordo com Áries, no século XVIII, um terceiro momento vai se associar a estes, o que remete a família a uma nova preocupação: a higiene e a saúde física, fatores conhecidos mas que não despertavam grande interesse, que então passam a ser tratados como assuntos sérios e dignos de atenção, fazendo com que a criança passe a assumir um lugar central dentro da família. (idem, 1981:164).

A família, que antes assegurava a transmissão da vida, dos bens e do nome, passa a assumir uma função moral e espiritual para seus filhos.

O sentimento psicológico e a preocupação moral passam a motivar o apego à infância, ou seja, o primeiro sentimento, caracterizado pela paparicação e que surgiu no meio familiar, é substituído pela preocupação com a disciplina e a racionalidade de costumes, sentimento proveniente dos eclesiásticos ou dos homens da lei, raros até o século XVI, e de um maior número de moralistas no século XVII.

De acordo com Samara (2002) em seu artigo “História da Família no Brasil”, os debates em torno das relações familiares são muito recentes. Antes da década de 1970 a contribuição dos historiadores foi tímida e restrita, o que contrasta com a produção atual e riqueza de abordagens, uma vez que sobre o tema se debruçam inúmeros estudiosos tanto das áreas das ciências sociais como de áreas afins. Desta forma e considerando os antecedentes comuns trazidos de Portugal e do vasto Continente Africano, fica difícil

conceber que um único modelo de família possa contemplar as várias realidades socioeconômicas que existiram no passado brasileiro, e que permanecem até os dias de hoje.

A idéia de família no decorrer dos anos de 1980 surge, portanto, na nossa historiografia após frutífero debate em torno de modelos ideológicos da década de 70. Com isso, os modelos institucionalizados passaram por uma nova interpretação, haja vista as novas formas de representações ou referências de traços básicos do comportamento familiar no que tange aos padrões de relações afetivas, sexuais, de solidariedade e mesmo de hostilidade. Define-se então, após este debate, duas dimensões de análise: a realidade “vivida”, presente nas práticas costumeiras das populações e aquela “pensada”, que é articulada a partir da hierarquia social dominante e que transcende a organização familiar.

Os estudos de Samara concluem que a organização das famílias brasileiras não será possível sem uma percepção detalhada das questões que dizem respeito às diferenças regionais, sociais e étnicas; básicas na compreensão das múltiplas configurações que as famílias apresentam ao longo do tempo e nas várias comunidades. No entanto, este e outros estudos só terão voz a partir do momento em que, globalmente, as sociedades passem a entender que existem diferenças em cada segmento do planeta e a diversidade cultural e étnica deve ser respeitada.

Iná Carvalho e Paulo Almeida (2003), em “Família e proteção social” discutem o papel da família como mecanismo de proteção social do Brasil no decorrer dos anos de 1990 assinalam uma série de eventos que vêm traduzir os possíveis fenômenos implícitos nas recentes modificações da estrutura familiar, como o aumento da proporção de domicílios formados por “não-famílias”, não apenas entre os idosos geralmente viúvos, mas também entre adultos jovens como expressão de um novo “individualismo”; a redução do tamanho das famílias; o crescimento das separações e dos divórcios como resultado da fragilização dos laços matrimoniais; o aumento da proporção de casais maduros sem filhos; e a multiplicação de arranjos que fogem ao padrão da típica família nuclear, sobretudo de famílias com apenas um dos pais, e em especial das chefiadas por mulheres sem cônjuge.

Esses autores apontam ainda que a diferenciação nos processos de “modernização” da família alerta para o fato de que ela não pode ser reduzida aos efeitos de fenômenos (urbanização, entrada da mulher no mercado de trabalho e outros) ou demográficos (como a queda das taxas de fertilidade), mas que as estruturas familiares continuam também a ser determinadas por fatores culturais, ideológicos e políticos.

De acordo com Guacira Louro (2000), em “Segredos e mentiras no currículo: sexualidade e gênero nas práticas escolares”, as formas de controle social que até hoje regulam nossa sociedade e, ainda, por serem mantidas em vários segmentos, também dizem respeito às questões relacionadas à sexualidade e ao gênero. Tal controle fica a cargo das instâncias que regulam e detêm a legitimidade social, sendo ora determinados pela Igreja, ora pelo Governo, ora pela família e ora pela escola, que impõem e são os detentores do que deve ser verdade ou mentira, do que deve ser considerado certo ou errado, do que pode ser aceito como normal ou patológico, e daquilo que deve ser veiculado, do que deve ou não ser ensinado.

Claro que estas são as mesmas instâncias que ditam as regras que devem ser socialmente aceitas, que determinam os modelos de beleza e de normalidade a ser seguidos, desrespeitando e não se importando com a diversidade cultural, racial, étnica, sexual, etc.

Cynthia Sarti (2000), em seu texto “Família e individualidade: um problema moderno” propõe que a família vai ser a concretização de uma determinada maneira de viver os fatos básicos da vida, como o nascimento, a morte e a união entre os sexos, relacionando tais fatos com o parentesco, que se define como uma estrutura formal resultante da combinação de três tipos básicos de relações: a consangüinidade entre irmãos, a descendência entre pai e filhos e a relação de afinidade estabelecida por meio do casamento. Acreditando ser esta uma estrutura universal, na qual se baseia as relações em qualquer sociedade humana, sendo a família o local da difusão dos mesmos.

Neste sentido, a autora propõe funções para o desempenho e transmissão da estrutura familiar. Temos assim, a função de *Reprodução* – condição indispensável ente um grupo de indivíduos e uma sociedade; a

função de *Identificação Social* – a qual determina o grupo familiar em oposição à família “natural” que simplesmente reproduz, valoriza o papel masculino da procriação, reduzindo o papel feminino da reprodução. Há ainda a função de *Socialização* – que busca integrar a criança ao mundo adulto no qual aprende a canalizar seus afetos, a avaliar e a solucionar suas relações reproduzindo a família em todos os sentidos: hábitos, valores e costumes, este seria o momento em que a criança estaria recebendo orientações e estímulos para ocupar um determinado lugar na sociedade adulta em função de seu sexo, sua raça, suas crenças religiosas, seu status econômico e social. E finalmente, a função *Econômica* – que prevê fixar o status social de seus membros por meio da divisão social do trabalho.

Kabengele Munanga (1984), em “O Universo Cultural Africano”, comenta que, ao se tratar da realidade africana, se colocam duas tendências que subdividem a literatura especializada: uma baseada nas diferenças e na diversidade cultural do continente africano, diversidade esta distribuída em algumas poucas civilizações. Outra, entende que há semelhanças que apresentam uma certa unidade, uma configuração que confere ao continente africano uma fisionomia própria. Essa fisionomia chamada “civilização” ou “africanidade”⁶ diz respeito à África Subsaariana, e, diz respeito também a uma similaridade e a inúmeras experiências e intercâmbios no interior do continente.

Como tem-se assinalado, a família tradicional africana constitui a unidade básica de produção e consumo. Apesar de ser impossível estabelecer uma estrutura familiar única entre a grande diversidade de estruturas familiares que podemos encontrar na África Subsaariana, existem algumas características tidas como gerais: o conceito de família que se refere a uma unidade de parentesco mais amplo que a família nuclear; a família extensa que agrupa dentro de um mesmo recinto várias gerações, incluindo crianças, filhos casados e freqüentemente os irmãos e suas esposas, assim como mães viúvas, irmãs que deixaram seus maridos e retornaram à sua linhagem natal e uma variedade de parentes jovens e irmãs patrilineares. Um

homem rico geralmente tem muitos dependentes que não são seus próprios filhos, vivendo em seu recinto habitacional. Diz-se nestes casos que existe uma relação de parentesco ou adoção, e as pessoas incluídas nesta categoria têm os mesmos direitos e obrigações que os familiares unidos por laços biológicos.

As distintas unidades africanas se agrupam em uma comunidade sob a responsabilidade de um chefe, ao qual se reconhece e se presta respeito e lealdade. Este chefe é a cabeça da linhagem e o título corresponde geralmente ao membro mais velho do grupo parental.

Na África subsahariana vamos encontrar dois sistemas de parentesco: um matrilinear e outro patrilinear, ou seja, por intermédio do pai ou da mãe a criança é ligada a vários ancestrais situados evidentemente cada um em uma linhagem. “É dentro do contexto da linhagem que o indivíduo aprende seus papéis dentro da sociedade, seja no comportamento em relação aos pais, na obediência ou na reverência em relação ao pai, num regime patrilinear”.

A infância é sempre acompanhada dos ritos de iniciação⁷ e a criança tem sempre um maior contato com a mãe. É de fundamental importância sua dependência da linhagem, pois sua referência identitária não é a nacionalidade nem sua classe social, mas a linhagem da qual faz parte e da qual é dependente por toda a vida. Os vivos estão ligados aos mortos, pois é por meio deles que a força ancestral é transmitida, portanto, o cordão umbilical nunca é cortado inteiramente. Assim, a solidariedade no parentesco é crucial no caso da morte e integração dos filhos do morto na linhagem.

Nas sociedades negro-africanas ser adulto é antes de tudo ser casado, ser pai e mãe, uma vez que não há previsão de função social para os solteiros caso ocorram doenças físicas, debilidade mental ou solidão

⁶ “A africanidade não é uma concepção intelectual afastada da realidade. Ela é um conjunto dos traços culturais comuns às centenas de sociedades da África subsahariana” (Munanga, 1984)

⁷ “A iniciação é uma das características fundamentais da africanidade, sendo uma experiência temível quando acompanhadas de circuncisão, excisão (amputação) ou escarificações (incisões superficiais na pele) e deformações dentárias, que constituem as marcas étnicas. São provas que devem ser suportadas sem queixas, pois para desfrutar dos direitos de adulto é preciso ser digno e mostrar que é capaz de suportar as feridas físicas e morais que a vida lhe inflige, as dores do parto e os riscos da guerra. A iniciação é um

voluntária, estes serão tratados como aberrações ou como acidentes infelizes. Os ritos de iniciação têm também como função a preparação para o casamento, no qual a preferência individual é menos importante, a preferência é dada, antes de tudo, aos dois grupos de parentesco: o casamento é a confirmação de uma aliança entre eles.

De acordo com Pe. Raul Altuna (1993) em seu livro *Cultura Tradicional Banto*, a verdadeira família banta é a família maternal, a família alargada, ou seja, é um grupo-comunidade composto por membros das famílias nucleares e seus aparentados, sejam eles por consangüinidade, de linhagem matrilinear ou patrilinear. Desta forma, a família alargada é composta por várias linhagens e abrangem dezenas de gerações.

Descreve ainda que os membros se tratam como parentes e chamam “pai” ao tio e “irmão” ao primo, o que caracteriza uma ampla comunidade que proporciona uma densa rede social que tem como base a comunidade e a solidariedade.

ensinamento, uma escola; sendo mais importantes nas sociedades guerreiras e pastorais”. (Munanga, 1984)

III – O Passado em Angola

“antes de eu nascer, essa guerra já existia, (...) era uma guerra da colonização que maltratava os negros”. (Zélia)

1) referências históricas – a família que agrega...

Ao fazerem referência ao tempo vivido em Angola, grande parte das lembranças evocadas pelos entrevistados remonta ao período da Guerra Civil (1975-2002), e, é claro, não poderia ser ao contrário tendo em vista as marcas da destruição deixadas por 27 anos de violência.

No entanto, faz-se necessário ainda citar, e as referências históricas apontam, que os problemas enfrentados pela população de Angola vêm de longa data. A ocupação territorial ocasionada pelos invasores portugueses levou os angolanos a enfrentar uma luta de resistência contra a dominação estrangeira em prol da independência nacional.

Deve-se registrar como característica dominante da colonização portuguesa na África o uso sistemático do trabalho forçado, a partir de 1870, transformando o nativo em verdadeiro escravo moderno. A violência dessa postura perpassa todas as relações sociais e vai se expressar sobretudo na luta de guerrilhas.⁸

Neste sentido, pode-se dizer que a escravatura é mantida por meio do trabalho forçado nas lavouras, fazendas, reparação de estradas, instalações portuárias e outras obras. Além disso, os nativos eram obrigados a cultivar apenas um produto numa vasta extensão de terra pertencente aos colonos, ficando em prejuízo as lavouras de subsistência, desta forma, “a violência do trabalho forçado havia penetrado na vida social das comunidades tribais e abalado suas estruturas”.⁹

⁸ BACCEGA, Maria Aparecida. *Mayombe: ficção e história* (uma leitura em movimento). Tese (Doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 1985, p. 43.

⁹ Idem.

A violência do colonizador traz em si a evasão da população de homens em idade para o trabalho, restando apenas velhos, mulheres e crianças. Resta então uma família desagregada e sem perspectivas diante da debilidade física, mortalidade infantil, baixas taxas de natalidade, altos níveis de acidentes de trabalho e da fome.¹⁰

Desde a instalação da colônia, muitos foram os mandos, desmandos e mesmo assassinatos cometidos em nome da “civilização” e da religião. Povos foram dizimados, escravizados, tratados em condições subumanas, e, depois, transformados e utilizados como mão-de-obra barata.

Temos, então, basicamente duas técnicas de exploração do trabalho: ou o indígena vai trabalhar para a indústria extrativa e o setor de plantações coloniais na agricultura, onde se produz, o sisal, o açúcar, etc., o que ocorre com a maioria, ou ele se submete à técnica de troca, isto é obrigado a plantar o que o Estado determina, vendendo seus produtos com preços fixados pelo próprio Estado e através de intermediários oficiais. Era o que acontecia com a colheita de algodão, do milho, do óleo de palma, da mandioca (...) no caso do café, as duas técnicas eram utilizadas.¹¹

Neste sentido, o exercício do trabalho como meio de produção e função social, perde sua essência enquanto geração de bens e garantia do sustento para si e para os seus, fica esta função prejudicada uma vez que seu produto já não lhe pertence desde o início da produção.

A colonização é um fenômeno social global, porque toda a forma de vida colonial, seja pelo viés das manifestações culturais, da educação ou dos serviços, fica afetada, alterada e subjugada, de acordo com os interesses do colonizador.

As cidades na África, os sítios urbanos erguidos pelos europeus geram vida urbana, como em todo o lugar, mas que, neste caso específico, não é normalmente usufruída pela maioria da massa populacional da colônia. A cidade, para o europeu, é o início de um projeto, é um ponto de partida para a exploração econômica, para o domínio do território. No período colonial, o processo designava-se ‘pacificação’ da população ‘indígena’, termo cunhado no âmbito da ideologia do colonialismo.¹²

¹⁰ Ibidem, p. 44.

¹¹ Ibidem, p. 50.

¹² MOURÃO, Fernando A. A. *Continuidades e Descontinuidades de um processo colonial através de uma leitura de Luanda: uma interpretação do desenho urbano*. São Paulo, (no prelo), p. 34

A apropriação do espaço se dá em conformidade com a disponibilidade do colonizador, mas também de acordo com os grupos somáticos que compõem a colônia.

Os dados disponíveis mostram que, em relação a Angola, a população 'branca' só atinge a marca de um por cento a partir de 1920. Em 1777, a população 'branca' de Angola era de apenas 1.581 indivíduos, ou seja, 0,33% do total da população global (...). Até a metade do século XIX, a população 'branca' concentrava-se nas cidades de Luanda e Benguela. Esta última, fundada em 1616, contava em 1618, com 10 'brancos', enquanto Luanda, em 1621, aparece com 400 'brancos'. No século XX, com a expansão dos novos núcleos urbanos, criados na segunda metade do século XIX, verificamos que a população 'branca' de Benguela, Lobito, Namibe, Malange, Bié, Lubando e Huambo, atinge 58.7% em 1940, em comparação com a de Luanda, e 30% nas últimas décadas (...) O surto da emigração ocorreu a fim de aumentar rapidamente o contingente de população 'branca' na colônia, com o objetivo de consolidar a posição portuguesa.¹³

Neste sentido, podemos observar que Luanda, não é apenas a capital, mas também o principal espaço de construção, consolidação e difusão da ideologia do colonizador.

A população 'negra' foi, durante um longo período, teoricamente sujeita ao processo de assimilação que caracterizou a ação colonizadora, juntamente com grande parte do 'mestiços' (...) temo a assinalar que as estatísticas, até o ano de 1925, quando se referiam à população 'negra', tinham em vista apenas a população africana 'sujeita à autoridade colonial', e não o total de habitantes da região.¹⁴

As discussões em torno dos grupos somáticos dizem respeito na realidade, não a uma preocupação com a disposição destes ao longo do território no sentido espacial, mas no que concerne às relações de poder estabelecidas entre eles.

Assim os dados referentes à população no que condiz aos grupos somáticos, denotam um conceito eurocêntrico de civilização que dividia a população entre civilizado e não civilizado: "num documento de 1950, ainda se afirma que: *havemos de considerar, aqui, como civilizados, todos aqueles indivíduos que pelos seus costumes, moralidade, instrução, profissão, nível de vida, se aproximam, por todos estes atributos ou pela maioria deles, do*

¹³ Ibidem, p. 21-2.

¹⁴ Ibidem, p. 22.

comum dos europeus nas sociedades que lhe são próprias” (Censo Geral da População de Angola-Instruções, 1950:2).”

Há porém algumas dificuldades em se estabelecer o parâmetro de “civilizado”, segundo o mesmo texto que aqui segue:

- a) Indígenas sabendo ler e escrever, conservando porém todas as características indígenas, incluindo a religião, os costumes e as tradições;
- b) Indígenas sabendo ler e escrever, conservando todos os hábitos indígenas, anteriormente referidos, com repúdio apenas do que respeitam a religião, que substituíram pela fé cristã, católica ou protestante;
- c) Indígenas sabendo ler e escrever, cristãos na fé religiosa, vestindo-se senão à européia, pelo menos em termos de cobrir o corpo, mas sem abandono de alguns ornatos característicos de sua tribo ou de sua hierarquia dentro da tribo;
- d) Indígenas sabendo ler e escrever, já cristãos na fé, mas conservando todos os hábitos indígenas;
- e) Indígenas sabendo ler e escrever, mas cristãos e com costumes e hábitos de vestuário muito próximos dos europeus;
- f) Indígenas sabendo ler e escrever, não sendo cristãos mas já integrados em costumes e hábitos de vestuário civilizados”.

Ainda sobre o processo de assimilação, em entrevista realizado por Mourão¹⁵, o Pastor protestante Sebastião Paes Domingues afirma:

várias vezes emprestei minha mobília a moradores para, quando viesse a comissão, encarregada de dar o parecer relativo à mudança de categoria, pudessem constatar que viviam à européia e assim recomendar a sua passagem à condição de ‘assimilados’, assinando os documentos necessários para a obtenção do bilhete de identidade.

Assim, para serem considerados ‘civilizados’ aos olhos dos colonizadores, os africanos deveriam se adequar aos seus costumes, utilizando-se de vestimentas, da língua do colonizador, etc., ou seja, deixar para trás seus valores e tradições. Na realidade, estes critérios servem somente para demonstrar ambigüidades no que toca às variáveis raciais e à natureza social, fica claro o processo de exclusão de qualquer forma de ascensão do negro. “Isto mostra o caráter da medida que, entre outros

¹⁵ Ibidem, p. 23.

objetivos, visava a manter essa imensa população numa situação de dependência, mão-de-obra farta e fácil, indispensável ao sistema de exploração econômica vigente”.¹⁶

Além disso, o estudo comparativo realizado por Mourão¹⁷, revela que a apropriação dos espaços territoriais de Angola levou em consideração não uma preocupação com os núcleos humanos, mas essencialmente a consolidação do processo colonial. No sentido de uma formação populacional euroafricana, e da expansão de cidades, de uma rede urbana, pontos, vilas e casas comerciais.

A penetração na colônia foi sendo efetuada no sentido de garantir uma ‘ligação’ entre o interior e o litoral. No início, o comércio de trocas se dava com os africanos que detinham a hegemonia do território. Aos poucos, o assentamento de colonos nas áreas rurais, a instalação de espaços comerciais, a ocupação militar e administrativa vai substituindo a figura do africano pelo pequeno e médio comerciante ‘branco’. “Esses estabelecimentos em muito contribuíram para a quebra de um comércio intermediário entre os coletores, no período da economia extrativista, e os produtores, no período seguinte (milho, algodão, etc.)”.¹⁸

A ocupação do solo, o estabelecimento de colonos ‘brancos’ e a necessidade de produzir ou comprar produtos agrícolas a custos baixos, de modo a garantir os interesses face à concorrência internacional, levaram a administração colonial, quer a militar e, posteriormente, a civil, a impor o sistema de obrigatoriedade do trabalho aos africanos, sistema que na verdade, nunca foi interrompido, mesmo após o longo período em que se defendeu, no plano das idéias, que ele era um cidadão pleno.¹⁹

O Congresso de Berlim (1884-1885), vem selar a corrida na ocupação territorial, momento no qual Portugal apressa-se em mandar expedições que adentrem e atravessem todo o território com o objetivo de garantir a posse, assim segue a caminho da Lunda, território de grande importância pois, “devido a sua posição geográfica, dominava as comunicações entre as duas

¹⁶ Ibidem, p. 24.

¹⁷ Ibidem, 22.

¹⁸ Ib., p. 64.

¹⁹ Ib., p. 147-8.

costas. Só em 1885 criou-se o Distrito da Lunda, como consequência do acordo de fronteiras de 1891”..²⁰

Todas as medidas adotadas por Portugal põem em evidência uma administração voltada para os interesses econômicos da metrópole. Sendo assim, não é difícil entender a criação do Banco Nacional Ultramarino em 1864, instituição privada que gozava de amplos privilégios e que em 1865 já contava com sua primeira agência em funcionamento na capital, Luanda. Dedicava-se assim a uma “política de utilizar a colônia visando ao aumento de rentabilidade de capitais metropolitanos através de operações de natureza bancária e também especificamente comercial”.²¹

Alguns destes elementos como perder a posse da terra, a ocupação do solo, o assentamento de colonos, o desenvolvimento de novas culturas, a valorização do comércio com o colono branco em detrimento da hegemonia africana ora existente, a falta de terra para o cultivo, a desestabilização das famílias, etc., vai mais tarde levar a eclosão dos movimentos nacionalistas.

É sobretudo a partir da Abolição da Escravatura em Angola, em 1858, com uma fase de transição de 20 anos e após a Conferência de Berlim, em 1884-1885, ou seja, a partir de um esforço de ocupação efetiva dos territórios, em especial do território angolano, que até aquele momento se cingia unicamente ao litoral, que começa a surgir uma resistência generalizada, resistência essa que nós podemos definir como a manifestação de diferentes respostas que os diversos grupos, isoladamente ou em alianças mais ou menos temporárias, deram a essas tentativas de ocupação territorial e de expansão imperialista européia. A necessidade da ocupação administrativa de Angola pelos portugueses e a incorporação dessas formações sociais africanas correspondentes a determinados modos de produção não capitalistas provocam a necessidade, a partir do país dominante, de criar uma legislação adequada que conduza a uma participação efetiva do trabalho dessas populações no mercado capitalista mundial.²²

Américo Boavida faz uma denúncia e aponta meticulosamente as feridas abertas pelo colonizador em solo angolano e a forma que “o genocídio

²⁰ BACCEGA, Maria Aparecida. *Mayombe: ficção e história* (uma leitura em movimento). Tese (Doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 1985, p. 80.

²¹ MOURÃO, Fernando A. A. *Continuidades e Descontinuidades de um processo colonial através de uma leitura de Luanda: uma interpretação do desenho urbano*. São Paulo, (no prelo). p. 144.

²² SERRANO, Carlos. “A luta de libertação nacional e a crise do fascismo português. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.) *Espanha e Portugal: o fim das ditaduras*. São Paulo: Xamã, 1995, p. 98-110.

provocado pela escravatura havia de contribuir de uma maneira decisiva para a sangria e o extermínio do povo angolano”.²³

A imposição da cultura do colonizador vem determinar o fim de uma sociedade estável, organizado por regras e normas sociais, com firmes bases sociais e político-econômica. Esta organização social²⁴, assim como seus costumes e crenças foram esfacelados. Em nome da “aculturação” e da “salvação”, os povos africanos foram destituídos de suas vidas, de suas identidades, de seu eu.

Na verdade, o colonialismo gera forçosamente dois pólos antagônicos: a colônia e a metrópole, o colonizado e o colonizador. São esses dois pólos irreconciliáveis, manifestações de dois mundos totalmente heterogêneos, que passam a formar a nova totalidade do país transformado em colônia. Trata-se do mundo maniqueísta, presentes o bem e o mal: o colonizador e o colonizado, o “superior” e o “inferior”.²⁵

O propósito do colonizador para exercer seu domínio fica cada vez mais evidente e, para este intento, utiliza-se de inúmeros artifícios. Empenha-se em renegar a colônia e seus ocupantes, considerando-os inferiores e desprezíveis; seres condenados à dependência até a eternidade.

Não põe em questão seus privilégios nem a posição vantajosa que ocupa na colônia, mas não perde a oportunidade de explicar e julgar o colonizado, mantendo-o numa posição de servidão e de incapacitação.

Neste sentido, procura sempre colocar em evidência as diferenças “existentes” entre colonizados e colonizadores, preocupando-se em caracterizá-las em proveito próprio e afirmando-as definitivas, ou seja, passa do biológico para o cultural. Como afirma Memmi, “é muito significativo que o racismo faça parte de todos os colonialismos, em todas as latitudes. Não

²³ BOAVIDA, Américo. *Cinco séculos de exploração portuguesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 52.

²⁴ “É uma expressão utilizada como sinônimo de ordem social ou ordenamento. Acentua o componente voluntário, consciente, o sentido de ação dirigida para realizar na sociedade uma série de relações relativamente estáveis, das quais emergem partes e divisões diferentes, cada uma das quais desenvolve uma atividade específica, complementar às demais: a política, a educação, a religião, a economia, a família”. In: Luciano Galladino (Trad. José Maria de Almeida). *Dicionário de Sociologia*. São Paulo: Paulus, 2005.

²⁵ BACCEGA, Maria Aparecida. *Mayombe: ficção e história* (uma leitura em movimento). Tese (Doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 1985, p. 68.

seria uma coincidência, que o racismo resume e simboliza a relação fundamental que une colonialista e colonizado.”²⁶

O colonizador cria assim – com o objetivo de sempre dominar para impor sua cultura – suas escolas para difundir a nova língua, os costumes de seu povo por meio de uma ‘ação educativa’. “O ensino estava diretamente ligado ao conceito de assimilação, idéia central introduzida no período da administração liberal.”²⁷

Assim, a educação passa a atuar como mecanismo de aculturação e assimilação de uma sociedade em detrimento de outra. Neste processo, a escola, tem papel fundamental pois, se torna veículo e ferramenta da sociedade dominante na ação de subjugo da sociedade dominada, uma vez que inicia, conserva e mantém a relação de dominação e submissão.

A necessidade do colonizador de fundar escolas em conformidade com seus modelos pré-estabelecidos, tem também a função de destituir, dissolver e desestabilizar a cultura do colonizado. Um povo que tem sua cultura, sua representação social e seus costumes destruídos, fica sem comando, sem direção e sem perspectivas; facilmente será dominado e subjugado.

Gigi diminuía-se ainda mais para não se tornar notado, esforçando-se num mimetismo impotente por imitar os gestos dos meninos da baixa (...) Esvaziava-se das pequenas realidades insignificantes que ele vivia, das suas emocionantes experiências de menino livre, agora proibidas e imprestáveis.²⁸

Assim, as escolas coloniais cumprem a função de anular o passado pelo não reconhecimento dos valores anteriormente válidos e vivenciados pelos colonizados, o que vivifica a tendência da cultura colonialista européia de desprezar e desconsiderar aquilo que lhe é desconhecido, ou melhor, aquilo que considera inferior.

Passar por uma escola era obrigatório no processo de assimilação, já que a escola iniciática africana dos valores humanos tinha sido completamente destruída pelos invasores brancos. E como sobrevivência tínhamos que fazer o que estava na moda como obrigação colonial nas condições de acultramento e do

²⁶ MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967, p. 68.

²⁷ MOURÃO, Fernando A. A. *Continuidades e Descontinuidades de um processo colonial através de uma leitura de Luanda: uma interpretação do desenho urbano*. São Paulo, (no prelo). p. 147.

²⁸ SANTOS, Arnaldo dos. *Kinaxixe e outras prosas*. São Paulo: Ed. Ática, 1981, p. 34-5.

rompimento abrupto da africanidade. A isso chamaram como civilização. Uma civilização que nada tinha a dialogar com o diferente. (Zico)

A educação tradicional (pré-colonial) tem como princípio um conjunto de sistemas educacionais que visam a unidade, o ser integral, em que se respeita as características humanas: social, psíquica e ancestral. Portanto, nestes sistemas não se divide o saber, pois se acredita que a criança deve aprender em contato com o meio; assim, toda a sociedade se ocupa da educação, pois esta tem caráter coletivo e social.

Neste propósito, a educação ocorre o tempo todo e não de forma fragmentada, esquematizada, como na educação colonial, na qual há um tempo para aprender e outro para produzir. Nestes sistemas há a aprendizagem e não o ensino multifacetado e pré-determinado, não há períodos, mas uma impregnação permanente do saber, pois o indivíduo continua a aprender durante toda a sua vida.

A “cultura” africana – ligada ao comportamento cotidiano do homem e a comunidade – não é uma matéria abstrata que possa ser isolada da vida. Implica uma visão particular do mundo, ou melhor, uma presença particular no mundo, concebido como um Todo onde tudo tem ligação e interage.²⁹

Entendemos assim que a educação tradicional africana busca satisfazer as necessidades do meio, pois está voltada para o ambiente físico, o meio de vida e as características sócio-econômicas que a envolvem. Assim, o espírito comunitário se desenvolve baseado na cooperação e integração dos indivíduos para uma melhor coesão do grupo. Nesta estrutura, todos aprendem e contribuem, ao mesmo tempo, para a integração social.

A separação da criança do meio em que vive provoca uma desordem espacial e social, primeiro porque, quando se muda o espaço, corta-se a relação com a vida, uma vez que não se podem demarcar o meio de vida e a educação.

Além disso, o fato de tirá-la do contato de sua família, por meio do ensinamento da escrita, da leitura e de uma língua que não é a materna, vai, aos poucos, quebrando os laços que ainda unem estes indivíduos, provocando uma cisão entre os que sabem (os letrados) e os que não sabem

(os não letrados), além é claro, do fato de que aqueles que aprenderem a língua do colonizador terão tratamentos diferenciados, quebrando-se assim a unidade social. “Então, quando eu fui para a escola, para a escola colonial, esta harmonia quebrou-se. O idioma da minha educação deixou de ser o idioma da minha cultura”.³⁰

A língua materna foi atingida no encontro com o colonizado, porque falar a língua oficial portuguesa, era pré-condição para a sobrevivência. Não falar português significava grandes obstáculos para a integração na sociedade, na civilização, pois para além de outras situações, o ensino era ministrado em português e também era uma condicionante para a ascensão social.³¹

Na educação colonial, os modelos são impostos pela força, valoriza-se o aspecto intelectual e individualizado em detrimento do coletivo e do global, que é o princípio da educação tradicional.

A tradição oral é a grande escola da vida, recobrando e englobando todos os seus aspectos. Pode parecer o caos àqueles que não penetram em seu segredo; pode confundir o espírito cartesiano habituado a separar todas as coisas em categorias bem definidas. Na tradição oral, o espiritual e o material não se dissociam na tradição oral que, se colocando ao alcance dos homens, fala-lhes segundo suas aptidões. É ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência da natureza, iniciação de ofício, história, divertimento e recreação, e cada minúcia sempre pode ajudar a remontar a Unidade primordial. Baseada na iniciação e na experiência, a tradição oral se refere ao homem em sua totalidade, e assim pode-se dizer que contribuiu para criar um tipo especial de homem e para moldar a alma africana.³²

Mantêm um formato no qual o ensino é dividido por períodos, horários e momentos determinados, além da diferenciação por idade e da desvalorização ou mesmo aniquilamento do ensino anteriormente transmitido pela tradição oral (os mais velhos).

A chamada tradição oral, a transmissão dos conhecimentos que se dão não pela escola de educação formal mas a chamada educação não formal que se dá na família. E tem daquilo do rapaz aprender com o mais velho da família que é o avô, ser instruído com avô, e a menina ser instruída pela avó ou pela tia, quando é menina, e o

²⁹ HAMPATÉ Bâ, Amadou. “A palavra, memória viva na África”. In: *Correio da Unesco*, p. 18.

³⁰ MAIATO, Eufrazina T. C. L. Gomes. In: *A representação psico-social da doença mental em consequência da guerra em Angola*. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1998, p. 37

³¹ Idem.

³² HAMPATÉ Bâ, *op. cit.* p. 17-18.

rapaz pelo tio normalmente, assim a personagem principal da família, cada família tem sempre alguém que é o topo digamos assim, quando se trata de ensinamentos em relação à sociedade, respeito à forma de agir, e todos os aspectos pertinentes à vida. (Ruca)

Podemos notar que há uma grande preocupação com os mais velhos, com sua experiência e seus ensinamentos. Eles são considerados referência e base histórica da sociedade; são sempre consultados sobre qualquer questão a ser resolvida. “Na África, quando um ancião morre, é como se uma biblioteca se incendiasse”.³³

(...) a velhice é uma etapa da existência humana a que todos aspiram, pois a crença na sobrevivência, na continuidade da vida e no culto dos antepassados privilegia os anciãos, que são o vínculo entre os vivos e os mortos.³⁴

Como podemos perceber pela fala de nossos entrevistados, o princípio da vida familiar tradicional angolana tem uma organização matrilinear, a formulação das relações de parentesco são dadas pelos laços uterinos de sangue. De acordo com Leite, esta fórmula tem a pretensão de preservar o patrimônio genético determinado pela mulher com relação aos direitos institucionais, pois, “na organização matrilinear uma proposição básica é a de que nenhum homem pode provar que é o pai de seus filhos, os quais, entretanto, contém obrigatoriamente o sangue de suas mães”.³⁵

Entre os Kimbundos temos o que chamamos de CANDÁ. Esse canda, eu não sei como explicar exatamente em português, não existe isso. Mas canda é a planta do pé. Na realidade quer simbolizar a origem da pessoa, então é uma origem genealógica (...) ela vem da parte materna. Na parte paterna digamos (...) tenho mais poder de agir com relação aos meus sobrinhos do que o próprio pai deles. (Mango)

Os membros não encontram problemas em se tratarem como parentes, assim, as denominações de “pai”, “mãe”, “tio”, vão se alargando conforme a proximidade.

³³ “Confrontações Culturais”. In: THOT África, nº 80. São Paulo: Ed. Pallas Athena do Brasil, 2004, p. 3-12. Entrevista de Amadou Hampâté Bâ, concedida a Philippe Decraene (*Le Monde*) em 25/10/1981.

³⁴ KABWASA, Nsanga O’Khan. “O eterno retorno”. In: *Correio da Unesco*, p. 11

³⁵ LEITE, Fábio. “Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas”. In: *ÁFRICA*, Revista do Centro de Estudos Africanos da USP. São Paulo, 18-19(1):111, 1995/1996.

O tio é o segundo pai. O tio é pessoa de respeito, ele chama a atenção, se você faz coisa errada é mais fácil o pai não te puxar a orelha, mas o tio te puxar a orelha. O tio é o irmão da mãe, mas também tem o tio da parte do pai. As pessoas chamam, lá tem daquelas que chamam meu pai mais velho, meu pai menor, tem disso aí, mas é tio. Lá a gente chama pai sem problemas. As irmãs de minha mãe a irmã dela mais velha e a outra menor, eu chego lá eu chamo mãe mesmo, sem problema. (Rubio)

Os matrimônios geralmente são vistos como a união entre dois grupos, mais que entre dois indivíduos, de forma a proporcionar que todos da família sejam acolhidos e estejam inseridos em sua estrutura.

quando uma jovem e um jovem se casam não é apenas uma jovem e um jovem que estão a casar-se, mas sim são as duas famílias também que estão em casamento. Duas famílias se casam por intermédio dos filhos que estão se unindo, as famílias também se unem por intermédio deles, e a partir deste momento a parte feminina, a menina passa a ser um sujeito familiar da parte masculina, do marido dela, e vice e versa também. Aí os meus pais e os meus avós, eles passam também a se relacionar, meus primos passam a se relacionar com a família da minha esposa, existe um respeito como se fossem pessoas da família. (Mango)

Entendemos a família aqui, como meio agregador, local primaz aonde vão se dar as experiências de convívio e amizade sempre baseadas no respeito, na obediência aos mais velhos, na valorização da vida e no crescimento e desenvolvimento mútuo. Estas relações vão se configurar em inúmeras ações presentes no dia a dia do grupo, estabelecendo e fortalecendo a sociabilidade entre todos, e se transformando na base da constituição deste sujeito social.

As relações ocorrem então com o objetivo de proporcionar o bem estar de todos os membros do grupo, e, neste sentido, as ações são realizadas em conjunto, de forma a que todos possam participar e dar sua contribuição na construção de uma sociedade igualitária, ou seja, "a vida do indivíduo é deste modo percebida como participativa (colectiva) estabelecendo a consciência de pertencer a um grupo social, a identidade do grupo."³⁶

Essa união que consolida a família alargada se fortifica através dos laços de seus aparentados por consangüinidade ou não, formando assim uma sociedade-comunidade na base da solidariedade vertical e horizontal, ou

seja, é formado por vivos e defuntos de ambos os sexos que se reconhecem como descendentes de um antepassado em comum, “donde brota o sangue comum, corrente vital que gera a unidade solidária inquebrantável entre todos os descendentes através das gerações”.³⁷

A idéia dessa força vital que une todos os membros da família alargada se fortifica e está presente na constituição do sujeito enquanto um ser universal; nele vivem em harmonia passado e presente unidos na construção do futuro. Esta relação está presente desde a constituição da estrutura física da moradia.

A benfeitoria principal onde é a moradia é onde tem quartos do pai e da mãe e quarto dos filhos, aí tem uma outra construção que é a cozinha e sala de jantar, não são ligadas à cozinha e a sala de refeições não fica junto com a benfeitoria dos quartos, assim como o banheiro é separado dessas outras duas estruturas, aí ainda temos uma palhoça no quintal que chamam “Jango” que é coberta onde aconteciam reuniões para resolver questões políticas, sociais, pra descansar, mas não se faz refeição, e tem o “Choto”, uma fogueira e três bancos de madeira em um, onde fica sentado o ancião pra você ouvir as histórias da família e tudo o que acontece, todos os saraus e eventos sociais, é ali que acontece a oralidade mesmo da coisa, é uma questão de herança, de quem é você, de onde veio, pra onde vai, é o ancião que te conta. Há ainda o espaço dos “Inquices” que já é a parte espiritual da família. A família está mais ou menos estruturada assim: no Jango é o espaço do pai, onde ele comanda tudo da propriedade, onde faz as contas, aonde o filho que ta desencaminhado vai consertar. O Choto é o espaço do avô que está vivo, e tem o outro espaço onde a gente cultua os antepassados, então a família é mais ou menos isso. (Zunga)

Vemos assim que os membros pertencentes a esta estrutura familiar possuem parentes em todos os lugares por onde passam, sendo também uma forma de sempre poder encontrar uma casa amiga por onde estiver, pois assim, formam uma densa e contínua rede de ajuda que é “a base de comunidades e solidariedades, estrutura a sociedade que se compraz em ser essencialmente comunitária”.³⁸

³⁶ SERRANO, Carlos. “O imaginário e o sentido do apotropaico no simbolismo gráfico da arte africana” In: AREIA, M.L. Rodrigues e MIRANDA, M.A. (orgs.). *Perspectivas sobre Angola*. Coimbra: Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, 2001, p. 20.

³⁷ ALTUNA, Pe. Raul Ruiz. *Cultura tradicional banto*. Luanda, Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1993, p. 114.

³⁸ Ibidem, p.118.

Estas relações de parentesco também não foram compreendidas pelo europeu, acostumado com os modelos reduzidos da família nuclear.

Temos assim que “a colonização ‘branca’ acabou por marginalizar a população ‘negra’”.³⁹, no entanto, todos saem marcados por esta relação doentia e dialética, na qual um não sobrevive sem a existência do outro.

A colonização é, portanto, um processo que marca os homens, tanto os colonizadores como os colonizados. E para que o colonizado se torne homem efetivamente livre, ele terá que suprimir de si o colonizado. A realidade essencialmente contraditória da guerra revolucionária manifesta a permanente transformação da qual emerge a nova sociedade, em que continuará a dialética objetividade-subjetividade, numa construção sem limites.⁴⁰

³⁹ MOURÃO, Fernando A. A. *Continuidades e Descontinuidades de um processo colonial através de uma leitura de Luanda: uma interpretação do desenho urbano*. São Paulo, (no prelo). p. 58.

⁴⁰ BACCEGA, Maria Aparecida. *Mayombe: ficção e história* (uma leitura em movimento). Tese (Doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 1985, p. 220.

2) a vida em tempos de guerra... conseqüências

Com a postura de sempre dominar para impor sua cultura, o colonizador não mede esforços para desestabilizar e dissolver todo e qualquer tipo de organização existente nas sociedades autóctones. Os processos de colonização geram sempre uma situação de conflito pois criam antagonismos, uma vez que o colonizador, por meio da força e da violência, vai desempenhar um papel de superioridade, e “civilidade”, o que faz com que passe a ser designado como dominante.

O colonizador representa a negação do colonizado e vice-versa, o colonizado representa a negação do colonizador. Os termos da antítese, ou da contradição, não podem ser absorvidos e superados em uma síntese superior pela simples razão de que, ao mesmo tempo, se implicam e excluem reciprocamente, quer dizer, a negação de um acarretando necessariamente a negação do outro.⁴¹

Impondo uma luta desumana e desigual, entre os escravizados e os senhores, entre os colonizados e os colonizadores, entre a imposição de uma cultura sobre aqueles que se recusam a negar suas origens. A colonização tem, como principal fundamento, oprimir e aniquilar o colonizado, que luta pelo direito de organizar-se, viver e administrar seu Estado, em conformidade com suas práticas e políticas locais, conforme seus próprios interesses e de comum acordo com seu povo.

Chega enfim o momento de luta contra o monopólio português e o enriquecimento de Portugal por seu parasitismo e o conseqüente empobrecimento de suas colônias. É chegada a hora de lutar em favor da independência do país, pela transformação de uma realidade há muito vivenciada.

Faz-se necessário então, a mobilização dos movimentos nacionais e de todos os setores para que a independência possa deixar de ser um sonho e passe a se tornar realidade. Que a ferida enfim possa ser curada pois, “a

⁴¹ CORBISIER, Roland (Prefácio). In: MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967, p. 13.

guerra de libertação só se alimenta com o processo de tomada de consciência, isto é, com o conhecimento da história da sociedade”.⁴²

A partir da colonização já existia essa guerra que maltratava os negros, pegavam as pessoas como mão de obra barata. Aí à parte sul é a parte que mais agüentou, ficou ali com os brancos, faziam o que os brancos queriam. Mas à parte norte, a maioria, fugiu pro outro país vizinho, lá no Zaire, que agora é a República do Congo Democrática. [República Democrática do Congo]. (Zélia)

Para Américo Boavida, a guerra colonial foi justificada, pois tinha como propósito acabar com a opressão, a discriminação e os maus tratos sofridos por uma comunidade oprimida por uma minoria opressora.⁴³

Nunca considerei uma guerra justa, fui sempre um rebelde contra essa guerra interna, porque eu não via a razão de porque os angolanos brigavam um com o outro, agora na independência eu vi certo porque os portugueses invadiram nosso Reino e aí claro que se eles invadiram nós também temos que os expulsar, porque não é Portugal lá, é uma guerra que eu considero uma guerra justa. (Mango)

Em oposição ao sistema colonialista crescia forte o nacionalismo e grande era o desejo de liberdade. Organizados em diferentes cidades, várias rebeliões começaram a surgir, o que levou ao enfrentamento entre colonizadores e colonizados. Vivenciou-se assim, uma árdua luta para livrar-se do subjugo do colonialismo português.

É importante frisar que muitos foram os acontecimentos que contribuíram para este processo. A família africana vem sofrendo desestabilizações desde a entrada dos portugueses em Angola, sendo desfacelada completamente, seja por assassinatos, seja pelo trabalho forçado, seja pela obrigatoriedade de trabalho em locais distantes da família, seja pela busca de sobrevivência em outras províncias, seja pela perda da terra e pelo direito ao cultivo, seja pela fome, seja pela brutalidade da morte.

Mesmo a classe média e as elites locais, integrados à “civilização”, no cumprimento eficaz da função de gerência necessária à metrópole, começam a se questionar diante de um permanente processo de assimilação cultural, e esse desconforto é causado pela percepção da impossibilidade de poder ser

⁴² BACCEGA, Maria Aparecida. *Mayombe: ficção e história* (uma leitura em movimento). Tese (Doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 1985, p. 91.

tratado como igual, pois, mesmo tendo adotado os valores do colonizador, não será visto e tratado como “iguais”, sua condição de inferior estará sempre presente; fato que os incita, mesmo que momentaneamente a fazerem um retorno às origens porque “uma luta que sendo a expressão política organizada de uma cultura, é também uma prova não só de identidade, mas de dignidade”.⁴⁴

As lutas foram se consolidando e se transformando na medida em que as contradições e as diferenças entre explorados e exploradores se tornavam mais nítidas. A revolução angolana surge então, como consequência lógica destas transformações.

Reivindicações populares começam a se transformar em organizações e há o aparecimento de grêmios e associações que aos poucos vão sendo sugados e ameaçados pelas autoridades colonialistas. Alguns resistem na clandestinidade, e o trabalho de conscientização popular aos poucos vai sendo levado a efeito.

A construção do homem novo, de uma sociedade plena de humanismo, objetivo primeiro da guerra revolucionária, passa, portanto, pela violência da própria guerra, que nada mais é que uma resposta à violência colonial.⁴⁵

Só em 1953 surgiria o primeiro partido, nacionalista, orientado para a luta clandestina, o PLUA – Partido da Luta Unida dos Africanos de Angola, lançando um manifesto que convocava o povo à unidade e à luta.

Outras organizações foram nascendo, e em dezembro de 1956 se criava uma ampla frente patriótica e popular, unindo quase todos esses grupos, o MPLA – Movimento Popular para a Libertação de Angola em conjunto ainda com o MINA – Movimento para a Independência Nacional de Angola. Assim nasce no país o primeiro partido nacionalista de massas.

Uma corrente nacionalista surge ao norte de Angola formada por organizações étnicas resultantes do combate local. Simultaneamente surge

⁴³. BOAVIDA, Américo. *Cinco séculos de exploração portuguesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 35.

⁴⁴ CABRAL, Amílcar. “Identidade e dignidade no contexto da luta de libertação nacional”. In: REVISTA RAÍZES, nº 4, outubro/dezembro, ano I, 1977. (palestra proferida por ocasião do recebimento do grau de *Doutor Honoris Causa* na Universidade de Lincoln, Pensylvania). [mimeo]

⁴⁵ BACCEGA, Maria Aparecida. *Mayombe: ficção e história* (uma leitura em movimento). Tese (Doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 1985, p. 215.

no Zaire a UPNA – União das Populações do Norte de Angola, movimento cultural de ajuda mútua entre os angolanos naquele país e que depois se transformaria no UPA – União dos Povos de Angola e posteriormente em FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola.⁴⁶

Março de 1959 marcou o início de uma repressão metódica e sistemática por parte das forças salazarista-colonialistas com a instalação da Força Aérea no país. As tropas portuguesas desembarcavam com a “missão de soberania”. Vários líderes nacionalistas são presos e a população sai às ruas em manifestações pacíficas. As tropas abrem fogo. Aldeias são bombardeadas. O número de mortos é incalculável. O poder colonial insiste em não ceder às propostas nacionalistas, desencadeando por fim a luta armada.

Esgotadas, finalmente todas as formas de ação pacífica, o povo da capital enquadrado pelo MPLA, lança em Angola a luta armada. Foi o ‘14 de fevereiro de 1961’, quando jovens e trabalhadores se lançaram ao ataque das cadeias de Luanda, para libertar os presos políticos. Era o começo da luta armada para a libertação de Angola. Acabava uma longa e dolorosa época da História de Angola, a Idade Colonial, nascendo um novo período, o atual, o Período de Libertação, começo da construção de um novo país, da pátria angolana⁴⁷.

Jonas Savimbi, ex-militante do UPA, forma em 1966 a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), iniciando sua participação na luta armada em dezembro do mesmo ano.

Em janeiro de 1975 as três organizações assinam o Acordo de Alvor, em Portugal e acordam dividir um governo de transição, marcando para 11 de novembro do mesmo ano a proclamação da independência do país. Infelizmente as divergências se aprofundam e o MPLA, com maior apoio popular e militar, abandona a frágil aliança e, unilateralmente, proclama a independência na data acordada.

No mesmo ano eclode a guerra civil envolvendo os três grupos na disputa pela hegemonia do poder: a UNITA, apoiada financeiramente pelos Estados Unidos e militarmente por tropas da África do Sul, o MPLA, apoiado logística e militarmente por Cuba e pela então União Soviética, e a FNLA,

⁴⁶ CARNEIRO, João A. Oliveira. *Introdução à Angola*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 1975, P. 24-25. [mimeo]

⁴⁷ Idem, p. 27.

apoiada pelo então Zaire, mas que nos anos seguintes diminui sua participação no confronto.

(...) em 75 houve a libertação, lá em Angola, o colono foi, os portugueses fugiram, aí ficou os próprios africanos, (...) todo mundo que refugiou no Zaire começou a voltar pro nosso país, (...) aquilo estava ainda bem, mas depois houve essa outra derrota, o partido do Holden Roberto foi derrotado, pelo partido do MPLA, veio (...) a guerra mesmo de verdade. (Zélia)

A primeira tentativa para o cessar-fogo ocorre em maio de 1991 com o Acordo de Bicesse, que perdura apenas até a preparação e realização das primeiras eleições em Angola, em setembro de 1992. As eleições, consideradas livres e justas pela comunidade internacional, foram ganhas pelo MPLA.

Os rebeldes e o partido no poder fizeram um acordo onde o chefe dos rebeldes que era na altura o Jonas Malheiro Savimbi seria o Primeiro Ministro de Angola e ele não aceitou essa proposta, houve as eleições em 1992 ele perdeu e aí acabou dando a mão e era só que na verdade um plano e aí a UNITA foi se estruturando nas cidades, foi organizando bases e (...) rebentou uma guerra ... Nossa! Na capital, ficamos muito apavorados, os rebeldes estavam praticamente todos lá, (...) acho que uma das maiores matanças, muita gente morreu naquela altura. (Tiko)

Dizem que o número de pessoas que morreram nessa última guerra de 92 foi maior em relação a todas as guerras, chegou o fim de matar o próprio líder, pra ele morrer, foi um bom número que morreu. (Zélia)

A derrota eleitoral é o marco para o início da segunda fase dos conflitos, pois a UNITA não aceita o resultado das eleições e retoma a guerra. Em 1994 é assinado o Acordo de Paz em Lusaka que também não consegue atingir seus objetivos. A guerra só termina em abril de 2002, com a morte de Jonas Savimbi.

Levando em consideração os números da destruição provocados pelos conflitos em Angola, concordamos com Carvalho quando aponta que a filosofia deste tipo de guerra era a de destruir ao máximo e que infelizmente “a guerra angolana era uma guerra para matar, não importa quem, mas o lado onde a pessoa se encontrava no momento”. Destaca ainda como característica importante desse conflito o fato de a guerra angolana ser uma construção do período industrial que propõe “a destruição massiva de

peças e infra-estruturas, ultrapassando os alvos militares com objetivo único de atingir e destruir tudo aquilo que estiver sob a alçada do inimigo”.⁴⁸

Hoje vemos um país massacrado, que agora procura recuperar-se da tormenta em que esteve envolvido durante todos estes longos anos. O fato de o angolano lutar entre si tornou esta uma guerra muito mais cruel.

E os poucos que lideraram a revolução (...) de qualquer lado, entre as grandes forças, a FNLA, a MPLA e a UNITA. Pra mim são todos eles culpados ninguém saiu vencedor dessa guerra, simplesmente os três saíram vencidos porque os três são angolanos e os três morreram, os angolanos morreram, então é guerra de burros, eu considerava assim e considero ainda assim, que é uma guerra de burros que brigam uns com os outros. Eu lembro de uma reportagem que eu li de um advogado angolano que está na França, em que ele dizia que ele participou da revolução e dizia que na época a gente lutava contra o colonialismo e que depois que acabou a guerra tinha preparado para lutar, mas não lutar contra, mas por alguma coisa. E eu concordo porque depois da guerra da revolução não teria que lutar contra mais ninguém, então tem que se lutar por alguma coisa, mas esse ideal é divergente, quer dizer traçado divergente, na realidade eles acabaram sendo tele-guiados e não venceram nada. Na verdade eles eram os capangas dos EUA e da URSS, então politicamente incapazes. (Mango)

O saldo que vem sendo computado deste então são os milhares de mortos e milhões de desabrigados, famintos e mutilados. Cidades devastadas, falta de infra-estruturas e é ainda grande a desigualdade social. Compute-se também a instabilidade e desarticulação da função agregadora da família, além do desmantelamento físico e psíquico dos atores envolvidos.

Acreditamos realmente que “uma guerra geralmente rouba dos habitantes seu espaço vital. Por meio da ocupação e da destruição da paisagem, da fuga forçada, do confinamento a um gueto ou da deportação, a guerra corrompe os significados que a vida atribuiu (...)”.⁴⁹

Considerando os relatos dos entrevistados sobre o período em que viveram em Angola, verificamos que as boas lembranças dos tempos de infância, da família reunida, são subitamente invadidas pela realidade vivenciada durante a guerra.

⁴⁸ CARVALHO, Paulo de. *Exclusão social em Angola*. O caso dos deficientes físicos de Luanda. Tese (Doutorado). Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), 2004, p. 57.

⁴⁹ FROCHTENGARTEN, Fernando. *Memórias de vida, memórias de guerra: uma investigação psicológica sobre desenraizamento social*. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2002, p. 22.

Ficamos, no entanto, com a nítida impressão que, alguns de nossos entrevistados, tiveram o sonho tranqüilo da infância, interrompido pelo zunir das balas, dos fuzis e pelo estopim das bombas. As brincadeiras de rua “corre... pega...”, foram aos poucos tornando-se reais diante da necessidade das fugas cada vez mais freqüentes, pois qualquer estopim que se ouvia, mesmo de longe, representava uma ameaça de morte.

À noite de luar, depois do jantar você está lá na fogueira... mãe, pai, amigos, irmãos, primos... e vão contando histórias, assando milho (...) a minha infância foi uma infância repleta (...) sair descalço e brincar na rua , ali com os outros (...) vivi uma experiência da gente estar saindo da nossa área, da nossa casa pra fugir pra outro lugar. Ou é trincheira ou sair daquela comunidade para outra comunidade por causa da guerra, do inimigo... (Ana)

Meu pai tinha uma fazenda de café, nós fomos atacados e saímos corridos de lá, e abandonamos nossa fazenda praticamente em 79 o ano que morreu Agostinho Neto. E depois nós fomos para uma outra cidade mais para cima, tinha os primos deles também, lá ficamos um tempinho, lá também a luta atacou fortemente corremos para o outro lado do município, então era um corre e corre. (Mango)

O agravamento da situação político-militar com a intensificação dos conflitos nas áreas rurais acaba por provocar outros problemas de ordem econômica e cultural. O deslocamento em massa da população campestre para as cidades à procura de áreas mais seguras acaba por provocar um crescimento populacional desordenado, causando quebra da infra-estrutura das cidades.

Conseqüentemente há a redução da produção agrícola, o que provoca a diminuição no abastecimento destes produtos, mesmo porque “os investimentos do governo se concentravam nos orçamentos militares, e a maior parte das verbas eram destinadas à indústria de guerra, gerando paralisia total de alguns segmentos e funcionamento precário em outros”.⁵⁰

Minha infância foi não muito diferente das outras crianças (...) a família foi perdendo os seus referenciais sociais e civilizatórios. Minha família não deixou de sofrer essa realidade (...) teve que se

⁵⁰ NASCIMENTO, Analzira Pereira do. “Crise e Esperança: a práxis pastoral da Igreja Batista na Guerra de Angola 1985-2002”. Dissertação (Mestrado). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2005, p. 66.

deslocar da área rural onde se vivia do campo (vida campesina) o comunitarismo africano e as relações mais equilibradas. (Zico)

As famílias foram assim se protegendo e resistindo aos ataques; nessa tentativa, muitos dos seus não conseguiram chegar, alguns se perderam e outros tantos morreram. Foram assim se desarticulando e se desestruturando tendo em vista as dificuldades encontradas e a falta de perspectivas.

Neste sentido, Carvalho e Almeida apontam ser a família um elemento-chave não apenas relacionado à sobrevivência dos indivíduos, mas também no que se refere à proteção e à socialização de seus componentes, tanto na transmissão do capital cultural e econômico, quanto nas relações de gênero, solidariedade e entre gerações.⁵¹

Então, claro, quando se trata de guerra, não tem aquela possibilidade de uma família inteira sair (...) de um estado para outro, a família vai se dispersando, uns vão para lá, uns vão para ali, os meios de comunicação... praticamente inexistentes... tudo destruído (...) isso desestruturou praticamente toda a família, não só a minha família, mas várias famílias, pessoas que, separou do filho quando tinha cinco anos que tão tentando se encontrar agora. (Rubio)

Nestes últimos anos, Angola foi palco de uma das mais violentas guerras que a humanidade presenciou. Acreditamos que as guerras além de aniquilar os “indivíduos que estão de lados opostos”, também provocam o extermínio cultural daquilo que há bem pouco tempo atrás chamaríamos de tradição africana. Os valores familiares transmitidos oralmente pelos mais velhos perdem sua força mais essencial, que é o sentido de não conseguir manter o angolano unido pelos laços de consangüinidade.

Boa parte da minha família morreu na guerra de Angola (...) muita gente da minha família saiu pro exílio, muita gente da minha etnia saiu pro exílio, uma forma de manter a família viva, a família continuar viva e proliferar em outros campos, porque nossa terra ta condenada. (Zunga)

Meu primo foi morto, mandaram ele parar e cabo! (...) ele era filho único, da irmã mais velha da minha mãe e até hoje ela não tá muito bem, tá com 80 e poucos anos de idade, tá meio assim... perturbada, já que todos os pais têm um sonho, que põem os filhos no mundo e os filhos é que os vão enterrar, pois então foi o contrário. (Dalila)

⁵¹ CARVALHO e ALMEIDA. “Família e proteção Social”. In: São Paulo em Perspectiva, 17(2):109, 2003.

Nestes tempos, a população esteve exposta a situações traumáticas todos os dias: violência, miséria, fome, destruição de suas casas e vilas, morte de seus familiares e amigos, além de ser obrigada a se deslocar. Muitos angolanos foram para as frentes de batalha em defesa de seu país, de sua posição partidária, de sua ideologia. Muitos morreram acreditando que estavam lutando por uma Angola mais justa, por um país livre.

Perdemos irmãos, amigos, eles são homens, tem que enfrentar a tropa, vai lá na frente do combate e vai morrer ou fica mutilado. (Zélia)

Eu tive um tio que faleceu numa emboscada. Então, isso foi uma coisa muito marcante para nós, porque ele estava servindo seu país... Porque o inimigo não vai escolher. (Ana)

Entre inúmeros problemas, a guerra deixou muitos estragos relacionados à situação de fragilidade em que colocou a família angolana, anteriormente estável. A morte de milhares de homens deixou por todo país viúvas e órfãos, neste sentido “as mulheres passaram a exercer o duplo papel de manter o lar, cuidar dos filhos e da casa. A mulher angolana transformou-se em um símbolo de força e coragem”.⁵²

Quem mais sofre em guerra é mulher, tem que curar ferida, tem que alimentar, e ainda amar esse povo. O trabalho da mulher nas guerras é redobrado, parece que os homens ficam se matando para as mulheres consertar. (Zunga)

A mulher é mulher também, é ser humano, e tem os seus compromissos dentro da sociedade (...) mãe, aconselhadora, tens que estar a apaziguar, confortar, tem que cuidar do marido, da casa, é um fenómeno que não é por acaso, é um ser que já veio pra esse fim, no mundo. A mulher chora na hora, vê alguém aflito, já corre (...). As pessoas começaram a ver que a mulher já não é a mesma coisa, que o homem fala e ela cala, não, ela tem sua opinião, ela está pronta a dar sua opinião perante o mundo. (Dalila)

Todos os angolanos e angolanas, fossem eles idosos ou crianças, foram afetados pela guerra e nessa trama nenhum escapou totalmente ileso, todos foram contaminados por essa doença virulenta e que infelizmente ainda vai perdurar por gerações. As causas dessa situação lamentável foram disseminadas em todos os segmentos da sociedade herdada do período colonial.

⁵² Idem, p. 80.

Neste sentido, observamos que as crianças e os adolescentes angolanos não tiveram a oportunidade de conhecer outra realidade a não ser a da guerra e com ela os sofrimentos, as perdas e as mortes. Os tiros, as fugas e o medo, passaram assim, do horror ao “natural”.

As crianças e os adolescentes angolanos não conheceram ainda o tempo de paz, nunca viveram num país com um desenvolvimento económico e social isentos de sabotagens e destruições. É neles que deve recair o maior esforço, no sentido da avaliação das seqüelas que a guerra possa ter provocado e na prevenção da sua recuperação.⁵³

Nestes tempos, estas crianças foram forçadas a vivenciar e presenciar situações traumáticas todos os dias: violência, miséria, fome, destruição de suas casas e vilas, morte de seus familiares e amigos, além de serem obrigadas a se deslocar e, muitas vezes, forçadas a participar efetivamente da guerra, sendo transformadas em menores soldados.

3) os meninos soldados

Neste contexto, deparamo-nos ainda com a efetiva participação de muitas crianças nos conflitos, as quais são forçadas a participar porque foram sendo transformadas em menores soldados, dos quais falaremos adiante, não se trata de ser o caso de algum de nossos entrevistados, no entanto, este dado não pode ser excluído tendo em vista a situação emergente vivenciada.

Foram aqueles quatro dias em 92 que eu presenciei o que era guerra de fato, se bem que eu tinha dois tios que eram irmãos da minha mãe que eles foram pra guerra, meu tio Vado tinha 14 anos acho e o Kiko que era um pouco mais velho, eles fugiram de Luanda pra lutar. (Pina)

O recrutamento de crianças ocorre naturalmente, sendo considerado um fenómeno comum em muitas partes do mundo. Tomemos como exemplo Camboja, Moçambique, Afeganistão, Libéria, Palestina, Uganda, entre

⁵³ VENTURA, Margarida. *O stress traumático e suas seqüelas nos adolescentes do sul de Angola*. Luanda: Editorial Nzila, 2003, p. 21.

outros⁵⁴. Acredita-se que as crianças podem ser melhores soldados que os adultos, pois são mais obedientes, mais fáceis de controlar e manipular, possuem mais energia e quanto mais cedo forem “domadas” mais pode-se contar com elas durante os conflitos. Além disso, vivem só para a guerra e pensam apenas na guerra, não demonstrando medo de perder a vida, nem tão pouco apresentam repulsa em tirar a vida de outrem.⁵⁵

Muitos têm se esforçado e procurado ajuda para solucionar os problemas das conseqüências e das seqüelas que as guerras deixam em crianças e adolescentes. A vivência diária em um ambiente de violência, tensão e incerteza, causam insegurança e ansiedade, podendo ainda ocasionar distúrbios físicos e mentais.⁵⁶

As crianças e os adolescentes angolanos foram vítimas das adversidades causadas pela guerra pela própria vulnerabilidade que a situação impõe, em particular se os pais estiverem ausentes, ou mortos:

a experiência pessoal direta, a de um seu familiar ou amigo, ser testemunha ou tomar conhecimento de um evento real ou ameaçador que envolve a morte, ferimentos sérios ou outra ameaça à integridade física da pessoa.⁵⁷

Acreditamos que a rede familiar tem importante papel na reestruturação e recuperação das crianças e dos adolescentes que sofreram traumas severos como no caso de guerras. É de suma importância que os mesmos possam ser acolhidos em um ambiente no qual sintam-se seguros e

⁵⁴ CHRISTIAN CHILDREN' FUND. *Conhecimentos locais sobre o processo de cura e reintegração de crianças afetadas pela guerra em Angola*. Consultora: Alcinda Honwana. Luanda: Editora Humbi, 1998, p. 37

⁵⁵ Estatísticas estimam que mais de 9.000 crianças, com menos de 18 anos, participaram no conflito armado em ambos os exércitos da UNITA e do Governo: num total de 9.133 Menores Soldados Registrados, temos 57% Demobilizados e 43% Mobilizados, dos Desmobilizados, num total de 5.171 93% referem-se a UNITA e apenas 7% ao Governo. Dos Menores Soldados Não Desmobilizados em um total de 3.962, 88% pertencem a UNITA e 12% ao Governo. Fonte: CCF-Angola, 1998: 38.

⁵⁶ “A exposição a circunstâncias estressantes produz sintomas, nem sempre patológicos, que representam uma tentativa do organismo em se adaptar aos novos acontecimentos. No entanto, existem algumas situações extremas de stress que põem em risco a sobrevivência física e psíquica do indivíduo como quando se sofre um ataque cardíaco, a morte de alguém querido, catástrofes, torturas, guerras, etc. que podem provocar outros sintomas que incluem manifestações de caráter cognitivo (diminuição da atenção e da memória), afetivo (tristeza, medo, falta de vontade de estar com os amigos) e comportamentais (uso excessivo de cafeína, álcool, tabaco, drogas, comportamentos anti-sociais)”. (Cf. VENTURA: 2003:99).

⁵⁷ Pode ainda torná-los passível de desencadear uma série de seqüelas clínicas e psico-sociais graves. (Cf. VENTURA, 2003:19)

protegidos, uma vez que o trauma pode trazer interferências no desenvolvimento global assim como nas relações sociais e afetivas.

Empenhados nesta missão, nós todos devemos buscar esforços para que as crianças sintam-se acolhidas em um mundo melhor, com perspectivas para um futuro mais digno e promissor, sem guerras, sem violência, em paz.

Os comentários a seguir descritos, refletem um certo otimismo e perspectivas de crianças angolanas, colhidos logo após a assinatura do cessar-fogo, em março de 2002. Descrevem assim o desejo de reencontrarem as famílias, voltarem para suas casas, de poder estudar, comer bem, dormir, sonhar:

“Durante a guerra pensava que valia mais a pena morrer do que sofrer, agora já não penso assim”⁵⁸

“Eu gosto da paz. A paz é Angola ficar livre para as pessoas estudar e trabalhar, para as pessoas viverem bem. A paz é dormir bem o sono, nas matas nós não dormíamos.”⁵⁹

“As crianças querem paz porque não querem viver com a guerra. Um bairro onde há luz, água no chafariz, lojas com comida. Com o posto médico, as crianças conseguem de ser tratadas quando estão doentes. Com a paz, as crianças não passam a fome. No tempo de calor vão à praia tomar banho, apanhar fresco. Com a paz, viveremos tranquilos.”⁶⁰

“A paz está como uma flor. As crianças querem a paz. A paz ajuda o sofrimento das crianças, podem passear à vontade aqui no nosso bairro. As crianças com a paz querem uma escola bonita. Ficar bem com as suas famílias, ir lá com alegria. Podem conseguir material para que a saúde e a paz reine no nosso meio.”⁶¹

Da mesma forma com que investimos em nossos filhos acreditando que terão condições de nos superar na expectativa de terem uma vida melhor, e assim por diante – lema este que vem sendo seguido geração após geração pois é o ciclo da vida! –, não deixemos, então, que a chama da esperança que arde dentro de cada um de nós e dentro de cada uma dessas crianças se apague. Continuemos a investir e lutar para irradiar cada dia mais luz, na busca de uma Angola melhor e de um Mundo melhor. Para isto necessitamos acender um fogo novo: **“Okusiakala Ondalu**

⁵⁸ R. J. (menina), 13 anos. Depoimento coletado pela equipe do CCF-Angola, 2002:2.

⁵⁹ A. S. (menina), 16 anos. Depoimento coletado pela equipe do CCF-Angola, 2002:81.

⁶⁰ I. C. (menino) 10 anos. Depoimento coletado pela equipe do CCF-Angola, 2002:73.

⁶¹ C. J. D. (menina) 14 anos. Depoimento coletado pela equipe do CCF-Angola, 2002:74.

Yokaliye”⁶², e passarmos a acreditar que, em qualquer grupo, as transformações só começam a acontecer quando os sujeitos se sentem realmente envolvidos e respeitados por seus pares.

Só assim, sentem-se confiantes e capazes de expressar opiniões, passando da posição de ouvintes para sujeitos do discurso e da ação: passando de meros coadjuvantes a atores sociais por meio do engajamento e de propostas de inclusão social e cultural que visem o resgate do potencial humano.

Logo, a construção da subjetividade, é essencial a aceitação do outro, de seus valores e costumes. Há que ter-se relações interpessoais culturais e afetivas baseadas na confiança, no respeito, na tolerância.

Grande parte dessas crianças era recrutada nas ruas, ou em suas próprias casas, sendo que seus pais eram obrigados a entregar seus filhos diante da ameaça de morte, ou pela solicitação dos Sobas que as retiravam de casa ou da escola. Muitas foram seqüestradas e arrancadas de suas famílias durante ataques em aldeias ou emboscadas nas estradas. Poucas foram as que se apresentaram voluntariamente às forças militares para participar nos efetivos de guerra, tanto no exército da UNITA, como no do Governo. Assim, após serem treinadas nas práticas de guerra, eram levadas para as frentes de batalha.

Eu estava a andar (...) quando estava perto da linha do caminho de ferro, os soldados da UNITA vieram e disseram ‘O rapaz, vem conosco, nós queremos que nos faças alguns trabalhos’. Eu fui com ele para o N’gove (...) e ali fiz o treino militar que demorou apenas cinco meses devido a um ataque que sofremos por parte

⁶² **“Acendamos um fogo novo”** é a descrição dada ao ritual procedente das províncias de Huambo e Bié. É realizado depois de crises, tais como: calamidades naturais, guerras e outros infortúnios de grande magnitude. Consiste em uma atividade em que todos extinguem os fogos antigos e no centro da aldeia acende-se um fogo novo pela fricção de dois paus. Uma quantia deste fogo novo é distribuído em cada casa, de tal forma que todos os fogos novos tenham uma origem comum. O simbolismo é simples, mas poderoso: o enterro do passado, um começar de novo e um renascimento da esperança.

Tal ritual tem semelhança com a cerimônia do fogo, realizada pela igreja católica no dia de “Sábado de Aleluia”, anterior ao Domingo de Páscoa, data em que os judeus comemoram a passagem da morte para a vida. Acredita-se que Cristo, o Messias esperado pelos cristãos, após ser assassinado ressuscita de corpo e alma para o remissão dos pecados de quem nele crê. Cristo vem trazer a luz ao mundo: Ele representa o Fogo Novo, A Vida Nova. Para o ritual, é preparada uma fogueira (fogo virgem), e desta chama acende-se o Ciro Pascal (vela utilizada no decorrer de todo ano litúrgico).

das tropas do Governo... o meu treino deveria ter demorado oito meses.⁶³

Os Sobas tinham que abastecer a UNITA com soldados dos seus sobados (áreas de jurisdição dos Sobas). Fui retirado da escola pelo Soba diretamente para a base da UNITA, onde tive treino militar durante três meses antes de começar a participar das missões.⁶⁴

A tropa do Governo retirou-me da casa do meu tio no Kunge... o meu tio não estava em casa e eles eram cinco soldados que me ordenaram que fosse com eles... Nessa altura eu tinha 13 anos e quando os soldados vieram buscar-me, já tinham três outros rapazes com eles... eles encontraram-me dentro da casa, não havia forma de eu poder escapar.⁶⁵

Comecei o serviço militar em 1994, ofereci-me voluntário para as tropas do Governo porque estávamos a sofrer muito na minha aldeia... queria defender a minha província e ajudar a minha família com os produtos que pudesse obter das emboscadas militares.⁶⁶

Os treinamentos tinham início logo em seguida à chegada aos campos e eram realizados em um período de três semanas a oito meses. Os treinos consistiam em exercícios físicos e marchas, táticas e estratégias de guerra, assim como o manuseio de armas com diferenciados poder de fogo.

Todo o processo de treinamento era direcionado na preparação de crianças para a execução de inúmeras tarefas de guerra. Neste sentido, uma forte pressão psicológica era exercida de forma a destruir os laços da criança com a sociedade, sendo cunhadas deliberadamente para se transformarem em máquinas de morte.

As crianças eram programadas para pensarem apenas na guerra, esquecendo-se de seus locais de origem, de seus amigos, de seus familiares, tinham até mesmo seus nomes de nascimento trocados, para que não houvesse lembranças relacionadas ao passado, às famílias e aos amigos.⁶⁷

⁶³ CHRISTIAN CHILDREN' FUND. *Conhecimentos locais sobre o processo de cura e reintegração de crianças afetadas pela guerra em Angola*. Consultora: Alcinda Honwana. Luanda: Editora Humbi, 1998, p. 39.

⁶⁴ Ibidem, p. 40

⁶⁵ Ib., p. 41.

⁶⁶ Idem

⁶⁷ HONWANA, Alcinda. *Okusiakala Ondalu Yokaliye – Acendamos um fogo novo: Conhecimentos locais sobre o processo de cura e reintegration de crianças afetadas pela guerra em Angola*. Luanda: CCF-Angola, 1998, p. 45.

4) a guerra que exila...

Ao analisar os relatos no que diz respeito ao envolvimento mais direto de cada entrevistado no convívio diário com a guerra, acreditamos que o sentimento de impotência demonstrado se mistura com a sensação de naturalização e conseqüente banalização do fenômeno, ou seja, ao vivenciar experiências traumáticas de grande intensidade e por tempo prolongado, como neste caso, o indivíduo tende a se acostumar com esta realidade, passando a acreditar que tais situações passam a fazer parte do seu dia-a-dia, tornam-se naturais.

Lembro de um cara na minha rua, passando, correndo, e de um cara que eu até conhecia que morava na mesma rua, atrás desse supostamente membro da UNITA, com uma pistola e disparando na cabeça dele e a arma travando, (...) ele disparando e correndo, mas eu só vi que ele conseguiu matar o cara na rua de trás, (...) de você sair pelas ruas, depois dessa tentativa, e ver vários mortos, de ver vários mortos na rua, mas o que é incrível é que, essa sensação de eu ter visto o cara matando ali, eu não tive nada, (...) uma indiferença em relação àquele que tá sendo morto ou em relação àquele que tá morto, ali, porque tinha vários corpos na rua, então, é uma coisa que você não sente nada, de fato, você sente o alívio que acabou, que aquelas pessoas tão mortas e acabou (...). (Pina)

Observamos ainda que muitos de nossos entrevistados deixaram Angola ainda na tenra idade, sendo mesmo considerados ainda crianças e/ou adolescentes. Neste sentido é necessário entender que muitas crianças e adolescentes angolanos não tiveram a oportunidade de conhecer outra realidade a não ser a da guerra e com ela as perdas, as mortes, os tiros, o medo.

(...) naquela altura eu era o homem de casa, meu pai saiu de Angola muito cedo, sempre estudou fora também, na altura estava na União Soviética, tava eu e minha mãe, a gente morava numa kitchenet e ainda ao lado de uma unidade militar...é aquilo, minha mãe acabou tomando um tiro na perna, eu acabei tomando um, eu lembro que meu primo morreu nesta época, muita gente, não gosto nem de falar disso. Sempre morei em Luanda (...) era privilegiado porque a gente era pouco atacado (...) era guerra atrás de guerra, só no sonho mesmo, era bem ruim, mas passou. (Tiko)

Os fatos relatados dão conta ainda de uma série de experiências emocionalmente negativas que foram, de uma forma ou de outra,

incorporadas em suas trajetórias de vida. Não podemos, no entanto, dizer quais as conseqüências que tais lembranças podem vir a acarretar no futuro, nem tão pouco se deixarão seqüelas em nossos protagonistas.

(...) minha primeira experiência de viver num cativeiro onde eu não podia sair, não podia andar, não podia fazer nada. E esperando a qualquer momento podia ser levado, porque eles levavam (...) os rapazes, levavam os homens. E pela primeira vez pude, assim, com as minhas próprias mãos enterrar um morto de três, quatro, cinco dias que já estava fedendo. Então, foi uma experiência, assim, mais horrível e mais dolorosa para mim. (Rubio)

A exposição a situações estressantes produz sintomas que põem em risco a sobrevivência individual e dos seus, transforma os homens por ela tomados a ponto de demonstrarem reações divergentes das de costume. Há ainda que se levar em consideração o ambiente e as circunstâncias no momento da referida exposição.

Acredita-se ainda que “perante a situação de guerra o indivíduo encontra-se num estado de permanente tensão” podendo acarretar frustrações diante de determinadas expectativas. “O sonho de mudança total acalentado pelo homem não se realiza (...) Reza a história que a mudança social é sempre desigual”.⁶⁸

Com o prolongamento da crise, a vida fragmentada e as dificuldades diárias, os bens para as necessidades básicas eram escassos e em geral muito caros, o que acabou por ocasionar o aparecimento de mercados paralelos como uma das formas encontradas pela população como garantia de sobrevivência, pois no estado de guerra tudo é provisório, principalmente a própria vida. Neste sentido, “a falta de perspectiva fortalece a desesperança, e, na ausência de esperança, o altruísmo e a solidariedade dão lugar a comportamentos insensíveis e egoístas”.⁶⁹ Tais fatores vieram também a contribuir para um processo de descaracterização dos costumes, da tradição e da cultura angolana:

Sofreram essas conseqüências mais nos bairros, mas não era a guerra que afetou, era aquela coisa: “Ah! Você não gosta de mim porque você é do partido xis”, então os vizinhos é que vão invadir a sua casa porque você sempre apoiou esse partido. (Zélia)

⁶⁸ MAIATO, Eufrazina T. C. L. Gomes. *A representação psico-social da doença mental em conseqüência da guerra em Angola*. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1998, p. 58.

⁶⁹ Ibidem, p. 72.

É possível supor que determinadas atitudes foram baseadas em ações estereotipadas e individualizadas, em um contexto específico em que a existência ou não do “outro” não fazia a menor diferença.

Sendo assim, tais comportamentos buscam suprir suas próprias e únicas necessidades uma vez que, “mais grave que a destruição das infra-estruturas foi a degradação moral e espiritual de pessoas que se sentiram forçadas a disputar os bens mais elementares, perdendo muitas vezes a dignidade humana”.⁷⁰

Fui recrutado, mas não servi porque na época eu já era professor de estrutura material do país. Uma estrutura nova, uma mentalidade mais de sobrevivência, parece que fazem com que as pessoas pensem na sua sobrevivência imediata e pronto... (Mango)

A falta de infra-estruturas que garantissem melhores condições de vida, a escassez dos serviços de saúde e das instituições educacionais e principalmente o medo e a insegurança que ainda assolava a população, foram os principais motivos que fizeram com que centenas de angolanos, mais privilegiados, pudessem se lançar e partir para outros países, dentre eles o Brasil.

Muitos saem de Angola à procura de um meio de subsistência, de uma formação acadêmica e profissional, mas principalmente buscam segurança, uma chance de viver melhor e uma oportunidade de poder oferecer melhores condições de vida para parentes e familiares. Sair de Angola é a realização de um sonho para muitos, mas que nem todos têm condições de conseguir.

Eu tô feliz por ter a chance de vir porque muitas pessoas queriam vir, mas não tinham dinheiro pra vir porque pra sair de lá pra aqui é super caro (...) eu vim numa fase de guerra e eu saí porque eu não tinha idéia de quando essa guerra ia acabar, porque já tava com 21 anos de guerra. (Dalila)

Os jovens sentiam-se ameaçados de morrer, porque havia muita morte. A maior ambição do pai angolano era tirar seu filho de Angola, até mesmo porque quando a gente está em Angola, devido à miséria, a pobreza, falta de oportunidades principalmente em termos de escolaridade, você não tem escolaridade nenhuma, você tá mais preocupado em viver do que estudar. (Tiko)

⁷⁰ VENTURA, Margarida. *O stress traumático e suas seqüelas nos adolescentes do sul de Angola*. Luanda: Editorial Nzila, 2003, p. 18

A luta diária pela sobrevivência e destruição generalizada provocada pela guerra, não permitiu que os jovens, em especial os mais pobres, pudessem recorrer aos estudos, o que agora os mantém com menos esperança de conseguir um trabalho formal e uma melhora de vida.

A educação em Angola tem sido deficiente desde o tempo da colonização, situação que a guerra agravou. Antes, poucos tinham acesso e a permissão para aprender a língua do colonizador; assim, o aprender era reservado a uma parcela privilegiada da população, mas agora se transformou de fato em material de luxo, possível apenas para uma classe, para aqueles que consegue pagar as altas taxas exigidas. Entretanto, os que provêm das elites e classes mais abastadas, mandam os filhos para estudarem fora da África, muitas vezes na Europa.

Não é fácil entrar nessa faculdade, só o ensino médio, pra conseguir a matrícula na altura que eu estava era 700 dólares só a matrícula, aí mensalmente, também não vai faltar, se bem que é uma escola pública, mas é só nome, porque não tá fácil lá, nós temos dois filhos que entraram agora para o ensino médio, como é que íamos manter eles lá. É difícil, então, imagina, só o ensino médio, e o superior? Você, tem um monte de alunos lá que já terminaram o médio e ninguém consegue entrar na faculdade porque você tem que ter dinheiro pra entrar na faculdade, só a matrícula tá acima de mil dólares pra você conseguir fazer a matrícula na faculdade, pra você poder passar num teste que aqui vocês falam vestibular, se você não pagar, você não passa, você pode estar fazendo, fazendo, fazendo e você nunca você vai conseguir, na faculdade também tem falta de professores (Zélia)

Outro fator de grande importância que motiva e/ou proporciona uma melhoria na qualidade de vida e ao menos uma possibilidade de sobrevivência mais digna para si e os familiares, são as igrejas. Diante da falta de perspectivas, da fome, da miséria em que se encontram famílias inteiras, além de toda sorte de problemas, muitos jovens se unem a congregações religiosas como última alternativa para a sobrevivência, pois quando não podem ajudar a família por meio da congregação, ao menos deixam de ser mais um a dividir o pouco que se tem.

Ainda neste contexto, a face missionária de algumas congregações, viabiliza o engajamento de jovens que pretendem sair do país para estudar. Alguns deixam as congregações depois de determinado tempo em outro país, casam-se e vão tocar a vida e formar uma nova família.

Vim como seminarista porque a Congregação tem casas nos países de língua portuguesa e no Brasil, e até porque eu tinha feito contato com a Província brasileira do sudeste e isto facilitou para que eu viesse para cá. Fiquei uns cinco anos e depois saí da Congregação, aí é que houve uma mudança, em que eu começo uma nova vida de estadia no Brasil. Inicialmente eu fiquei uns dois anos em Belo Horizonte, um ano no Rio e estou em S.Paulo desde 2000. Eu saí da Congregação em 2002, e em 2002 eu defini permanecer no Brasil para terminar meus estudos. (Mango)

Outros saem do país por meio de bolsas de estudo oferecidas por congregações religiosas para que, ao voltarem, possam colocar seu aprendizado a serviço da comunidade cristã angolana.

O ensino médio que eu fiz em Ciências Sociais foi num seminário (...). Depois saí porque eu queria fazer ciências sociais e a igreja não tinha isso (...) meu objetivo era me formar na área de ciências sociais e ser escritor acadêmico e professor universitário. Aí eu saí do seminário, voltei pra casa, fiquei só três meses fui convidado por outro padre para trabalhar num projeto de educação salesiano em Kuanza Sul, (...) em Luena (...) Depois começaram com algum projeto na capital Luanda, de fundar uma faculdade (...) precisavam ter corpo docente e professores para poder lecionar, em Angola, (...) os que podem ser encontrados são aqueles que terminaram faculdade, mas não tiveram possibilidade de fazer pós-graduação, mestrado, doutorado essas coisas, porque não tinha, não existe, (...) até 2001 não havia. Então aí pensaram, vamos fazer um convênio com os salesianos que existem pelo mundo afora, um determinado número de pessoas, vão pra lá, se formam depois voltam pra trabalhar nessa faculdade (...) E aí eu fui convidado. (Rubio)

Percebemos também que existem conglomerados religiosos em Angola que mantêm a preocupação de possibilitar condições a seus congregados para saírem do país com vistas a conseguirem realizar ou complementar seus estudos. É o caso da Igreja Metodista de Angola, que mantêm convênio com filiais em outros países que oferecem vagas em seus institutos de ensino superior:

Como membro dessa igreja em Angola, achei por bem tentar uma bolsa na Universidade Metodista de São Paulo. (Ruca)

Vim continuar minha formação secular e teológica (...) pelo fato de ser um país de expressão portuguesa e pelo fato de existir convenio entre Igreja Metodista de Angola com a Metodista do Brasil (S.Paulo) e por residir nela a Universidade Metodista que na altura era Instituto Metodista do Ensino Superior. Recebi ajuda da Faculdade de Teologia ao mesmo tempo em que trabalhei como pastor na Igreja Missionária Coreana no Bom Retiro (S.Paulo);

mais a Bolsa de Estudos da Igreja Metodista Unida de Angola que minha esposa recebia da Suíça; outorgada e endossada pela Igreja de Angola. (Zico)

Em geral, as congregações esperam poder contar com algum tipo de retorno destes jovens que recebem ajuda para sair do país e realizar seus estudos. Seria normal esperar que aqueles que foram agraciados com esta ajuda, voltassem ao seu país para contribuir na reconstrução e na missão da congregação.

Eles precisavam de pessoas pra enviar e poder se formar, claro que não poderiam enviar pessoas que não conhecem, porque, pela situação, tem pessoas que são enviados, vem aqui e se formam e depois não voltam ou então vão para outro local, claro eles teriam que enviar pessoas que eles conhecem e que acham que, digamos assim, cumpriria mais ou menos o estabelecido. (Rubio)

Outras congregações também tiveram atuações no decorrer dos conflitos em Angola. Conforme estudos realizados por Nascimento, “a presença pastoral dos cristãos e da Igreja é fundamental para impedir a extrema deterioração das condições socioeconômicas. Mantém o equilíbrio e coopera para que a comunidade tenha razoável equilíbrio”.⁷¹

Outro fator de desesperança para a população é que a mão-de-obra existente não atende as necessidades, principalmente do setor industrial em desenvolvimento, o que faz com que o setor busque no estrangeiro trabalhadores especializados, pois, no país, no momento, a formação de quadros qualificados é ainda um embrião em crescimento.

Isto vem de encontro à realidade vivida pela população local seja por problemas sociais: subemprego, a desestruturação familiar e falta de infra-estruturas básicas; políticos: falta de investimentos em educação, formação de quadros, etc.; e psíquicos: traumas, seqüelas e suas conseqüências provocadas pelas guerras. Desta forma fica impossível assumir os postos de trabalho que são ou serão oferecidos. Este é mais um fator agravante no que diz respeito ao “resgate” da auto-estima da população que necessita trabalhar, mas, com o advento da modernidade, o trabalho não é mais

⁷¹ NASCIMENTO, Analzira Pereira do. “Crise e Esperança: a práxis pastoral da Igreja Batista na Guerra de Angola 1985-2002”. Dissertação (Mestrado). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2005, p. 157.

apenas braçal, mas altamente tecnologizado, o que necessita de formação e capacitação profissional especializada.

Aparentemente o governo tem lutado e se esforçado na busca e implementação dos recursos necessários que possam vir reduzir os danos sociais ocorridos, que visam a diminuir a pobreza, erradicar as doenças endêmicas e proporcionar as condições minimamente adequadas para atendimento das necessidades mais urgentes, e, indubitavelmente, essenciais: moradia, alimentação, saúde e educação da população.

Neste sentido o governo busca recursos externos para planejamento e implementação de investimentos como a desminagem por ser este, fator de grande risco para a população. O relatório da Human Rights Wach publicado em março de 2005, afirma que, ao final da guerra, a agência internacional de desminagem de minas, HALO Trust, estimou que haveria pelo menos um milhão de minas terrestres em Angola, sendo estimado ainda a existência de 80.000 sobreviventes de acidentes com minas.

O país tem mudado bastante, depende, em relação à agricultura, por exemplo, não tá a se produzir por causa das minas, as minas, acho que nesse momento deve estar o quê, talvez nesse momento deve tá 100 minas por pessoa. Porque as pessoas que estavam na guerra, cada um punha mina num lugar pra se defender do outro, então nesses lugares é de cultivo, eram campos. (Dalila)

As minas isolam comunidades da assistência humanitária porque as organizações não podem viajar por grande parte do país devido ao perigo que as minas representam, o que fica agravado na época das chuvas que expõe as minas e sua conseqüente detonação. As pessoas ficam impossibilitadas de cultivar seus campos e de viverem livremente em suas terras.

Meu filho perdeu metade de sua perna em Setembro. O problema é que as pessoas estão com fome e vão à procura de mangas. Geralmente são as crianças que saem à procura de mangas, mas meu filho tem vinte anos. A área estava marcada como área de minas, mas ele havia acabado de chegar e estava com tanta fome que ignorou o aviso.⁷²

Infelizmente o problema das minas terrestres em Angola ainda está longe de ser resolvido uma vez que não há registros da localização das

⁷² Entrevista concedida a Human Rights Wach, Feliza, Luau (Retornado), 23/11/2004.

mesmas, além disso, apesar de algumas de suas vítimas terem sido agraciadas com membros mecânicos, a lembrança da tragédia não tem como ser reduzida. O que é curioso salientar, é que a maior parte das vítimas de minas em Angola não é composto por militares ou soldados; ou seja, aqueles que as distribuíram pelos campos, mas sim os civis, especialmente mulheres e crianças, estas trabalhando no cultivo da terra, nas plantações e as crianças brincando e também trabalhando no campo. “Muitas crianças pisaram em minas nas suas atividades diárias – atividades agrícolas, procura de lenha e água, cuidando dos rebanhos, ou mesmo brincando nos campos”.⁷³

Grande parte dos entrevistados relata suas experiências passadas com saudosismo no que diz respeito à infância, à família e ao convívio com amigos.

É claro que, como já dissemos no decorrer deste capítulo, as boas lembranças foram aos poucos sendo recortadas pelas angústias e transtornos causados pelas guerras. Foram momentos difíceis que causaram dor, tristeza, estagnação, desalento, mesmo que por uma fração de segundos.

Percebemos também que alguns relatos foram apresentados com precisão de datas e informações políticas, o que nos leva a crer que boa parte da população tem conhecimento de sua própria história e sabe falar sobre ela com propriedade, chegando, como vimos, ao detalhamento histórico.

De acordo com nossos entrevistados, a guerra foi o fator primordial que veio a motivar e, mesmo com seu término, ainda motiva o angolano a sair de sua pátria. Um de nossos entrevistados chega mesmo a comentar que, se não fosse a guerra, ele não saberia dizer onde estaria naquele momento, e provavelmente nós não estaríamos tendo uma conversa.

A busca por melhores condições de vida, a possibilidade de estudar, se formar e obter uma profissão, ou seja, a necessidade de encontrar caminhos que ao menos garantam a própria subsistência e

⁷³ HONWANA, Alcinda. *Conhecimentos locais sobre o processo de cura e reintegração de crianças afetadas pela guerra em Angola*. Consultora Christian Children' Fund. Luanda: Editora Humbi, 1998, p. 53.

conseqüentemente possibilitem uma vida mais digna aos seus, ainda é a causa que vem configurar a saída em massa de angolanos para o Brasil, seja pela proximidade da língua ou do clima.

Seria absurdo alguém sair de um país e vir pra um outro país que tu nem sequer conhecesses a língua, (...) fica mais fácil, a gente fala a mesma língua então a comunicação é mais fácil (...) a gente fala a mesma língua, a gente tem os mesmos hábitos e costumes e a gente identifica-se muito com o Brasil, tanto é que se tu parar pra ver, tem o maior número de angolanos, Rio de Janeiro também dado ao clima que é igual. (Dalila)

Muitos partem com o único objetivo de sobrevivência e subsistência. Sair já significa um ganho, pois ficar é resignar-se a uma não vida, é preparar-se para uma morte iminente.

Existem acho que dois gêneros, os que vêm com a missão de estudar, os que vêm com a missão de procurar uma vida melhor. (Tiko)

A possibilidade da vinda para o Brasil durante a guerra civil, também representava um alívio, tanto para as famílias que não precisavam mais se preocupar com os filhos em idade de alistamento obrigatório, como para os jovens, que não precisariam mais correr risco de morte nas frentes de batalha. Ou seja, tranquilidade para todos aqueles que não queriam ser envolvidos em uma guerra que não lhes dizia respeito, que não viam razão de ser, pois os ideais do início do confronto não eram mais os mesmos pelos quais lutavam, a guerra perde assim seu sentido.

Eu não que criei a guerra, meus filhos não tem que morar numa coisa que não tem sentido, acho que a guerra não deveria ser em nenhuma parte do mundo, isso é só ambição dos homens por uma coisa que a natureza dá, Angola é um país rico em ouro, petróleo e diamantes... (Dalila)

Pode ser que houve a utilização de alguns artifícios para conseguirem a saída, pode ser que deixaram de se alistar e “lutar pelo bem do país”, mas estariam eles lutando ou se oferecendo para a morte? Será que estavam errados em tentar a fuga naquela altura? Não estariam mais certos em tentar ganhar um amanhã quando do retorno?

A guerra em Angola imperou em dois momentos diferentes: (1) criou o pauperismo antropológico que retirou do angolano os aspectos de ter sido, ele mesmo, o agente e autor de sua própria

história; (2) como parte do interesse do capitalismo internacional viu nesse ato de desumanização a forma mais eficaz para praticar a exploração da pessoa humana pela pessoa humana. (Zico)

Enfim, a decisão de sair foi tomada, os meios foram providenciados por igrejas, congregações, embaixadas. Convênios foram firmados; familiares providenciaram o custeio da passagem e mais algum para que se garantissem por um período até a possibilidade do envio de uma nova soma, e assim se acertou a partida.

Em um primeiro momento a chegada representava o começo de uma nova vida, a chance de poder ter e ser, enfim uma grande oportunidade. Restava então enfrentar as conseqüências da saída e defrontar-se com as dificuldades que poderiam vir.

Vejamos como foram enfrentadas.

IV – Angolanos em São Paulo

“minha trajetória de Angola pra aqui é como um sonho que todo mundo tem de procurar melhores condições de vida ou ir buscar alguma coisa nova pra tua vida futura.” (Dalila)

4.1) o início de uma nova etapa – a vinda para São Paulo

A vinda de angolanos para São Paulo está vinculada diretamente à fuga de um “estado de guerra” como já vimos anteriormente. A busca por melhores condições de vida, segurança, trabalho e estudo, é o que vai motivar e direcionar os relatos de nossos entrevistados e os de seus conterrâneos que, de uma maneira ou de outra, estarão aqui representados.

Sai pra não morrer, saí pra proliferar, saí pra ter minha vida (...), sonho com um lugar onde eu possa edificar meu Jango, Choto, onde eu possa mexer com a terra pra dar um pouco de continuidade a essa atividade humana agrícola que, pra mim é fundamento da célula basilar da comunidade que é a família.
(Zunga)

Muitos conseguirão atingir seus objetivos, no entanto, nem todos serão contemplados ao final desta busca. As dificuldades do dia a dia: falta de emprego, moradia, saudade dos familiares, solidão, preconceito, enfim, muitos são os fatores que contribuem para esse sentimento de não pertencimento, comum àqueles que estão longe de seu lugar de origem, mesmo estando rodeados de conterrâneos, mesmo estabelecendo novas relações de convívio e de amizade.

A imagem de uma sociedade que oferece muitas facilidades e possibilidades de progresso pessoal, também contribui para a vinda de

angolanos a São Paulo. O “mito da metrópole” pode aqui ser entendido como motivador dos interesses daqueles que buscam melhores condições de vida, mesmo na condição de estrangeiro. Infelizmente, a realidade encontrada por alguns, vem desfazer o sonho e antecipar a partida.

Quando meu pai me deu a notícia de que eu ia para o Brasil, minha vida mudou, chegar lá é mil maravilha, tem tudo fácil, tem idéia de chegar no supermercado e tirar tudo o que quiser (...)você chega aqui e vê tudo totalmente diferente, você vê que..., às vezes você chora, isso é impossível não acontecer. Você quer ir embora. (Tiko)

Depois que meu marido terminou, ele resolveu voltar, porque é difícil aqui o estrangeiro conseguir emprego se os próprios brasileiros não tem... fica difícil. (Zélia)

Acreditamos que alguns angolanos, seguindo os costumes de sua cultura, estenderam seus laços e transformaram as relações que aqui estabeleceram em um grande exemplo de família alargada, construindo assim uma rede de socialização na qual podem sentir-se um pouco “em casa”, e diminuir a angústia dos dias vindouros.

O jovem angolano vem primeiro porque ele sobrevive através de compra. Ele faz compra aqui e manda pra Angola, o que vulgarmente tem se chamado de muamba. Eles fazem compra aqui, mandam e suas famílias vendem. Outros acabam se acomodando com o pouco que têm aqui, porque viver em Angola é difícil. Primeiro porque você vai ter que sair daqui sem escolaridade nenhuma, porque você sai de lá no tempo de guerra, não teve tempo de estudar, não tem oportunidades nenhuma, você chegou aqui e deixou uma mãe lá que não trabalha, deixaste filhos, deixaste parentes, que lá não tem oportunidade nenhuma de ter condições de vida melhores. O que que acontece? Você chega aqui, a tua ambição é trabalhar pra ver se sustentas a tua família lá. Então, acaba se acomodando e ir atrás de uma vida melhor, tu pensas em se formar, ter alguma família, uma mulher, ter alguma identidade brasileira, e se acomoda. (Tiko)

O trabalho passa a ser visto como uma ocupação econômica que gera bens materiais para sua própria subsistência aqui, assim como também manter seus familiares em Angola. Além disso, caracteriza a função social de chefe de família, no sentido de prover os bens necessários.

trazer os meninos aqui pra eles também continuarem a estudar, em vez de eu ficar muito tempo lá em Angola, aí eu vou ter a oportunidade de vir, ficar um tempo aqui, aí eu volto e, nesse caso, pra não ficar parado eu já consigo fazer alguns negócios, estava

ajudando naquele momento. Você vem compra algumas coisas, leva lá vai vendendo, pequeno comércio também já dá o tempo de ficar um pouquinho aqui com a família, um pouquinho com a família lá, então a idéia foi mais ou menos essa, eu acho que fiz umas seis viagens, por ano eu viajava umas três vezes, até 2000 quando eu fiz a última viagem (...) já não voltei mais em Angola, comecei só mandando as coisas e a família foi se virando. (Zélia)

Para alguns de nossos entrevistados, os estudos vieram como consequência de sua permanência aqui em no Brasil.

Vim eu e meu irmão dois anos mais novo que eu. Meu irmão tinha dezessete e eu dezoito, fazendo dezenove. Ficamos no Rio sem parente nenhum, sem alguém que nos orientasse (...) fomos nos virando, aí acabamos indo pra Minas Gerais estudar, (Dinheiro dos pais) Tinha uma quantia razoável que dava pra se virar por dois meses, mas a gente saía sempre trabalhando. Então já fomos trabalhando, fomos botando a mão na massa. No Rio comecei vendendo roupa, vendendo roupa em loja (...) em São Paulo quando eu começo a trabalhar de garçom (...) antes mesmo de me dedicar a essa vida das artes, comecei a fazer trabalhos de modelo, o que me tirou de trabalhar como garçom porque ganhava muito mais (...) nos últimos quatro anos eu resolvi estudar porque autodidata que não estuda acaba que não faz mais nada. Autodidata é bom pra começar, depois disto tem que pesquisar também porque senão fica redundante. Eu fui estudar artes plásticas, fui fazer UFMG pra melhorar isso. (Zunga)

Inicialmente eu fiquei uns dois anos em Belo Horizonte, um ano no Rio e estou em São Paulo desde 2000. Eu saí da Congregação em 2002, e em 2002 eu defini permanecer no Brasil para terminar meus estudos. Então a necessidade que me fez continuar no Brasil depois que saí da Congregação mesmo pensando nas dificuldades que eu enfrentaria por estar sozinho, sem família, sem parentes e principalmente sem amigos com quem contar, (...) foi muito difícil mas a razão maior é que eu terminasse meus estudos. (Mango)

Se levarmos em consideração os angolanos que vieram para São Paulo apenas com a intenção de estudar, poderemos facilmente perceber que seu tempo de permanência fica totalmente tomado entre a universidade, a biblioteca e ao cumprimento dos estágios obrigatórios. Isto ocorre com a grande maioria, porque a preocupação desta está totalmente voltada para o término desta atividade, uma vez que tem a intenção de voltar o mais brevemente possível para sua cidade, para a sua família.

Os outros com quem dividi a casa, também são dedicados aos estudos e estão ali. Se sair de casa vai pra faculdade, sai da faculdade vai pro estágio, sai do estágio ta em casa, ta fazendo pesquisa, e essa a vida que ela leva. Durante o tempo que eu fiz a

graduação praticamente eu fiz a mesma coisa, eu estava na faculdade depois ia fazer o estágio, depois do estágio tava lá fazendo os meus trabalhos, era essa a vida, fora desse não tinha outro ritmo. (Rubio)

Além disso, o período de permanência, em geral, está vinculado aos convênios estabelecidos e assim, diretamente relacionados com o recebimento de bolsas de estudo. Há ainda, por parte de alguns, o recebimento de uma complementação mensal proveniente de familiares em Angola.

Os nossos pais, eles mandam dinheiro pra pagar nossa faculdade porque com a verba que nós temos ainda não conseguimos convênios em São Paulo de 100% é normalmente 80%, então eles mandam dinheiro pra pagar renda, tudo o que você pode imaginar, roupa, tudo, e a gente aqui, o que eles pedem de nós é só estudar. Estudar e atender as ambições deles também, e a gente vão levando assim, tudo contado e tal, tudo assim na risca. A vida de estrangeiro é praticamente isso. (Tiko)

Alguns relatos que dão-nos conta de que a permanência neste Estado foi decidida após um período em outra cidade e a escolha por São Paulo deveu-se a questões relacionadas à facilidade de trabalho, estabelecimento de convênios estudantis e ainda por decisão de um dos membros da família.

Agora tem outra parte de jovens que saem de lá com ambições mesmo de estudar. (...) São Paulo atualmente, é o estado que tem mais bolsas para angolanos. A gente consegue criar convênios com facilidade (...), eu vivi no Rio durante um ano, você para estudar é difícil, muito difícil, impõe-se muitas barreiras, é difícil buscar convênios. Nós conseguimos um convênio com a Faculdade Metodista (...) o curso dá dez vagas para angolanos, e por isso há um grande fluxo de pessoal em São Paulo, por causa de oportunidades. Acho que São Paulo a gente consegue viver melhor. (Tiko)

Meu atual marido é brasileiro, trabalhou comigo num projeto de reabilitação ambiental urbana das cidades de Lobito e Benguela. Nós trabalhamos juntos, aí a gente se conheceu e como ele queria que eu viesse para cá para dar melhores condições para o meu filho, eu acabei vindo com ele pra cá. (Ana)

Mesmo nestas circunstâncias a preferência pela cidade foi fundamentada na necessidade da progressão acadêmica tanto pessoal como para os filhos tendo em vista as dificuldades encontradas no país de origem

ao acesso, a permanência e à obtenção de uma educação pública e de qualidade.

Meu marido é que veio primeiro, ele veio aqui estudar, entrou aqui em 94 e ficou aqui o tempo todo estudando, eu fiquei lá em Angola com os filhos, cinco anos e alguns meses, o tempo era demais que a gente se separou, (...) então eu vim fiquei aqui uns quinze dias (...) chegamos numa conclusão que era melhor eu trazer os filhos (...) pra eles também continuarem a estudar. (...) é difícil o estudo em Angola, não tá fácil. Talvez alguém pode dizer: –Não, está fácil!, mas depende da classe, tem a classe alta, tem a classe média, tem a classe baixa, tem quem acha que é fácil, tem que ter alguém que ajuda, que é fácil fazer qualquer coisa, mas tem famílias que não tem possibilidade, não tem onde encostar, quem pode ajudar, então fica difícil. (Zélia)

Percebe-se que as escolhas foram baseadas na inexistência de uma estrutura social⁷⁴ e educacional em Angola. Sabemos dos problemas que foram e ainda estão sendo enfrentados tendo em vista a destruição pela qual passou o país, porém, é de suma importância que os governos estejam mais sensíveis a este grave problema.

Não seremos ingênuos a ponto de desviarmos nossa atenção apenas para o motivo maior da evasão em grande escala de angolanos do país: a morte, a mutilação, a miséria; no entanto, não podemos deixar de fazer referência ao fato de que se fazem necessárias políticas nas quais a educação seja fator primordial na reconstrução, pois, a educação progressiva e continuada para crianças, adolescentes e jovens, é de essencial importância no crescimento do país, considerando que esta seria a base para o desenvolvimento da população e sua reintegração social uma vez que “a educação está entre as atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana”.⁷⁵

⁷⁴ “Rede de relações de interdependência relativamente estáveis que existem entre um determinado conjunto de posições, papéis, instituições, grupos, classes ou outros componentes da realidade social, de nível igual (como os membros de uma família) ou de nível diferente (como acontece numa formação econômico-social), independentemente da identidade dos componentes que se revezam como sujeitos das relações”. In: Luciano Galladino (Trad. José Maria de Almeida). *Dicionário de Sociologia*,. São Paulo: Paulus, 2005.

⁷⁵ ARENDT, Hanna. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 234.

4.2) relações de convívio e de amizade

No entanto, apesar de uma longa permanência, muitos continuam a conviver na maior parte do tempo em comunidades fechadas, formadas por angolanos, não estabelecendo relações de amizade com paulistas ou paulistanos, e mesmo quando isto ocorre, o número dos que participam desse convívio é distintamente inferior.

Amigos angolanos, tenho muitos. Brasileiros tenho, mas assim..., não é aquela amizade, amizade colorida e tal. Mas é razoável, mas é... As minhas amizades mesmo maiores são angolanos mesmo. Muitos amigos, muita família angolana mesmo. (Ana)

Poucos, poucos. Porque também eu não sou muito de andar assim de casa em casa ou... Entendeu? Não é minha característica não. Então, talvez, isso que dificultou, mas eu tenho alguns amigos brasileiros que se eu ligar estão ali. Mas não são muitos. (Dalila)

Acreditamos que exista um sentimento comum no estabelecimento de novas amizades. Desta forma, tanto a segurança e a confiança de estar entre conhecidos, como a necessidade de manter vivo costumes e tradições, foi e segue sendo fatores motivadores para o não estabelecendo de uma rede mais alargada de convívio entre angolanos e brasileiros.

Tenho amigos no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, no Maranhão, aqui em São Paulo é que eu não tenho muitas redes assim, de amizade, o que eu tenho são redes de camaradagem, são colegas de faculdade, colega, ex-colegas de graduação, ex-colegas de especialização, colegas de mestrado, aí por diante, essas coisas... mas essa rede, não chamo uma rede de amizade (...) amizade envolve uma outra dimensão, eu chamo isso uma rede de camaradagem, pra manter uma rede de amizade é preciso que esta pessoa tenha proximidades, comunhão de idéias, uma comunhão de filosofia, aquilo que chamamos de filosofia de vida, se não houver uma comunhão de filosofia de vida não rende, então não nasce uma boa amizade. Se não há uma rede, não há certas amizades nasce porque há certas afinidades (...) se não houver uma certa congruência de interesses a amizade não nasce, fica uma camaradagem, amigos de encontro só. (Mango)

Como já vimos anteriormente, alguns relatos dão conta de que a complementação dos estudos é prioritária à permanência destes angolanos, pois é condição, tanto aqui como em Angola, para a melhoria de vida e de abertura de futuras possibilidades.

Neste sentido, muitos direcionam seu foco apenas para os estudos, não restando muito tempo para um convívio mais ampliado e diversificado.

Entre alguns relatos pudemos perceber que as relações de convívio e de amizade, estabelecidas até então com brasileiros são, em sua maior parte, mantidas de forma superficial. Os (as) amigos (as) com quem contam nas horas difíceis são sempre os conterrâneos, pois acreditam que somente um angolano terá a possibilidade de entender o que se passa na mente e no coração de outro angolano, tendo em vista um passado em comum.

A relação de amigos é praticamente a relação que nós teríamos com o pai e mãe. Porque, você tá doente é primeiramente o amigo, você tem problemas é o amigo, praticamente tudo aqui são os amigos, é impossível você chegar e brigar com um angolano porque, basta ver que é angolano, nós conhecemos nossa trajetória de vida, conhecemos a nossa luta. (Tiko)

Acreditamos que este sentimento de não pertença e de “provisório”, também influi para que as relações que por ventura venham a se estabelecer, se tornem um elo tão forte quanto o que tinham em Angola antes da partida. Hoje, apesar da melhoria das comunicações entre familiares e amigos, muitos, tendo em vista os percalços ocorridos pela saída e a forma com que esta se deu, não conseguiram manter suas amizades, nem tão pouco obter informações sobre elas.

A perda do contato com os amigos também é fator de desestruturação tanto para aquele que partiu quanto para aquele que ficou, a separação de amigos e familiares provoca uma ruptura nas relações, deixando marcas nas pessoas envolvidas e esta sensação de não saber causa insegurança, impotência e conseqüentemente, sofrimento.

A necessidade de manter um amigo e o estabelecimento de relações de convívio saudáveis podem ser fatores cruciais na recuperação de traumas, frutos de uma experiência diária, ou de vivenciamento, mesmo que indiretamente, de situações de violência em um ambiente marcado pelo conflito:

Amigos é difícil se fazer, é um ou dois. Amigo é aquela pessoa que chora contigo no momento difícil e sorri contigo nos momentos alegres não é? Na dificuldade e na hora da abonação também, é tudo uma história, quando eu vim para aqui, eu tinha as minhas amizades feitas já lá, comecei a gatinhar como um bebezinho, os anos passam, eu deixei ali amizades que eu não sei onde vão, se

voltaram se não voltaram se vão ser meus amigos de novo sei lá é complicado, eu vou ser amiga daqueles que eu ainda conseguir ter contato nesse período que eu to aqui, mas eu sou uma pessoa e tudo passa na vida, eu vou conservar os outros que eu fiz agora, são meus amigos por tudo. (Dalila)

As mudanças que ocorrem em nossas vidas, sejam elas no campo social ou psíquico, são sempre causas de difícil adaptação. Tanto o corpo como a mente precisam de um período para adequação dos novos lugares sejam eles uma mudança de quarto dentro da mesma casa ou de bairro, ou de cidade. Imaginemos então, quantas não são as mudanças que devemos enfrentar quando mudamos para outro continente, outra cultura, outros valores.

Toda e qualquer mudança ou viagem, por curta que seja, não pode ser desconsiderada, pois provoca rupturas tanto sociais quanto emocionais. “As pessoas, quando se deslocam, deixam para trás traços e vestígios de sua própria vida e de sua identidade. Migrar sempre significa ‘cortar laços’, começar do zero, enfrentar o desconhecido, enfim, mudar de vida”.⁷⁶

⁷⁶ LUCENA, Célia Toledo. *Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999, p. 65.

4.3) relações familiares no Brasil

Levando em consideração os dados relativos aos costumes educacionais e culturais, e fazendo um paralelo entre Angola e Brasil, pudemos perceber, de acordo com os relatos coletados, que tais diferenças estão mais relacionadas à educação não formal.

Esta preocupação foi mencionada levando em conta o aparecimento “de meninos de rua” em Luanda, capital de Angola, na década de 1992, quando da mudança do regime socialista para capitalista. Fator que possibilitou a abertura da mídia televisiva que veiculava novelas brasileiras entre outros programas que tratavam e mostravam o fenômeno do aparecimento de meninos e meninas que ganhavam dinheiro fácil nas ruas e faróis da cidade.

Em 92 houve mudanças de estrutura política, mudou-se do sistema socialista para o sistema capitalista, e isso muda a maneira de entrada de informações é claro porque quando era sistema socialista, barrava certas informações. Em 92 a televisão se abre e começa a aparecer na televisão os meninos de rua, principalmente nas novelas brasileiras (...) havia padres trabalhando com meninos de rua, a gente ia conversar porque havia um prazer nos meninos, você recolhia os meninos da rua para um albergue e eles voltavam, mesmo porque isso era favorecido pela dinâmica social de Luanda, é um lugar em que a maior parte das pessoas vivem de uma economia informal e isso facilita. (Mango)

Este fato foi corroborado pelo desespero que acometeu homens e mulheres que estavam a morrer nos campos e nos interiores e que viram nos comboios que chegavam carregados de suprimentos, a única forma de salvação para os filhos, quando da partida dos mesmos, uma vez que os comboios regressariam para Luanda, cidade onde a guerra não castigou os habitantes, lugar onde acreditavam que os filhos estariam mais seguros.

Então, muitas mães e pais pegavam os seus filhos e punham nos aviões da PAM para Luanda, porque sabia que nesta fase lá estava calmo e não tinha aquele problema. Então, que se salvem os filhos e que nós morramos aqui, já que os mais velhos não podiam subir no avião, punham as crianças. E fase de 92, começou a aparecer um número muito elevado de crianças, assim (...) de 8 anos até 20 e tal anos. Assim, de 20 em diante, chegavam e como já é adulto sabe se virar. Então, alguns conseguiam se virar, fazer seus negócios, ser ambulante, trabalhar, vender lá na rua. Mas, crianças de 8, 10, 15 anos, meninas, rapazes, (...) Hoje se você vai a Luanda ainda está se fazendo programas para integrar essas

crianças. Mas se fores em Luanda você vai ver o número de crianças nas ruas. Não tinha o que comer, tinha que ficar lá nas lixeiras aproveitando o que comer. Então, tu podes imaginar como as famílias ficariam nessa fase. (Rubio)

As famílias foram assim se dissolvendo, se desintegrando. Os filhos soltos a tentar sobreviver de qualquer forma e a qualquer preço, os pais já debilitados, ficaram à espera da morte pela fome, pelo sofrimento, pela guerra.

As funções de agregar, unir e transmitir ensinamentos, antes desempenhadas pela família, ficaram seriamente danificadas, assim como seus próprios sujeitos.

Apesar disso, percebe-se aqui, mais uma face da família alargada e de sua importância na manutenção de costumes e tradições da sociedade-comunidade. Os ensinamentos sobre linhagem e as relações de parentesco eram passados pelos mais velhos às crianças, as quais eram apresentadas aos parentes tanto por consangüinidade como por afinidade, desta forma, o ciclo de solidariedade se solidificava entre os membros do grupo.

Não era comum você encontrar uma criança não ter alguém, não ser cuidado. Se um casal tem filhos ou se o casal morre e tal, tem a parte do avô ou a parte materna que pode acolher essa criança, tem a parte paterna famílias que podem acolher essa criança, essa criança é aceita e vai viver como filha e fica como filha e cresce e desenvolve bem, então a criança não fica abandonada. (Mango)

Entretanto, o contato com costumes e valores provenientes de outras culturas – televisão, internet, uniões que levaram novos moradores para Angola e ao mesmo tempo angolanos a outros países, – também contribuiu no aparecimento de uma nova estrutura familiar e em modificações na educação dos filhos.

São meninos que vão para a Europa e trazem mulheres européias, mulheres européias não entendem da cultura, não querem saber dos netos, não quer saber lá dos primos, então está havendo uma mudança na estrutura familiar, principalmente com esta nova formação de casamentos (...) nas dinâmicas que estão ocorrendo na família (Mango)

Inúmeras transformações afetaram a estrutura familiar e o modelo de educação tradicional anteriormente utilizado. A entrada em um regime capitalista que impõe o consumo de qualquer bem a qualquer preço, dificulta

sobremaneira a manutenção de uma educação e modo de vida que valoriza o coletivo, até porque privilegia o individual e a competitividade.

Conforme relata um de nossos entrevistados, fomos, todos nós, tomados pela modernidade e mobilizados a pensar que sem ela não conseguiremos mais viver, acabamos nos tornando dependentes de tudo o que ela representa, e desta foram, deixamos de dar valor às coisas mais simples da vida.

A gente tá tentando manter a família unida embora essa dificuldade toda da modernidade. A modernidade trás muita dificuldade nas relações. Nunca vivi outro tempo, mas hoje em dia é tudo mais fácil de se dissolver e reconstruir outras coisas, tudo é descartável demais. (Zunga)

Somos sujeitos desta época, não conhecemos outra afinal, mas sabemos que hoje a informação nos chega com maior velocidade, com mais propriedade e por fontes diversificadas. É, pois difícil manter as rédeas dos filhos por meio de um modelo educacional pautado na obediência aos pais. Acaba assim por ocorrer uma disputa com a educação que os filhos recebem na escola, com o que aprendem com os colegas e principalmente com a televisão.

A educação vai variando dependendo do tempo. O tempo das nossas mães foi outra, o nosso tempo também foi outro, esse tempo que estamos agora também é outro. Nós tentamos educar as crianças com a nossa cultura, mas às vezes fica difícil porque a educação não é só de casa, a criança aprende mais no que ele vê fora. (Zélia)

A educação vai também se moldando conforme as mudanças de nosso tempo e do nosso dia a dia. O aprendizado do passado continua, todavia, vai aos poucos sendo transmitido, de forma que as interferências do meio não sejam tão prejudiciais.

Os pais têm o encargo de prover, encaminhar, ser exemplo e cuidar para que os filhos sigam “o caminho certo”. Neste sentido esforçam-se para transmitir seus ensinamentos, e assim não serem responsabilizados pelo insucesso dos mesmos.

Mãe tem que ter a coragem de poder proibir (...) se você não proibir, ele vai (...) quebra, vai se arrepender, mas já aconteceu, aí culpado é quem? Vai ser os pais, porque tinham muito tempo de impedir não impediram porque deram a liberdade na criança, então,

nós tentamos fechar isso para que as crianças, pelo menos uma coisa de tradição tenham, como respeitar os pais, porque respeitar os pais é tudo isso, é quando você tem que ouvir e obedecer. (Zélia)

Não podemos nos esquecer que estes pais que estão aqui agora com seus filhos adolescentes tiveram em boa parte de suas vidas, experiências de incerteza e angústia constantes, tendo em vista que vivenciaram períodos muito difíceis por causa da guerra, mesmo os que sempre moraram em Luanda, capital de Angola, e que foi o local onde a guerra menos afetou com relação aos bombardeios, mas não em relação à superpopulação e à falta de infra-estrutura que foram obrigados a conviver uma vez que recebiam muitos refugiados ao longo destes quase 30 anos de guerra civil.

Hoje o filho não é mais obediente, por isso é que a gente vê que tem muita criança por aí quebrando a cara, como o brasileiro fala, né? FEBEM's cheias...; porque os pais deixaram a Deus doar, como nós falamos (...) o filho faz o que quer e acha que é dono do nariz. (Ana)

De acordo com os relatos de nossos entrevistados, a preocupação com a educação dos filhos está justamente no fato de poder educá-los dentro de atmosfera de respeito e tolerância. Não se pode é claro negar os avanços tecnológicos e o aprendizado que ele possibilita, a necessidade da educação escolar e o convívio com outras crianças; no entanto, fica claro que há uma grande preocupação relacionada ao respeito e obediência aos pais em primeiro lugar, mas também aos mais velhos.

Tem coisas que a gente sentia, ah!, isso não se pode fazer, em Luanda se faz, é uma coisa normal. (...) A forma de falar, a forma de tratar alguém, conversar ou de chamar, muita coisa diferente. (...) os filhos daqui do Brasil tem uma cultura assim muito liberada. (...) O filho ele tem o direito de fazer aquilo que bem entender, (...) tem uma liberdade, expressão, (...) nos nossos tempos não era assim: eu não posso fazer nada sem os meus pais me autorizar (Zélia)

No campo das relações familiares é prudente também perceber que “a natureza das relações dentro de uma família vai se modificando através do tempo, seja por questionamento, seja pela distribuição de papéis, e esse é um problema chave para o surgimento de uma nova estrutura social”.⁷⁷

⁷⁷ PRADO, Danda. *O que é família?* São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 10.

Nós temos uma importância muito especial, a família pra nós é muito importante, família não quer dizer só eu e meus filhos, não. Família vem tudo a partir do avô, do bisavô, do trisavô, até chegar na geração atual, vem da origem dos nossos pais até nós, eu nunca vou admitir que um filho meu, falte respeito a minha mãe, se eu faltar respeito a minha mãe vai dar respeito a mais a quem? Se ela é a base é o alicerce. Então há coisas que devem ser cultivadas, e eu às vezes fico indignada assim com certas falhas que nós, a nova geração temos, principalmente aqui no Brasil. (Dalila)

A comparação entre a educação que receberam, da educação de Luanda e do Brasil, diz respeito a uma mudança ocorrida em todos os níveis, não só na educação, no momento em que as pessoas passam a ter acesso a informações, passam a conhecer mais, e, com isto também a cobrar mais, aprendem ainda a se posicionar diante de fatos antes desconhecidos, ou não veiculados.

Hoje os filhos já não são como na época que a gente cresceu, eu pelo menos casei com 18 anos, não to arrependida hoje..., tenho minhas filhas grandes, mas... podia ter feito a minha faculdade mais cedo, mas por falta de orientação... por parte dos pais, (...) hoje eles tem na internet, nos livros, na televisão, (...) hoje nossos filhos, os jovens tem opções, vão optar pela formação, independência financeira e depois o relacionamento, e já não tão presas ao relacionamento por bens materiais, (...) principalmente as mulheres têm mais firmeza nas suas posições, e isso é legal. (Dalila)

Neste sentido, a educação que receberam, até pelo contexto histórico em que esta se deu, foi muito diferente da que hoje podem oferecer aos seus filhos. No entanto, o que somos, o que queremos ser e o que demonstramos ser no convívio sócio-dinâmico, é fruto de anos de um relacionamento interpessoal e intrapsíquico, instaurado nestas relações familiares, desde a concepção.

Eu sempre ponho na cabeça delas, que elas moram aqui, mas são africanas, e que em África avô é importante, o tio é importante, até uma pessoa adulta, talvez por ser amigo dos pais, ou de alguma outra pessoa, ou do vizinho, a pessoa acaba chamando de tio, porque as famílias são o que? Praticamente as pessoas que tão próximas que convivem contigo, quando te ver aflito essas pessoas que vão estar do teu lado até chegar os familiares vai demorar um pouquinho, às vezes pessoas que estão próximas é que vão te socorrer, então acho que amigo acaba sendo uma família. (Dalila)

O contexto familiar se confunde e se difunde na esteira da amizade, da educação, do respeito e da obediência, elo que novamente nos remete à estrutura base da sociedade-comunidade angolana, formada pela combinação destas relações, preocupa-se em conservar o grupo social que se fortalece e se reproduz por meio da manutenção destes vínculos.

Sabem que eu tento conservar algumas coisas em relação à amizade, respeito, educação. Faz parte da formação do mundo, se não tem respeito e educação, perde a graça, tudo cai, a educação é a base, (...) a educação e tudo (...), se você não tem educação não dura em nenhum lugar. (Dalila)

Relações de amizade e convivência deram lugar ao aparecimento de novas estruturas familiares que vão se constituindo, dando lugar à formação e a organização de um novo contexto familiar.

Os relatos de nossos entrevistados nos possibilitaram vislumbrar a possibilidade da constituição de uma nova família: angolana e brasileira, originária deste processo de socialização.

Existe um conflito por que é uma estrutura diferente. Você tem a sua esposa que é de uma cultura diferente, você de outra cultura diferente, mas por nós sermos contemporâneos, é possível encontrarmos uma forma que nos permita viver o que é de nossa contemporaneidade sem realmente impor certos padrões. Eu não posso impor na minha casa padrões angolanos, também não posso permitir que se imponha padrões brasileiros, então tem que encontrar um certo meio termo (...) eu tenho os meus valores culturais e minha esposa tem os seus valores culturais, mas porém são valores culturais que podem dialogar, porque eu creio que quando as pessoas se unem, o primeiro valor é o da união entre as duas pessoas, o que vem posteriormente é algo externo que deve ser dialogado e sintetizado entre os membros da família. (Mango)

Tínhamos como pressuposto procurar entender se a ruptura social e cultural pela qual passaram poderia ser amenizada pela formação desses novos arranjos familiares. Ou se estes serviriam apenas para o recebimento da cidadania e conseqüentemente da manutenção no país.

De acordo com os relatos, a questão da cidadania não foi levada em consideração no momento da escolha de se casar ou não. Nossa suposição é que, nestes casos específicos, os casamentos se deram depois de um período razoável de permanência no Brasil, além do fato de que a relação de amizade existente com o companheiro não era recente.

O núcleo das minhas amizades ainda é daquela referência que eu tenho de onze anos atrás, a gente se conheceu ali, éramos amigos, depois voltamos a nos reencontrar, namoro há seis anos, e vivemos juntos há um ano. (Pina)

Conheci minha esposa em São Paulo, (...) temos essa menina linda de dois anos que está aprendendo a falar umbundo, a gente tá tentando manter a família unida embora essa dificuldade toda da modernidade. (Zunga)

Alguns relatos dão conta de uma preocupação com relação à aceitação tanto do companheiro brasileiro quanto do companheiro angolano por suas famílias.

Tais preocupações estão mais presentes no contexto das diferenças culturais, dos valores e costumes tradicionais, do que nas diferenças sociais.

Agora tem questões de, por exemplo, a minha avó, pra minha avó, ela vai querer saber se aquela branca tá tratando bem do meu neto. Ela precisa saber fazer o funji (...) é claro que minha esposa seria um pouco discriminada até, por alguns segmentos da minha família, por ser branca... (Pina)

Talvez o fator econômico possa vir a influenciar. Vejamos o que diz esta nossa entrevistada mais especificamente sobre este ponto.

Pra eles, eles perderam um irmão. Perderam um irmão porque, ele sempre estava sempre do lado deles, tudo fazia por eles e ele vem e trás uma mulher que não é brasileira (...) Pra eles é como se ele tivesse abandonado a eles para estar comigo, para dar tudo para mim. E não foi a verdade porque eu também sempre fui à luta. Então, eu acredito que eles não me aceitaram, até hoje a gente não tem bom relacionamento. O que deveríamos ter, talvez até em função de eu ser africana (...) são negros, mas, sabe, aqueles negros que têm preconceito do próprio negro... (Ana)

Além da não aceitação pela família do companheiro, outros problemas foram relacionados quando do estabelecimento aqui em São Paulo. Porém, a preocupação pairava na maior parte das vezes nas questões relacionadas à solidão, a não ter com quem contar em momentos difíceis, tais como a resolução de entraves burocráticos (vistos, documentação, etc.). Porém a discriminação e o preconceito também fizeram parte das dificuldades que tiveram e ainda têm que enfrentar.

Principalmente você que vem da África (...) Pra eles você fez mandinga pra pessoa ficar, como eles falam... por isso que eu digo, eu sofri preconceito de várias ordens (Ana)

4.4) preconceito e discriminação racial

Assim como Fanon⁷⁸, nossos entrevistados também descobriram o preconceito de cor: um ódio injustificado de uma raça por outra. Um ódio que alimenta a arrogância e a onipotência de uma parcela da humanidade contra outra. Um ódio que discrimina e que determina quem são os ricos e poderosos daqueles que são pobres, miseráveis e devem padecer ou apenas se sujeitar aos caprichos dos primeiros. Um ódio que divide a humanidade em dois blocos, o dos que dominam daqueles que são inferiorizados e menosprezados apenas por sua existência.

Porque é impossível colocar um pano preto e dizer que não existe mais discriminação, isso é até... eu espero não falar sobre isto aqui porque... mas a sociedade é assim, um lado discriminante e outro lado discriminado. (Tiko)

Não se deixem enganar pois o Brasil não é somente conhecido pelo futebol ou pelo carnaval, também é conhecido pela discriminação racial, não direta, mas velada, que mantém negros os morros, as favelas, as prisões.

No Brasil, país de maior população negra fora da África, os valores ancestrais africanos estão presentes e muito atuantes no processo de desenvolvimento da identidade e da cidadania. Há, porém, um processo de desvalorização dos elementos das cosmovisões de matrizes africanas. Vivemos em uma sociedade na qual os valores determinados por uma cultura branca européia são vistos como superiores, ocasionando aos afro-descendentes o desenvolvimento de uma auto imagem negativa, acompanhada de uma baixa estima, o que muito contribui para gerar condições desumanas de existência e tende a perpetuar-se em um processo de exclusão, sustentado por complexo mecanismo social.⁷⁹

Alguns dos relatos constantes deste trabalho deixam evidente que, apesar de saberem do preconceito racial existente no Brasil, não tinham consciência de como se davam tais ações e nem tampouco do sentimento experimentado pelos negros no país.

Eu vim pra cá e eu sabia das relações raciais aqui, do preconceito na verdade que se tem contra o negro. Claro que não tão forte quanto eu sei que é hoje, mas que eu sabia disso (...) eu não me

⁷⁸ FANON, Frantz. *Pele Negra, Mascaras Brancas*. Porto: Paisagem, s.d., p. 150.

⁷⁹ FERREIRA, Ricardo Franklin. *Afro-descendente: identidade em construção*. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000, 12

imaginava aquele medo de adolescente, você ir para um colégio, pra uma turma em que você vai ser hostilizado, eu já ficava, pensando: vou brigar. (Pina)

O preconceito foi uma das dificuldades que encontrei (...) nunca tinha conhecido antes apesar de, no meu país também ter mistura de cor e raça. Fui me acostumando e às vezes ignorando, mas não é superado enquanto houver, fico triste por saber que muitos brasileiros sofrem isso desde que nascem até quando envelhecem. (Ruca)

As dificuldades foram assim se moldando em torno de mais uma etapa difícil de ser vencida.

Foram difíceis por causa do racismo (desvelado e aberto) que muitas vezes enfrentei fruto de uma sociedade branca que dita as regras. Estereótipos raciais através de pessoas com as quais tivemos e com as quais temos convivido; livros, jornais, rádios e televisão. (Zico)

Quando falamos sobre discriminação e preconceito racial, devemos levar em conta que este conceito de inferioridade imposto ao negro durante tantos anos, tem o objetivo de suscitar um sentimento de incapacidade ao negro adulto que, por procuração o transfere aos filhos. Logo, a criança discriminada sofre duplamente. Primeiro porque desde cedo precisa lidar com um ódio que não lhe é devido e nem sabe porque ele existe, depois, porque se perturba com o abatimento dos pais e familiares muitas vezes enfraquecidos pela luta diária.

Como nos lembra Ferreira, a cor da pele e as características fenotípicas acabam se transformando em referências que associam raça e condição social, o que leva o afro-descendente a introjeção de um julgamento não só de inferioridade pela condição racial, mas também de um determinante das relações sócio-econômicas em que vive. Tais fatores acabam por favorecer o grupo dominante pelo qual responde a elite brasileira, que se auto-identifica ao branco europeu, assumindo assim um *status* de superioridade étnica.⁸⁰

Com o sentido de desvalorização da cultura africana, os veículos de comunicação, a escola e mesmo a igreja, propagam uma imagem

⁸⁰ Ibidem, p. 42.

estereotipada dos negros, sempre apresentados em posições subalternas, desvalorizados em sua estética, em sua inteligência e em sua organização social; apreciados somente enquanto “escravos” para servirem aos “senhores” brancos.

Meu filho e filha enfrentam na escola o racismo. A escola e a sociedade brasileira no geral não consegue lidar com esses problemas. A televisão (apresentadoras e apresentadores tanto de manhã, tarde, noite no programa das crianças) é 99% branca. A presença das pessoas negras é só decorativa; o que dá a sensação de uma hegemonia predominantemente branca. Nisso as crianças têm dificuldades de entender o país que é de índios, negros e brancos. Na verdade é que elas não conseguem se acharem no Brasil como negras pelo fato de que elas se sentem representadas pelas crianças brancas. Por isso perguntam negros/as não conseguem fazer aquilo e aquilo outro? Já sofreram o preconceito dentro de uma cultura que não sabe trabalhar por exemplo o Saci Pererê. *Já ouvi de perto minha filha ser chamada de “negra de merda”* (grifo nosso). Assim vão as coisas. Elas sabem que a diferença não justifica nada e que todos somos seres humanos. (Zico)

Com a auto-estima rebaixada, a criança negra não consegue reagir diante do preconceito o qual ainda não entende bem. Quando descobre que os brancos não gostam dela por ser negra, continua sem entender por quê não sabe o que fez para ser tratada desta forma, deseja no seu íntimo não ser negra, não quer ser insultada, nem deixar de fazer parte das brincadeiras. Mas, o adulto também não entende. Não entende porque os brancos são melhores, porque seu suor vale menos.

São muitos os porquês e a profusão de sentimentos e questionamentos tanto intensos quanto explícitos continuarem sem uma explicação. Seria então um “sentimento de inferioridade? Não, sentimento de inexistência. O pecado é preto e a virtude branca. (...) Sou culpado. Não sei por que, mas sinto que sou miserável”.⁸¹

Segue assim que os modelos de beleza a serem exaltados e divulgados são sempre os valores do homem branco, do cabelo liso, do olho claro, da casa espaçosa e da família perfeita, composta pelo pai, a mãe, os avós, um casal de filhos e um cão. A criança não tem referência e nem

⁸¹ FANON, *opus cit.*, p. 173.

tampouco modelos a seguir. Sua família nunca é identificada nas revistas, na televisão ou nos livros da escola.

A minha filha não quis ir mais na escola, outro dia ela faltou, eu não sabia porque que ela faltou, inventou uma doença pra não ir, (...) eu pensei que alguma coisa tivesse acontecido com ela sobre a saúde, mas no dia seguinte ela já estava bem, chegou na hora de ir pra escola ela não quis ir, porque? Ai depois ela falou: – ah mãe, eu não quero mais na escola porque lá tem um menino que me trata sempre, que eu sou negra. (Zélia)

Como entender tanto descaso: numa hora é o cabelo pixaim, noutra o nariz de abano, e noutra ainda o corpo esculpido que chama atenção... e aí vem o forte apelo sexual reservado aos homens e mulheres negras. Vemos assim que para os africanos ainda há um imaginário pautado no exótico, que inferioriza ainda mais sua condição.

Essa questão do preconceito que se tem pelo negro, claro que ali se tem uma coisa do exótico, é um cara que vem da África. (Pina)

Vocês moram com os animais ferozes, porque veio aqui? (Zico)

Como tornar-se e sentir-se aceito, respeitado e detentor de direitos se as relações, logo que se estabelecem determinam, uma rejeição que passa em primeiro lugar pelo estereótipo e não pelo que realmente se é. O negro acaba sempre, e ainda, sendo visto como ser inferior, improdutivo, preguiçoso, delinqüente.

Mostrar ao mundo, à sociedade que vive, que são iguais, que tem a mesma capacidade, anatomicamente, se tu tirar essa pele que é a pigmentação, (...) o que está dentro não vai ter diferença da cor da outra pessoa com outro tom de pele, vão ver os músculos, os nervos, o sangue é vermelho não muda de cor. (Dalila)

Enfim, o conceito de inferioridade foi incutido de tal forma que “a identidade da pessoa negra traz como histórico a condição de escravo e o estigma de ser um objeto de uso”, neste sentido, estão lutando contra toda e qualquer forma de discriminação racial, em favor da dignidade, da capacidade, da valorização da pessoa humana, pois “enfrenta, no presente, a constante discriminação racial, de forma aberta ou encoberta e, mesmo sob tais circunstâncias, tem a tarefa de construir um futuro promissor”.⁸²

⁸² FERREIRA, Ricardo Franklin. *Afro-descendente: identidade em construção*. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000, 41.

4.5) passos curtos em busca de um objetivo

O caminho que vem sendo percorrido em busca de uma vida que venha a oferecer melhores condições e possibilidades não pode ser encarado como algo simples. É claro que para quem saiu de um “estado de guerra”, no qual o sentimento de estagnação era comum a todos, matar leões aqui no Brasil é relativamente mais fácil. Ocorre que aqui, apesar de não haver uma guerra deflagrada, há um conflito armado camuflado, velado, não apenas no campo social, mas também no campo das idéias.

Negro e estrangeiro tem que matar seis leões enquanto que o negro brasileiro tem que matar 4 leões e o branco matar 1 leão.
(Zico)

As dificuldades precisam ser dribladas para a concretização de seus objetivos, e para ficar há a necessidade de passar-se por muitos percalços, mesmo porque a possibilidade de estar aqui não pode ser desperdiçada.

Os relatos vão sinalizando que os angolanos vêm para o Brasil para cumprirem um determinado objetivo. Os que estão matriculados na graduação através de convênios, têm a pretensão de voltar ao país logo após o término desta fase, no entanto, se houver a possibilidade de estenderem seus estudos em nível de pós-graduação certamente o farão.

Estava fazendo um curso e depois mudei para fazer pedagogia aí atrasou o visto e acabei complicando (...) pego mais quatro anos para poder fazer o mestrado, doutorado, quem sabe. Mas mestrado... porque de todo jeito na verdade, não é nem lecionar, (...) quero é dar aula na faculdade, então a ambição é chegar até o mestrado. (Tiko)

Os mais jovens têm claramente o objetivo de voltar o mais brevemente possível, mesmo porque o país passa por um momento em que necessita de mão de obra qualificada e especializada para assumir postos de trabalho, e é exatamente o que eles pretendiam ao vir estudar no Brasil.

Desde que vim nunca voltei para visitar, só espero terminar o curso para voltar de vez (...) e dar a minha contribuição naquilo que estiver ao meu alcance para ajudar a desenvolver o país, atualmente ha falta de quadros em todas as áreas de atuação e sei

que com o curso que estou fazendo aqui no Brasil terei boas oportunidades lá. (Ruca)

Problema de saúde falta de moradia, término de convênio, documentação irregular, muitos foram os incidentes que conspiraram para adiar a finalização dos estudos, mas não foram fator de desistência na busca por um objetivo há muito traçado:

O meu tempo de graduação terminou porque minha graduação terminou o ano passado, agora pensei em fazer o mestrado aqui na USP, to fazendo por conta própria, to desligado dos salesianos, porque o convênio dos salesianos só valia para o tempo da graduação, (...) não pensava em fazer mestrado lá porque é particular teria que pagar então não tinha meios suficientes, então dizia, vou concorrer na universidade pública, aí concorri aqui e fiquei aqui, e vim parar aqui na USP (...) lá na casa onde estou o prazo já terminou, (...) depois, não sei o que fazer, (...) a minha única esperança é aqui no CRUSP (...) podia alugar uma casa qualquer e viver sem problema, mas a questão é como me manter porque, eu tenho visto de estudante, e com visto de estudante não posso trabalhar, é proibido (...) então a pessoa acaba ficando presa sem saber o que fazer, então essa é a grande limitação que eu sofro e que alguns aspectos eu digo assim pensa que vai me impedir muito em prosseguir com os estudos, mas o objetivo é terminar e arriscar tudo o que tinha possível. (Rubio)

Se eu não tivesse trancado, o ano que vem eu já estava me formando já, já estava terminando. Já estou dois anos e pouco, quase três anos que tranquei, que eu saí. Entendeu, porque nasceu o filhinho e aí tem leite, tem fralda, tem tudo. Então ficou meio complicado. Agora é que eu estou me reerguendo novamente. (Ana)

O sonho de uma vida melhor, de ter um emprego que ofereça oportunidades, poder estudar e principalmente poder cuidar da família, enfim, é o sonho de todo homem, de toda mulher, de todo adulto, de todo jovem, não é só do angolano nem só do brasileiro, é um sonho presente em muitas mentes. É um simples sonho de uma vida simples e que deveria ser condição mínima para todo e qualquer ser humano. Viver com dignidade.

O desejo explícito nos relatos dá conta de que as pessoas querem viver uma vida melhor e para isto estavam dispostas a enfrentar dificuldades de qualquer ordem, por isso preferiram sair mesmo sem saber ao certo os riscos, confiavam, no entanto, que seriam capazes de superá-los. E é exatamente isto o que vem ocorrendo.

Os relatos dos entrevistados nos possibilitaram debruçarmo-nos avaliar sobre a existência de uma trajetória de relações familiares de angolanos que hoje, morando nesta cidade, puderam ter uma dupla vivência e experiência familiar: uma como raiz da família africana angolana e outra originária dos laços familiares e de amizade constituídos após chegada.

Pudemos observar ainda as mudanças ocasionadas pela permanência aqui no Brasil e suas conseqüências em especial no campo da educação. Alguns costumes sociais e culturais foram preservados e passaram por uma adequação necessária durante o convívio entre angolanos e paulistanos.

No entanto, as relações de socialização e de solidariedade entre angolanos e brasileiros são praticamente inexistentes no que diz respeito à existência de uma amizade mais aprofundada, ou seja, a busca de um sentimento coletivo, e de um espírito de cooperação se dá mais exclusivamente entre os próprios angolanos.

É possível que o grande percalço dessa caminhada seja a questão do preconceito racial, que vem sendo discutido no mundo todo especialmente, em África. Creio ser um obstáculo, mas acredito que é mais facilmente trabalhado por angolanos do que por brasileiros. Um de nossos entrevistados comenta o fato de que a África é predominantemente terra de negros e por isso os africanos, diferentemente dos brasileiros, têm consciência de sua negritude, de sua cor porque “nós conhecemos a nossa origem, conhecemos a nossa história”.

Com certeza esta é uma diferença entre nossas culturas, talvez por isso a questão da discriminação seja tão chocante, não apenas por sua existência desumana e cruel, mas pela forma com que esta questão é tratada, ou seria melhor dizer, não abordada, pelos próprios brasileiros.

4.6) o retorno para Angola, a concretização de um sonho

Voltar? Sim, nós iremos voltar! Se uníssemos os relatos, ecoaria em coro a resposta afirmativa, pois todos se propõem a voltar para “ajudar na reconstrução do país”, porque o país e a população necessitam de pessoas com mais capacitação, empenhadas no desenvolvimento, crescimento e fortalecimento da nação, precisam de pessoas em quem possam confiar, enfim, “agora é o momento” da volta.

As universidades irão necessitar de professores especializados, se tiverem mestrado e doutorado, muito melhor será. O campo estará aberto para a pesquisa, para a produção de saberes, “aquilo está a fervilhar, como uma doceria pra criança”.

Nós voltaremos para Angola. Por uma razão muito forte, a de ajudarmos nosso país na reconstrução nacional e na educação e formação de uma concepção contra qual a colonização sempre se bateu contra. (Zico)

Vou ter que voltar e começar tudo do zero. Se não for agora quando será. Agora é o momento. (Ana)

Mas eu quero voltar porque Luanda é (...) como se fosse uma doceria pra crianças, (...) é uma sociedade que muito pouca coisa foi pesquisada, em todos os sentidos, assim então, pra objeto de pesquisa aquilo ali tá fervilhando. (Pina)

Enquanto permanecem no Brasil, as condições para o retorno estão sendo estruturadas e impulsionadas com a finalidade de dar subsídio para a volta, a qual será de uma forma e em um contexto totalmente diferenciado daquele que os obrigou a se afastar. O país, as famílias, e o lugar mais íntimo do ser aguardam o regresso à pátria mãe.

Tenho objetivo de voltar e servir o pessoal da pátria do meu país levando coisas boas que eu acatei de um país amigo que é o Brasil que vai me ajudar a mudar algumas coisas no meu país isso pra melhor, né? Acho que é o objetivo que a maior parte das pessoas que estão fora hoje tão voltando (...) ajudando a reconstruir o país. (Dalila)

Nosso objetivo aqui no Brasil é estudar, porque é a coisa que é difícil lá no nosso país, então nós temos que estudar e aprender. Chegando o tempo nós vamos voltar no nosso lugar próprio, não vamos levar a cultura do Brasil, a gente aprende o que é de melhor

aqui, mas nem tudo (...) o que é de ruim não podemos levar, não.
(Zélia)

Na bagagem levam conhecimentos e ensinamentos. Podemos considerar que o período aqui vivido foi não só de aprendizagem, mas também de crescimento e maturidade não somente pelo tempo presente, mas também pelo passado recente, pelas lembranças e momentos difíceis que teimam em voltar à mente. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro.⁸³

Passei a me dedicar mais por questões sociais, por questões políticas, por questões de história e aí começou a nascer esse grande desejo de me formar e escrever um dia sobre essas coisas aí. Não com o objetivo, assim, de simplesmente escrever de um passado, mas apontar para possíveis saídas em relação a isso...
(Pina)

Não se pode colocar uma pedra sobre o passado, ele não deve ser esquecido, pois estas experiências que irão ressoar nas mentes de cada angolano serão uma pedra fundamental a ser re-significada na construção de uma nova vida, de um futuro melhor.

Até que ponto seria possível desconsiderar o que foi vivido, começar a valorizar o futuro sem dar importância ao que aconteceu no passado? Não, não seria possível desconsiderá-lo, mas sim aprender com ele, reescrever a história, e fazê-la melhor, pois os ensinamentos foram digeridos e direcionados de forma que possam ser aproveitados pelas novas gerações, que irão procurar “valorizar os eventos do passado, assim como as ações e os acontecimentos apreendidos, pois a vivência do presente e a construção do futuro dependem inteiramente deste aprendizado”.⁸⁴

Eu já sei que a nova geração de Angola não vai querer uma guerra um dia, porque todo mundo já tá enxergando de outra maneira, as pessoas que tiveram a chance de sair já tão a pensar de outro jeito, acho isso bestial, muito legal mesmo. (Dalila)

⁸³ WEILL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 317

⁸⁴ “Seria vão voltar às costas ao passado para só pensar no futuro. É uma ilusão perigosa acreditar que haja aí uma possibilidade. A oposição entre futuro e o passado é absurda. O futuro não nos traz nada, não nos dá nada; nós é que, para construí-lo, devemos dar-lhe nossa própria vida. Mas para dar é preciso ter, e não temos outra vida, outra seiva a não ser os tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados, recriados por nós. De todas as necessidades da alma humana não há outra mais vital que o passado” (Weill, S., 1979:353).

No momento Angola busca, por meio de financiamentos estrangeiros, a recuperação econômica e social. Pesquisas estão sendo desenvolvidas no campo da mineralogia, siderurgia, piscicultura, petroquímica, entre outras. O eixo industrial também começa a se desenvolver e as tecnologias acompanham o que dita a modernidade contemporânea.

Na verdade a minha pretensão é voltar, eu quero voltar, eu sei que lá é meu lugar (...) eu reconheço que eu devo lutar para o meu país que deve ser construído por um conjunto (...) penso meus projetos, minha participação em Angola, mas é.... é difícil para uma pessoa que pensa mudanças. (Mango)

Desta forma, é de crucial importância que as pessoas se empenhem em participar da reconstrução do país, na efetivação de empreendimentos que venham a possibilitar a reinserção social, a construção de políticas reais que atendam às suas necessidades, propor e realizar ações que visem o bem comum, por fim, participar ativamente da reconstrução da sociedade em que está inserido, discutindo e propondo politicamente ações que proporcionem a todos uma vida melhor.

Temos claro que as mudanças virão com o decorrer do tempo, mas para que aconteçam efetivamente todos deverão trabalhar. No momento, urge um planejamento e uma postura mais eficaz diante do novo que se abre, diante das possibilidades que o fim da guerra vem a proporcionar para os “sobreviventes”. Desta forma a população precisa buscar meios de reconstruir o país devastado, retomar suas vidas, e, assim poder sonhar com um futuro melhor.

Tudo o que eu quero pra minha família é construir uma casa, nós estamos num projeto (...), sair dessa vida tão urbana, queremos criar um pouco uma estrutura que esteja mais próxima do ser humano rudimentar, (...) mais bactérias no pé, bicho de pé, ensinar a minha filha a ter uma relação com gafanhoto, larva, essas coisas que quase que a gente não vê em apartamento. (Zunga)

Para Hanna Arendt, o trabalho deve ser reconhecido como forma de participação nas mudanças sociais. Antes disso, tais mudanças somente foram possíveis, pois ocorreram paulatinamente no decorrer do pensamento e do desenvolvimento político e social da humanidade.⁸⁵

⁸⁵ ARENDT, Hanna. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

Considerações Finais

Angola é um país massacrado pelo horror das guerras: primeiro, a guerra pela libertação nacional para livrar-se do subjugo do colonialismo português, e depois, a longa guerra civil pela posse e controle do poder local. Essas guerras provocaram milhares de mortos e milhões de desabrigados, famintos, desesperados, mutilados, órfãos e viúvas. As cidades foram devastadas e as famílias tiveram perdas incalculáveis.

Mais grave que a destruição das infra-estruturas foi a degradação moral e espiritual de pessoas que se sentiram forçadas a disputar os bens mais elementares, perdendo muitas vezes a dignidade humana (...)⁸⁶

A história atesta e muitos autores discorrem sobre as conseqüências da violência provocada pelas guerras como principal fator desencadeante da deterioração nacional, subdesenvolvimento e/ou estagnação e retração do desenvolvimento, opressão, desmantelamento e desrespeito às culturas tradicionais, miséria, fome, ausência de aspirações, negação às crenças, desarticulação psíquica, além da grande desordem social:

Perante a situação de guerra o indivíduo encontra-se num estado de permanente tensão. O sonho de mudança total acalentado pelo homem não se realiza. Reza a história que a mudança social é sempre desigual. Hoje o angolano, sem saudades da época colonial, lamenta falta de possibilidades do país se desenvolver. A guerra voltou a criar discrepâncias maiores e conseqüentemente a

⁸⁶ VENTURA, , Margarida. *O stress traumático e suas seqüelas nos adolescentes do sul de Angola*. Luanda: Editorial Nzila, 2003, p. 18.

mudança social não se efetivou e continua muito marcante a desigualdade entre a população.⁸⁷

O sofrimento pelo qual passou e passa o povo angolano é um fato. Nestes últimos anos, muitos morreram, mas também muitos nasceram. Há ainda aqueles que não conheceram outra realidade a não ser a das guerras, fome, discriminação, privação, morte.

Infelizmente as guerras levam os homens a vivenciar o medo, a incerteza, a desesperança. O homem se sente despojado de sua vida, de seu lugar, de sua terra, de sua raiz, de seus valores, Não existem dias, não existem noites, apenas o medo:

Uma guerra geralmente rouba dos habitantes seu espaço vital. Por meio da ocupação e da destruição da paisagem, da fuga forçada, do confinamento a um gueto ou da deportação, a guerra corrompe os significados que a vida atribuiu.⁸⁸

Começa o grande desafio, pois o problema a ser discutido e enfrentado não se limita à ampla questão da reconstrução nacional, mas prolonga-se com a urgente necessidade da reestruturação do indivíduo doente, marginalizado e desenraizado; logo o momento urge para que a população assuma papéis de engajamento ao processo de reconstrução e retomada da cidadania, implicando-se nestes projetos, enquanto sujeitos de ação e reação, participando ativamente na discussão de programas, na realização e prática de atividades que possibilitem um caminhar junto, sob a perspectiva social e psicológica, visando a recomposição física, cultural e mental dos

⁸⁷ MAIATO, Eufrazina T. C. L. Gomes. In: *A representação psico-social da doença mental em consequência da guerra em Angola*. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1998, p. 58.

⁸⁸ Frochtengarten, Fernando. *Memórias de vida, memórias de guerra: uma investigação psicológica sobre desenraizamento social*. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2002, p. 22.

indivíduos, de forma que os mesmos possam tornar a fincar e expandir suas raízes.

Para tanto, acreditamos serem necessárias medidas que possibilitem um conjunto de diretrizes a serem concatenadas em três esferas: social, psicológica e educacional, as quais, ao ser tratadas em conjunto, poderão propiciar um norte para a obtenção dos resultados esperados: manutenção da paz, resgate das condições culturais, sociais e psíquicas da população, além de trabalho, educação, possibilidades de crescimento e desenvolvimento.

Neste sentido, vários projetos já estão sendo colocados em prática com vistas à reorganização social, com o objetivo de encontrar a melhor maneira e a forma mais eficaz para que as modificações necessárias possam ser objetivadas: o tratamento de doenças, dos mutilados, dos famintos, dos desabrigados, dos sem-teto. Acresce o problema das áreas de aquartelamento e a questão da desmobilização e reintegração de ex-militares e seus familiares.

O governo luta e esforça-se no possível e busca ajuda no exterior na tentativa de realocar a população atingida diretamente pelos últimos conflitos e obter recursos internos e externos para reconstruir as cidades, reduzir a pobreza, erradicar as doenças endêmicas e proporcionar as condições minimamente adequadas para atendimento das necessidades mais urgentes, e, indubitavelmente, essenciais: moradia, alimentação, saúde e educação.

Os vinte e sete anos de guerra civil provocaram catástrofes nos mais variados campos. As perdas foram incalculáveis: cidades destruídas, população dizimada, pobreza, doenças, destruição e desagregação familiar.

A desestruturação e as consequências negativas que assolaram o país, serão ainda lembradas por muitos anos, principalmente pelos que perderam tudo ou quase tudo: família, amigos, moradia, enfim, que foram aniquilados e expulsos de sua terra. Diante deste contexto, muitos foram obrigados a abandonar sua terra, seus familiares e seus amigos.

Faz-se necessário apontar que, com o acordo de paz assinado em abril de 2002, estão sendo realizados muitos investimentos e vários projetos já foram implementados. Registram-se mais visivelmente as ações que em 2005 transformaram Luanda em um canteiro de obras públicas e privadas, com o desenvolvimento de tecnologias e projetos industriais ligados a negócios na área de serviços por todo o país, podemos notar, portanto, o nascimento de um novo período que trará a criação de postos de trabalho notadamente com as fábricas que estão em construção e algumas já em pleno funcionamento. Vemos assim que já foi dado início a ações concretas para a reconstrução e o desenvolvimento do país.

Analisando as trajetórias dos entrevistados, concluímos que as mesmas são diferenciadas, porém a urgência da saída teve o mesmo motivo: a guerra.

Podemos dizer que os angolanos pesquisados vieram embalados por um projeto de vida, que se não era o ideal, era o projeto possível, que permitiu viabilizar a possibilidade de saída do país em busca de melhores condições. No início alguns puderam contar com ajuda mediante bolsas e convênios com diferentes instituições, governamentais ou não. Posteriormente, conforme a permanência, conseguiram, de acordo com suas

histórias, proceder a algumas alterações em tais projetos, alguns ainda com limitações, sejam elas financeiras ou outras, mas o importante é que há uma mudança real, na qual estes projetos, hoje próprios, vão de encontro a uma outra realidade, mais viável e promissora.

Ao desenvolver nossa pesquisa, um de nossos objetivos era o de procurar entender uma possível reestruturação do indivíduo por meio de novas relações familiares e de amizade. Os relatos coletados nos levaram a perceber que de certa forma, houve uma ruptura com a família em Angola, pois grande parte dos que aqui estão saíram em consequência da guerra, e, em muitos casos, saíram para fugir de uma “morte anunciada”. No entanto, os laços sociais e familiares foram mantidos porque as famílias dos entrevistados objeto deste estudo, já possuíam, desde Angola, melhores condições de sobrevivência, por isso conseguiram sair do país para estudar, diferentemente de (muitos) outros que não tiveram as mesmas condições, nem a mesma infra-estrutura familiar:

Eu to feliz por ter a chance de vir porque muitas pessoas queriam vir mas não tinham dinheiro pra vir porque pra sair de lá pra aqui é super caro. (Dalila)

Apesar da ruptura ocorrida, se expressa a importância da vida em família e da manutenção da rede familiar através de parentes e de amigos. A família é vista, e sentida, como um “porto seguro” de onde se obtém força e coragem para enfrentar as dificuldades do dia-a-dia.

Percebemos também que a distância, as dificuldades encontradas e mesmo dificuldades relativas a uma comunicação mais amigável, não são impedimentos para que a “energia familiar” deixe de ser recebida e sentida por todos os entrevistados.

Os “encontros” entre angolanos em São Paulo são mantidos e buscados não apenas para matar a saudade do “falar” e da “comida da terra”, mas também para se organizar em defesa e em prol de objetivos comuns, tais como o incremento de melhores oportunidades: de estudo, de progressão nos estudos, de trabalho, de melhores condições de permanência no país e de melhores perspectivas para o futuro no retorno ao país de origem, assim como o incremento de políticas governamentais mais abrangentes que tratem das relações Brasil-Angola.

A gente criou um grupo de amigos, tivemos uma idéia de criar uma associação de angolanos estudantes, que tem ambições de estudar e fizemos uma sede, corremos atrás, marcamos entrevistas com o Reitor, com o Bispo da Faculdade Metodista, falamos com ele no sentido de termos um convênio, mas um convênio com vagas remanescentes onde a gente teria dez vagas. (Tiko).

Percebemos não haver muitas diferenças entre os relatos de nossos entrevistados, mesmo entre aqueles que estão solteiros ou que aqui se casaram ou daqueles que vieram para São Paulo com seus filhos.

Parece-nos, no entanto, que os solteiros estão mais preocupados em terminar os estudos, e voltar o mais brevemente possível para o país e para o convívio familiar. Quanto aos que aqui se casaram, também manifestam o desejo de voltar ao país, entendemos que os mesmos procuraram estabelecer com seus parceiros, uma relação baseada na equivalência e no respeito, fazendo valer as características e costumes de ambas as culturas.

Eu não posso impor na minha casa padrões angolanos, também não posso permitir que na minha casa se imponha padrões brasileiros, então tem que encontrar um certo...(meio termo) Tem que fazer uma síntese em que apareça uma outra estrutura que permeia as duas culturas. (Mango)

Quanto aos que para cá vieram com suas famílias, há um certo cuidado com a educação dos filhos, havendo um maior direcionamento na

manutenção da cultura e dos valores anteriormente apreendidos com os pais, avós, etc. Não estamos aqui para julgar a forma ou o modelo de educação adotado, no entanto, acreditamos que estes pais tendem a transmitir a seus filhos os seus próprios valores, muitas vezes impregnados de conceitos pré-concebidos, que se contrapõem às vivências e transformações da realidade atual, cultural e local, na qual estão criando seus filhos.

aqui no Brasil aonde a gente veio, é: se um filho obedecer ao pai, o pai tem também que obedecer ao filho, então nós falamos, o quê que esse filho tem e pode ensinar o pai? O pai vai ensinar porque ele já viu muita coisa, mas ele tá querendo ver, não sofreu ainda nenhuma consequência não sabe ainda de nada (...) meu filho quer furar a orelha, que é esse estilo, que a meninada tá a furar para colocar brinco, quero fazer trança. Eu disse: Não, se você furar a orelha e colocar trança na cabeça, é o vadio que anda assim, o homem não é pra trançar o cabelo. Mas é a moda, mas... Nunca trançamos o cabelo, fica assim. E ele está assim. Se você quer ir no salão pra cortar o cabelo eu te dou o dinheiro, mas pra trançar não. (Zélia)

Acreditamos ser este um ponto delicado não só no que diz respeito à diferença da educação praticada em casa da educação praticada na escola, mas dos valores que se tem para ensinar. Parece-nos necessário um bom discernimento e bastante sensatez para driblar tais mudanças e fazer valer determinados costumes e valores, no entanto, esta situação não é privilégio apenas das famílias angolanas.

Entendemos ainda que todos os entrevistados consideram sua permanência em São Paulo como provisória, pois acreditam e esperam retornar ao país para trabalhar na reconstrução, mas principalmente na manutenção da paz.

Diante do exposto, acreditamos sinceramente que não há como negar o sofrimento físico nem as seqüelas psicológicas infringidas pela guerra, no entanto, não seria este, agora, o ponto de partida? Não seria o momento de

parar de revolver o passado, a guerra, mas de aprender com eles? cremos, sim, que devemos visitar o passado para não incorrer nos mesmos erros e seguir avante em busca de um futuro, de desenvolvimento e de progresso, em todos os níveis, em todas as áreas.

Digamos que todo esse deslocamento e essas viagens todas que foram feitas no decorrer desse tempo deve-se a essa situação da guerra, eu penso que se não fosse essa situação não sei se estaria aqui nesse momento e também não sei se estaria, digamos, na província de Luanda que é a capital. Imagino que eu estaria continuando lá na província de Huambo. (Rubio)

Este relato propõe um questionamento sobre alguns fatores que podemos considerar positivo. Conforme descrito, se não fosse os deslocamentos em busca de segurança, de melhores condições de vida, provavelmente este nosso entrevistado poderia não estar no Brasil, mas o fato é que está, e assim como ele outros necessitaram buscar uma possibilidade de sair do país e tentar alterar e melhorar o próprio destino.

O importante aqui é o *quantum* de realidade que está sub-entendido nesta frase e ainda a perspicácia deste jovem que nos faz enxergar uma verdade que está além dos acontecimentos passados.

Estamos diante de uma geração de guerreiros. De jovens que querem viver a vida em sua essência e com todo seu vigor, e, sem sombra de dúvidas, têm o direito a isso.

É positivo, e gratificante, notar que, apesar de todas as vicissitudes por que passaram, os entrevistados nos relatam sua determinação em voltar e ajudar na reconstrução do país. Demonstram preocupação com o sistema de ensino deficitário e a necessidade de mudanças que poderão advir justamente por meio de propostas e projetos educacionais, que eles podem ajudar a tornar possível e real.

Apesar de os entrevistados estarem fora do país em busca de especialização, de maior aprendizado, o que querem a princípio não é a ascensão social, o *status* puro e simples, não querem altos cargos, querem, quando de seu retorno, inserir-se em escolas, faculdades, formar grupos de estudo e de pesquisa, dividir, expandir o que conseguiram.

Evidentemente, e realisticamente, isto não deixa de ser uma posição utópica, mas deixa antever que não estão de antemão imbuídos de ganância e não são levados pelo ódio, mas que ainda são, em sua maioria, garotos e garotas que não perderam a ingenuidade e a possibilidade de sonhar.

Bibliografia

ÁFRICA Internacional, Revista eletrônica, nº 18 “La posición de la mujer en la sociedad tradicional - Estructura Familiar”.
(www.eurosur.org/ai/18/mujer_1823.htm)

ABREU, Fernando Manuel Carreira. “Angola (1928-1962): a assimilação da população indígena das escolas das Missões Católicas”. In: RODRIGUES DE AREIA, M. L. e MIRANDA, M. A (orgs.) *Perspectivas sobre Angola*. Coimbra: Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, 2001.

ALTUNA, Pe. Raul Ruiz Asua. *Cultura Tradicional Banto*. Luanda: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1993.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, s.d.

ANGOLA HOJE, publicação da representação da Fundação Eduardo dos Santos – FESA – para o Brasil e América Latina.

ARENDT, Hanna. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

ARENDT, Hanna. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ARIÈS, Phillippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1981. (2ª ed.)

AZEVEDO, Aurélio. “A educação e o desenvolvimento econômico”. In: BOLETIM CULTURAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE LUANDA: Repartição de estatística cultural, propaganda e turismo, nº 5, outubro de 1964, 67-91.

BACCEGA, Maria Aparecida. *Mayombe: ficção e história* (uma leitura em movimento). Tese (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1985.

BATTAGLIA, Laura. *Algumas particularidades no adoecimento no homem*. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2001.

BOAVIDA, Américo. *Cinco séculos de exploração portuguesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

BOSI, Ecléa. “Cultura e desenraizamento”. In: BOSI, Alfredo (Org.). *Cultura Brasileira: temas e situações*. São Paulo: Editora Ática, 1987, p. 16-41.

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: herança de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.
- BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.
- CABRAL, Amílcar. "Identidade e dignidade no contexto da luta de libertação nacional". In: REVISTA RAÍZES, nº 4, outubro/dezembro, ano I, 1977. (palestra proferida por ocasião do recebimento do grau de *Doutor Honoris Causa* na Universidade de Lincoln, Pensylvania). [mimeo]
- CARNEIRO, João A. Oliveira. *Introdução à Angola*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 1975. [mimeo].
- CARVALHO, Iná M. M. e ALMEIDA, Paulo H. "Família e proteção social". In: São Paulo em Perspectiva, 17(2):109-122, 2003.
- CARVALHO, Paulo de. *Exclusão social em Angola*. O caso dos deficientes físicos de Luanda. Tese (Doutorado). Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), 2004.
- CHRISTIAN CHILDREN' FUND. CCF-Angola, *Paz é brincar à vontade*. Como as crianças viram a guerra em Angola, 2002.
- COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*, 3ª ed. RJ: Graal, 1989.
- DITTRICH, Alexandre. "Psicologia, direitos humanos e sofrimento mental: ação, renovação, libertação. In: PSICOLOGIA, CIÊNCIA E PROFISSÃO. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 1988, ano 18(1):46-55.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Porto: Sociedade Distribuidora de Edições, Lda., s.d.
- FERNANDES, Maria Esther. "A 'história de vida' como instrumento de captação da realidade social". In: CADERNOS CERU, (6):145-155, maio, 1995.
- FERREIRA, Ricardo Franklin. *Afro-descendente: identidade em construção*. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000.
- FIDALGO, Manuel. O binômio educação-instrução em Angola: segundo os textos legais, nos séculos XVI, XVII, XVIII e primeira metade do século XIX". In: BOLETIM CULTURAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE LUANDA: Repartição de estatística cultural, propaganda e turismo, nº 10, jan/fev/mar, de 1966, 34-41.
- FROCHTENGARTEN, Fernando. *Memórias de vida, memórias de guerra: uma investigação psicológica sobre desenraizamento social*. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.
- GONÇALVES FILHO, José Moura. "Humilhação social: um problema político em Psicologia". In: *Psicologia USP*, 9(2):11-67, 1998.

- GOODE, William *Revolução mundial e padrões de família*. São Paulo: Companhia Editora Nacional: EDUSP, 1969.
- HAMPATÉ Bâ, Amadou. "A palavra, memória viva na África". In: *Correio da Unesco*. Ed. Brasileira, ano 1, nº 1. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. Instituto de Documentação, 1973, p. 17-23.
- HONWANA, Alcinda. *Conhecimentos locais sobre o processo de cura e reintegração de crianças afetadas pela guerra em Angola*. Consultora Christian Children' Fund. Luanda: Editora Humbi, 1998.
- HUMAN RIGHTS WATCH. *Voltando à casa*. O retorno e reintegração em Angola. Relatório eletrônico, vol. 17, nº 2(A), New York, march, 2005.
- KABWASA, Nsanga O'Khan. "O eterno retorno". In: *Correio da Unesco*, Ed. Brasileira. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. Instituto de Documentação, s.d., s.n., p. 11.
- LOURO, Guacira L. "Segredos e mentiras no currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares". In: SILVA, Luiz H. (orgs.). *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2000, p. 33-47.
- LUCENA, Célia Toledo. *Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.
- MAIATO, Eufrazina T. C. L. Gomes. *A representação psico-social da doença mental em consequência da guerra em Angola*. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1998.
- MALINOWSKY, Bronislaw Kasper. *Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia* (3ª edição). São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- MESQUITA NETO, Paulo de e AFFONSO, Beatriz S. Azevedo. *Segundo Relatório sobre Direitos Humanos no Brasil*. São Paulo: Comissão Teotônio Vilela de Direitos Humanos, 2002. 320p.
- MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. *Continuidades e descontinuidades de um processo colonial através de uma leitura de Luanda*. Tese (Livre Docência) São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1988. *Continuidades e descontinuidades de um processo colonial através de uma leitura de Luanda: uma interpretação do desenho urbano*. São Paulo, no prelo (originalmente).
- MUNANGA, Kabengele. "Doença e cura nas sociedades negro-africanas tradicionais". In: CARISMA, formação do médico, 7(1-2):11-16. São Paulo: SANDOZ, 1986.

- MUNANGA, Kabengele. "Etnicidade, violência e direitos humanos em África". In: OLIVEIRA, Iolanda (org.). *Relações raciais e educação: a produção de saberes e práticas pedagógicas*. Niterói: EdUFF, 2000, p. 31-43.
- MUNANGA, Kabengele. "O universo cultural africano". In: "Revista da Fundação João Pinheiro", 14(7-10):66-74, Belo Horizonte, jul-out, 1984.
- NASCIMENTO, Analzira Pereira do. "Crise e Esperança: a práxis pastoral da Igreja Batista na Guerra de Angola 1985-2002". Dissertação (Mestrado). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2005.
- NOGUEIRA, Oracy. *Pesquisa social: introdução às suas técnicas* (4ª edição). São Paulo: Editora Nacional, 1977.
- NOTÍCIAS DE ANGOLA, Informativo do Consulado Geral de Angola no Rio de Janeiro.
- OUTHWAITE, W. & BOTTOMORE, I. (eds.) *Dicionário do Pensamento Social do século XX*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed., 1996.
- PRADO, Danda. *O que é família?* São Paulo: Brasiliense, 1985.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: CERU – FFLCH/USP, 1983. (Col. Textos, 4).
- RAGO, M. A sexualidade feminina entre o desejo e a norma: moral sexual e cultura literária feminina no Brasil, 1900-1932. In: REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA, ESPAÇO PLURAL, ANPUH/Marco Zero, S.P., 14(28):28-44, 1994; PENNA, M^a Valéria Juno. Mulheres trabalhadores: presença feminina na constituição do sistema fabril. R.J.: Paz e Terra, 1981. SEVCENKO, N. "História da vida privada no Brasil", 1998]
- REY, Fernando González. "Os desafios teóricos da psicologia social e suas implicações para as ações e o compromisso social". In: CANIATO, Ângela M. P. e TOMANIK, Eduardo A. (orgs.). *Compromisso social da psicologia*. Porto Alegre: ABRAPSOSUL, 2001, p. 27-59.
- RIESGO, "Conflitos em la Africa Subsahariana, (1980-1997). In: CUADERNOS, julio-octubre, 11(4-5):18, España: CIDAF, 1997.
- RODRIGUES BELO, Fábio Roberto. "Psicologia, direitos humanos e sofrimento mental: da tragédia ao respeito". In: PSICOLOGIA, CIÊNCIA E PROFISSÃO. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 1988, ano 18(1):56-67.
- SAMARA, Eni de Mesquita "A história da família". In: _____ (org.) *Historiografia brasileira em debate: "olhares, recortes e tendências"*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 2002, p. 195-197.

- SANTOS, Arnaldo. *Kinaxixe e outras prosas*. São Paulo: Ática, 1981.
- SARTI, Cynthia A. "Família e Individualidade: um problema moderno". In: CARVALHO, Maria do Carmo B. de (org.) *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 39-49.
- SERRANO, Carlos. "O processo de constituição dos estados nacionais e as questões culturais". In: *Países africanos e língua oficial portuguesa: reflexões sobre a história, desenvolvimento e administração*. São Paulo: FUNDAP, 1992, p. 85-102.
- SERRANO, Carlos. "A luta de libertação nacional e a crise do fascismo português". In: COGGIOLA, Osvaldo (org.) *Espanha e Portugal: o fim das ditaduras*. São Paulo: Xamã, 1995, p. 98-110.
- SERRANO, Carlos. "O imaginário e o sentido do apotropaico no simbolismo gráfico da arte africana" In: AREIA, M.L. Rodrigues e MIRANDA, M.A. (orgs.). *Perspectivas sobre Angola*. Coimbra: Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, 2001.
- TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira e DAMERGIAN, Sueli. "Para um novo humanismo: contribuições da Psicologia Social". In: REVISTA ESTUDOS AVANÇADOS, 10(28):291-316. São Paulo: IEA/USP, 1996.
- TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira. "Utopia e anti-utopia: o ressuscitar da história". In: SOUZA, Lídio et al (orgs.) *Psicologia: reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p. 13-24.
- THOT África, nº 80. São Paulo: Ed. Pallas Athena do Brasil, 2004.
- VENTURA, Margarida. *O stress traumático e suas seqüelas nos adolescentes do sul de Angola*. Luanda: Editorial Nzila, 2003
- VIEIRA, Camila Camargo. Memória oral e corporal da comunidade negra dos arturos. Relatório de qualificação ao Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, outubro de 2002.
- WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Anexos

MAPA DE ANGOLA
PROVÍNCIA DE ORIGEM DOS ENTREVISTADOS



Província de origem dos entrevistados



Organização: Jesus, J. B.
Fonte: <http://www.guiageo.com/>

qualificação dos entrevistados⁸⁹

1. ZUNGA
 - 1.1. Etnia: ovimbundo
 - 1.2. Província: Sumbe, Kuanza Sul
 - 1.3. Família no Brasil: casado, esposa brasileira branca, uma filha
 - 1.4. Profissão: Artista Plástico
 - 1.5. Permanência: 13 anos
2. MANGO
 - 2.1. Etnia: kimbundo
 - 2.2. Província: Libolo, Kuanza Sul
 - 2.3. Família no Brasil: ex-seminarista, casado, esposa brasileira negra, uma filha.
 - 2.4. Profissão: professor (pós-graduando em História da Ciência)
 - 2.5. Permanência: 5 anos
3. RUBIO
 - 3.1. Etnia: umbundo
 - 3.2. Província: Huambo
 - 3.3. Família no Brasil: solteiro (ex-seminarista)
 - 3.4. Profissão: estudante, pós-graduando FEUSP
 - 3.5. Permanência: 4 anos
4. ZÉLIA
 - 4.1. Etnia: quikongo
 - 4.2. Província: Zaire
 - 4.3. Família no Brasil: casada, marido angolano, três filhos.
 - 4.4. Profissão: dona de casa (fez comercio de roupas no inicio); não estuda.
 - 4.5. Permanência: 6 anos
5. ANA
 - 5.1. Etnia: ovimbundo (região) umbundo (avó materna) (avô materno quioco)
 - 5.2. Província: Benguela
 - 5.3. Família no Brasil: união estável, marido brasileiro negro, dois filhos.
 - 5.4. Profissão: dona de casa, trancou Faculdade de Direito.
 - 5.5. Permanência: 7 anos
6. TIKO
 - 6.1. Etnia: kimbundo
 - 6.2. Província: Luanda
 - 6.3. Família no Brasil: solteiro
 - 6.4. Profissão: estudante da área de Pedagogia (convênio)
 - 6.5. Permanência: 4 anos

⁸⁹ Os nomes dos entrevistados foram alterados para resguardar suas identidades.

7. PINA

- 7.1. Etnia: umbundo
- 7.2. Província: Luanda
- 7.3. Família no Brasil: casado, esposa brasileira branca
- 7.4. Profissão: professor, graduado em Ciências Sociais
- 7.5. Permanência: 12 anos

8. DALILA

- 8.1. Etnia: kimbundo
- 8.2. Província: Luanda
- 8.3. Família no Brasil: casada, marido angolano, duas filhas angolanas.
- 8.4. Profissão: dona de casa, estudante da área de Enfermagem.
- 8.5. Permanência: 6 anos

9. RUCA

- 9.1. Etnia: kimbundo
- 9.2. Província: Luanda
- 9.3. Família no Brasil: solteiro
- 9.4. Profissão: estudante da área de Ciências da Computação (convênio)
- 9.5. Permanência: 5 anos

10. ZICO

- 10.1. Etnia: kimbundo
- 10.2. Província: Luanda
- 10.3. Família no Brasil: casado, esposa angolana, dois filhos
- 10.4. Profissão: professor universitário e pesquisador
- 10.5. Permanência: 9 anos

11. NARCISO

- 11.1. Etnia: kimbundo
- 11.2. Província: Malange
- 11.3. Família no Brasil: solteiro, dois filhos, um angolano outro brasileiro.
- 11.4. Profissão: professor universitário (Mestre em Educação)
- 11.5. Permanência: desde 1995

qualificação dos meninos soldados⁹⁰

1. Nome: ASTRO
 - 1.1. Idade: 12 anos
 - 1.2. Treinamento: UNITA
 - 1.3. Local: Karilongue
 - 1.4. Província: Huambo
 - 1.5. Entrevista realizada em fevereiro de 1998

2. Nome: LOPES
 - 2.1. Idade: 12 anos
 - 2.2. Treinamento: UNITA
 - 2.3. Local: s/informação
 - 2.4. Província: idem
 - 2.5. Entrevista realizada em julho de 1997

3. Nome: BALTO
 - 3.1. Idade: 18 anos
 - 3.2. Treinamento: MPLA
 - 3.3. Local: não especificado
 - 3.4. Província: Bié
 - 3.5. Entrevista realizada em março de 1998

4. Nome: PITANGO
 - 4.1. Idade: 15 anos
 - 4.2. Treinamento: MPLA
 - 4.3. Local: Cambândua
 - 4.4. Província: Bié
 - 4.5. Entrevista realizada em março de 1998

⁹⁰ Os nomes de todas as crianças envolvidas neste documento foram mudados para proteger sua identidade. (Cf. HONWANA, 1998:11).

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)